

A Crônica de Akakor

KARL BRUGGER

Prefácio
de
ERICH VON DANIKEN

Tradução
de
BERTHA MENDES

LIVRARIA BERTRAND

PREFÁCIO DE ERICH VON DANIKEN

Os cientistas não são os únicos que enriquecem ao explorar o desconhecido. Karl Brugger, nascido em 1942, depois de completar os seus estudos de história e sociologia contemporânea, foi para a América do Sul como jornalista e obteve informações acerca de Akakor. Desde 1974 que Brugger é correspondente das estações de rádio e televisão da Alemanha Ocidental. Atualmente, é considerado um especialista em assuntos que dizem respeito aos Índios.

Em 1972, Brugger encontrou Tatumca Nara, filho de um chefe índio, em Manaus, na confluência do rio Solimões com o rio Negro, isto é, no início do Amazonas. Tatumca Nara é chefe dos índios Ugha Mongulala, Dacca e Haisha.

Brugger, investigador escrupuloso, ouviu a história inacreditável mas verdadeira que o mestiço lhe contou. Depois de ter verificado tudo conscienciosamente, decidiu publicar a crônica que tinha registrado no gravador.

Como estou habituado ao fantástico e sempre preparado para o extraordinário, não me emociono facilmente, mas devo confessar que me senti invulgarmente impressionado com A Crônica de Akakor tal como me relatou Brugger. Abre uma dimensão que obriga os céticos a verificar que o inconcebível é muitas vezes possível. Incidentalmente, A Crônica de Akakor foca precisamente o quadro que é familiar aos mitologistas de todo o mundo. Os deuses vieram “do céu”, instruíram os primeiros humanos, deixaram atrás de si alguns misteriosos instrumentos e desapareceram

INTRODUÇÃO

A Amazônia começa em Santa Maria de Belém, a cento e vinte quilômetros da costa do Atlântico. Em 1616, quando duzentos portugueses, sob a chefia de Francisco Castelo Branco, tomaram posse deste território em nome de Sua Majestade o Rei de Portugal e Espanha, o seu cronista descreveu-o como uma doce e convidativa zona de terreno com árvores gigantescas. Presentemente, Belém é uma grande cidade, com arranha-céus, de tráfego intenso e uma população de seiscentos e trinta e três mil habitantes. É o ponto de partida da civilização branca na sua conquista das florestas virgens da Amazônia. Contudo, através de quatrocentos anos, a cidade tem conseguido preservar traços do seu passado heróico e místico. Palácios de estilo colonial dilapidados e edifícios de azulejos com enormes portões de ferro são testemunhas de uma era famosa, quando a descoberta do processo de vulcanização da borracha elevou Belém ao nível de uma metrópole europeia. O mercado de dois andares na área do porto também data desta época. Aqui quase tudo pode ser comprado: peixe do Amazonas ou do oceano, perfumados frutos tropicais; ervas medicinais, raízes, bulbos e flores; dentes de crocodilo, que dizem ter propriedades afrodisíacas, e rosários feitos de terracota

Santa Maria de Belém é uma cidade de contrastes.

No centro, ruas ruidosas de tráfego, mas o mundo selvagem da ilha de Marajó, outrora povoada por uma das populações altamente civilizadas que tentaram conquistar a Amazônia, fica apenas a duas horas de viagem, rio acima, na margem oposta. De acordo com a história tradicional, os Marajoaras chegaram à ilha mais ou menos em 1100, quando a sua civilização estava no apogeu, mas na altura em que os exploradores europeus chegaram, este povo já tinha desaparecido. Tudo o que ele resta são belas cerâmicas, figuras estilizadas traduzindo dor, alegria e sonhos. Parecem contar uma história, Mas qual?

Até à ilha de Marajó, o Amazonas é uma confusa rede de canais, afluentes e lagoas. O rio estende-se por uma distância de seis mil quilômetros: nasce no Peru e atinge os rápidos colombianos, mudando de nome em cada país que atravessa – de Apurimac a Ucayali e Marañon, e de Marañon a Solimões. Para além da ilha de Marajó, o Amazonas tem um caudal maior que qualquer outro rio do mundo.

Um grande barco a motor, único meio de transporte na Amazônia, leva três dias para fazer a travessia de Belém à Santarém, a localidade mais próxima. É impossível compreender o grande rio sem ter experimentado estes barcos a motor, que incorporam a noção de tempo, vida e distância na Amazônia. Podem fazer-se cento e cinquenta quilômetros por dia (não por hora) rio abaixo; nestes barcos o tempo passa-se a comer, a beber, a sonhar e a amar.

Santarém fica situada na margem direita do Amazonas, na embocadura do rio Tapajós. Uma população de trezentos e cinquenta mil habitantes atravessa uma época próspera, pois a cidade é terminal da Transamazônica e atrai garimpeiros, contrabandistas e aventureiros. Uma das mais antigas civilizações da Amazônia floresceu aqui, o povo do Tapajós, provavelmente a maior tribo da selva índia. O historiador Heriarte afirmou que, se fosse necessário, tinham possibilidade de alinhar cinquenta mil arqueiros para uma batalha. Mesmo considerando este número um exagero, sabe-se que os Tapajós foram suficientemente numerosos para fornecer ao mercado de escravos portugueses durante

oitenta anos. Esta orgulhosa tribo não nos legou senão espécimes arqueológicos... e o rio que tem o seu nome.

Rios, cidades e lendas da Amazônia sucedem-se de Santarém a Manaus. Presume-se que o aventureiro espanhol Francisco Orellana combateu os habitantes da Amazônia na foz do rio Nhamundá. O lago Iacy, “Espelho da Lua”, situa-se na margem direita do rio, junto à povoação de Faro. De acordo com a lenda, as Amazonas desciam até o lago, vinda das montanhas que o rodeavam, quando havia lua cheia, para encontrarem os apaixonados que as esperavam. Mergulhavam em busca de pedras estranhas, que, debaixo de água, podiam ser amassadas como pão, mas que em terra adquiriam dureza. As Amazonas chamavam a estas pedras *muiraquitã* e davam-nas aos seus apaixonados. Os cientistas consideram-nas “milagres arqueológicos”: duras como o diamante, têm formas artificiais, se bem que a evidência tenha provado que os Tapajós não tinham ferramentas para trabalhar esta espécie de material.

O verdadeiro rio Amazonas nasce na confluência do rio Solimões com o rio Negro. De barco, leva-se vinte minutos para chegar a Manaus, que não tem qualquer estrada de comunicação com a costa. Foi aqui que encontrei Tatumca Nara, a 3 de Março de 1972. M., que comandava o contingente da selva brasileira em Manaus, tinha sido o encarregado de me proporcionar este encontro. Foi no Bar Graças a Deus que encontrei pela primeira vez o chefe índio. Era alto, tinha um longo cabelo escuro e um rosto delicadamente modelado. Os seus olhos, castanhos, pequenos e cheios de suspeita, eram característicos dos mestiços. Tatumca Nara vestia um desbotado uniforme tropical, que, tal como mais tarde me explicou, lhe fora dado pelos oficiais. O seu largo cinto de couro com fivela de prata era impressionante. Os primeiros minutos da nossa conversa foram difíceis. Com certa relutância, Tatumca Nara contou, em mau alemão, as suas impressões da cidade branca, com a sua imensa população, o trânsito das ruas, os elevados edifícios e o insuportável barulho. Só quando venceu a sua reserva e as suas suspeitas iniciais me contou a história mais extraordinária que jamais ouvi. Tatumca Nara falou-me da tribo dos Ugha Mongulala, um povo que há quinze mil anos foi “o eleito dos Deuses”. Descreveu duas grandes catástrofes que haviam devastado a Terra e referiu-se ao príncipe Lhasa, um filho dos Deuses, que governou no Sul do continente americano, às suas relações com o Egito, à origem dos Incas, à chegada dos Bárbaros e à aliança dos índios com dois mil soldados alemães. Falou de gigantescas cidades de pedra e instalações subterrâneas dos divinos antepassados. E contou-me que todos estes fatos tinham sido registrados num documento chamado *A Crônica de Akakor*.

A mais longa parte da sua história referia-se às lutas dos índios contra os brancos, contra os espanhóis e portugueses plantadores de borracha, colonos, aventureiros e soldados do Peru. Empurraram os Ugha Mongulala, de quem pretendia ser o príncipe, cada vez mais para os Andes, até mesmo nas instalações subterrâneas. Apelava agora para os seus maiores inimigos, os brancos, pedindo auxílio perante a iminente extinção do seu povo. Antes de falar comigo, Tatumca Nara conversara com altas personalidades brasileiras do Serviço de Proteção aos Índios, mas sem qualquer êxito. Esta, no entanto, era a sua história. Ia dar crédito ou não? No úmido calor do Bar Graças a Deus foi-me revelado um estranho mundo que, se existisse, tornavam reais as lendas maia e inca.

O segundo e o terceiro encontro com Tatumca Nara foram no meu quarto de hotel com ar condicionado. Num monólogo que durou horas, só interrompido para mudar a fita no gravador, ele contou a história dos Ugha Mongulala, as Tribos Escolhidas Aliadas, do ano zero até 12.453 (de 10.481 a. C. até 1972, de acordo com o calendário da civilização

branca). Mas o meu entusiasmo inicial tinha desaparecido. A história parecia-me excessivamente extraordinária: uma outra lenda da floresta, fruto do calor tropical e do místico efeito da selva impenetrável. Quando Tatumca Nara acabou a sua narrativa eu tinha doze gravações de um fantástico conto de fadas.

A história de Tatumca Nara só começou a parecer plausível quando, numa outra vez, encontrei um amigo, o oficial brasileiro M. Era membro do serviço secreto e fazia parte do “segundo departamento”. M. conhecia Tatumca Nara já havia quatro anos e confirmou, pelo menos, o fim das suas aventuras. O chefe índio salvara a vida de doze oficiais brasileiros cujo avião caíra na província do Acre e devolveu-os à civilização. As tribos índias de Yaminauá e Kaxinauá reverenciavam Tatumca Nara como chefe, muito embora não lhes pertencesse. Estes fatos foram documentados nos arquivos do serviço secreto brasileiro. Decidi investigar ainda mais a história de Tatumca Nara.

As minhas buscas no Rio de Janeiro, Brasília, Manaus e Rio Branco tiveram resultados extraordinários. A história de Tatumca Nara está documentada em jornais e começa em 1968, quando um chefe índio branco é mencionado por ter salvo a vida de doze oficiais brasileiros obtendo a sua libertação dos índios Haisha e levando-os para Manaus. Devido ao auxílio que prestou aos oficiais, Tatumca Nara foi recompensado com uma carteira de trabalho e um documento de identidade. De acordo com o que dizem as testemunhas, o misterioso chefe índio fala uma mau alemão, compreende só algumas palavras em português, mas é fluente em algumas línguas índias faladas no alto Amazonas. Poucas semanas depois da sua chegada a Manaus, Tatumca Nara desapareceu subitamente, sem deixar rastro.

Em 1969, surgiram grandes lutas entre as tribos de índios selvagens e os colonos brancos da fronteira do Peru na província de Madre de Dios, uma região miserável e esquecida na encosta oriental dos Andes. A velha história da Amazônia revivia: a revolta dos oprimidos contra os opressores, seguidos da vitória dos brancos, sempre vitoriosos. O chefe dos índios, que, de acordo com os relatos da imprensa do Peru, era conhecido por Tatumca (“grande serpente-d’água”), fugiu para território brasileiro após derrota. Com o propósito de evitar a continuação dos ataques, o Governo do Peru pediu ao Brasil a sua extradição, mas as autoridades brasileiras recusaram-se a cooperar.

A luta de fronteira da província de Madre de Dios acalmou aos poucos durante os anos de 1970 e 1971. As tribos índias selvagens fugiram para as quase inacessíveis florestas perto da nascente do rio Yaku. Aparentemente, Tatumca Nara desaparecera. O Peru fechou a fronteira com o Brasil e iniciou a invasão sistemática da floresta virgem. De acordo com testemunhas oculares, os índios do Peru partilharam da sorte dos seus irmãos brasileiros: foram assassinados ou morreram de doenças características da civilização branca.

Em 1972, Tatumca Nara voltou à civilização branca, e na cidade brasileira de Rio Branco relacionou-se com o bispo católico Grotti. Juntos pediram alimentos para os índios do rio Yaku nas igrejas da capital do Acre. Desde que a província do Acre tinha sido considerada “livre de índios” nem ao bispo foi concedido qualquer auxílio do Estado. Três meses mais tarde, monsenhor Grotti morria na queda misteriosa de um avião.

Mas Tatumca Nara não desistiu. Com o auxílio dos doze oficiais cuja vida salvara, entrou em contato com serviço secreto brasileiro. Apelou também para o Serviço de Proteção aos Índios do Brasil (a atual FUNAI) e contou a N., secretário da Embaixada da Alemanha Ocidental em Brasília, a história dos dois mil soldados alemães que desembarcaram no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e que ainda estavam vivos

em Akakor, a capital do seu povo. N. não acreditou na história e recusou o acesso de Tatumca Nara à embaixada. A FUNAI só concordou em cooperar depois de muitos pormenores da história de Tatumca Nara acerca das tribos índias da Amazônia serem confirmados, durante o Verão de 1972. O Serviço organizou então uma expedição para estabelecer contato com os misteriosos Ugha Mongulala e deu instruções a Tatumca Nara para fazer os preparativos necessários. No entanto, estes planos foram interrompidos devido à resistência das autoridades da província do Acre. Devido a instruções pessoais do governador Wanderlei Dantas, Tatumca Nara foi preso. Pouco antes da sua extradição para o Peru, os oficiais seus amigos libertaram-no da prisão de Rio Branco e tornaram a leva-lo para Manaus. E aqui me tornei a encontrar com Tatumca Nara.

O encontro seguinte teve uma seqüência diferente. Eu tinha verificado a sua história e comparado a fita gravada com o material dos arquivos e relatórios de historiadores contemporâneos. Alguns pontos podiam ser explicados, mas eu ainda pensava que muita coisa era inteiramente inacreditável, como por exemplo, as instalações subterrâneas e o desembarque dos dois mil soldados alemães. Mas era improvável que tudo isto fosse inventado: as datas do oficial M. e as da história de Tatumca Nara coincidiam.

No decorrer deste encontro, Tatumca Nara repetiu a história mais uma vez. Indicou num mapa a aproximada localização de Akakor, descreveu a rota dos soldados alemães de Marselha até o rio Purus e referiu-se a vários dos seus chefes. Desenhou vários símbolos dos deuses que presumivelmente apareciam na *Crônica de Akakor*. Voltava constantemente a estes misteriosos antepassados cuja memória ficara para sempre intacta no seu povo. Comecei a acreditar numa história cuja incredibilidade se tornava um desafio. Quando Tatumca Nara sugeriu que o acompanhasse a Akakor, aceitei.

Tatumca Nara, o fotógrafo brasileiro J. e eu partimos de Manaus a 25 de Setembro de 1972. Pretendíamos alcançar a parte superior do rio Purus num barco que alugáramos. Levávamos também uma canoa com motor de popa e utiliza-la-íamos para alcançar a região afluente do rio Yaku, na fronteira entre o Brasil e o Peru, e depois continuaríamos a pé pelas colinas dos Andes até Akakor. O tempo destinado à expedição era seis semanas, contando nós, regressar nos princípios de Novembro.

O nosso carregamento era constituído por redes, mosquiteiros, utensílio de cozinha, alimentos, as habituais roupas para a selva e remédios. Como armas levávamos uma *Winchester 44*, dois revólveres, uma espingarda de caça e grandes machados. Levávamos também equipamento para filmar, dois gravadores e máquinas fotográficas.

Os primeiros dias foram inteiramente diferentes daquilo que esperávamos: não apareceram nem mosquitos, nem cobras-d'água, nem piranhas. O rio Purus era como um lago que não tivesse margens. Avistávamos a selva no horizonte, com os seus mistérios oculto atrás de uma muralha verde.

A primeira cidade que alcançamos foi Sena Madureira, última povoação antes de se entrar nas inexploradas regiões fronteiriças entre o Brasil e Peru. Era típica de toda a Amazônia: estradas de argila suja, cabanas desmanteladas e um cheiro desagradável de água estagnada. Oito entre dez habitantes sofriam de beribéri, eram leprosos ou tinham malária. Uma má nutrição crônica deixara o povo num estado de triste resignação. Rodeadas pela brutalidade da selva e isoladas da civilização, as pessoas dependiam sobretudo da aguardente de cana, seu único meio de escapar a uma infeliz realidade. Num bar, dizemos adeus à civilização e encontramos um homem que presumivelmente conhece a parte superior do rio Purus. À procura de ouro, esteve cativo dos índios Haisha, uma tribo

semi-civilizada da vizinha região do rio Yaku. O que ele nos conta é desencorajante: falamos em rituais canibalescos e setas envenenadas.

A cinco de Outubro, na cachoeira Inglesa, trocamos o barco pela nossa canoa, e de agora em diante dependemos de Tatumca Nara. Os mapas mostram muito deficientemente o curso do rio Yaku. As tribos índias que vivem nesta região não têm qualquer contato com a civilização branca. J. e eu tínhamos ambos uma sensação desagradável: haverá na realidade um local chamado Akakor? Podíamos confiar em Tatumca Nara? Mas a aventura provava ser mais forte que a nossa ansiedade.

Doze dias depois de deixarmos Manaus, a paisagem começa a modificar-se. O rio até esse ponto parecia um mar acastanhado, sem praias. Agora navegávamos entre cipós, sob árvores inclinadas. Depois de uma curva do rio encontramos um grupo de prospectores que construíram uma fábrica primitiva na margem do rio e peneiravam uma areia grossa. Aceitamos o seu convite para ali passar a noite e escutamos as suas estranhas histórias de índios de cabelos pintados de azul encarnado que usavam setas envenenadas...

A viagem transforma-se em expedição contra as nossas próprias dúvidas. Estamos a uns escassos dez dias da nossa suposta meta. A dieta monótona, o esforço físico e o receio do desconhecido influíram poderosamente sobre nós. O que em Manaus parecia uma fantástica aventura tornou-se agora num pesadelo. Basicamente, pensávamos que gostaríamos de voltar e esquecer tudo acerca de Akakor, antes de ser demasiado tarde.

Ainda não encontramos índios. As primeiras montanhas dos Andes cobertas de neve surgem no horizonte: atrás de nós estende-se o verde-mar das terras baixas da Amazônia. Tatumca Nara prepara-se para voltar para seu povo. Numa estranha cerimônia, pinta o corpo: na cara traços vermelhos, e no peito e nas pernas riscas amarelo-escuras. Prende o cabelo atrás com uma tira de couro, que é decorada com os estranhos símbolos dos Ugha Mongulala.

A 13 de Outubro não temos possibilidade de regresso. Depois de uma perigosa passagem sobre as corredeiras, a canoa é apanhada por um redemoinho e vira-se. O nosso equipamento fotográfico, que vinha em caixas, perde-se na densa floresta das margens; metade dos nossos alimentos e remédios perderam-se também. Nesta situação desesperadora decidimos desistir da expedição e voltar para Manaus. Tatumca Nara reage com irritação: está impaciente e desapontado. Na manhã seguinte, J. e eu deixamos o nosso último acampamento. Tatumca Nara, com as pinturas de guerra do seu povo, usando só um pano a cobrir-lhe os rins, toma a estrada que o levará à sua tribo.

Este foi o meu último contato com o chefe dos Ugha Mongulala. Depois do meu regresso ao Rio de Janeiro, em Outubro de 1972, tentei esquecer Tatumca Nara, Akakor e os Deuses. Só no Verão de 1973 a recordação voltou: o Brasil principiara a sistemática invasão da Amazônia. Doze mil trabalhadores construíam duas estradas através da ainda não explorada selva, numa distância de sete mil quilômetros. Trinta mil índios tomaram os *bulldozers* por antas gigantes e fugiram para a selva. Começara o último ataque a Amazônia.

E com isto recordava as velhas lendas, tão fascinantes e míticas como antes. Em Abril de 1973, a FUNAI descobriu uma tribo de índios brancos na parte superior do rio Xingu, que Tatumca Nara me mencionara um ano antes. Em Maio, durante trabalhos de reconhecimento no Pico da Neblina, os guardas de fronteira brasileiros estabeleceram contato com índios que eram chefiados por mulheres. Estes também tinham sido descritos por Tatumca Nara. E finalmente, em Junho de 1973, várias tribos índias foram avistadas na região do Acre, que antes havia sido considerada "livre de índios".

Akakor existe realmente? Talvez não seja exatamente da maneira como Tatumca Nara a descreveu, mas a cidade é, sem dúvida alguma, real. Depois de tornar a ouvir as gravações de Tatumca Nara decidi escrever a sua história “com boas palavras e numa escrita clara”, como dizem os Índios. Este livro, *A Crônica de Akakor*, tem cinco partes. “O Livro do Jaguar” relaciona-se com a colonização da Terra pelos Deuses e vai até o período da segunda catástrofe mundial. “O Livro da Águia” compreende o tempo entre 6.000 e 11.000 (do seu calendário) e descreve a chegada dos Bárbaros. O terceiro livro, “O Livro da Formiga”, fala-nos de luta contra os colonizadores portugueses e espanhóis depois de desembarcarem no Peru e no Brasil. O quarto e último livro, “O Livro da Serpente-d’Água”, descreve a chegada de dois mil soldados alemães a Akakor e a sua integração no povo dos Ugha Mongulala; também prediz uma terceira grande catástrofe. Na quinta parte, o “Apêndice”, fiz o sumário dos resultados das minhas pesquisas nos arquivos brasileiros e alemães.

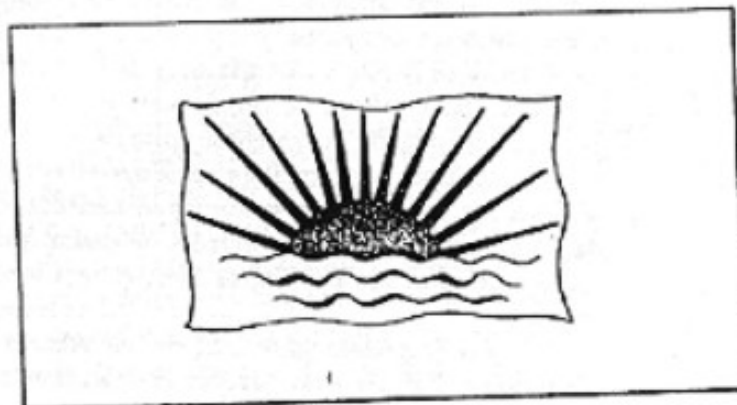
A maior parte deste livro, a atual *Crônica de Akakor*, segue justamente a narrativa de Tatumca Nara. Tentei torná-la tão literária quanto possível, mesmo quando os fatos parecem contradizer a historiografia tradicional. Fiz o mesmo com os mapas e desenhos baseados nas datas fornecidas por Tatumca Nara. Os escritos foram feitos por Tatumca Nara em Manaus. Todas as subseções estão precedidas por um curto sumário da história tradicional, para dar ao leitor uma base de comparação, mas restringem-se aos acontecimentos mais importantes da história da América do Sul. A tábua cronológica, no fim do livro, fornece a justaposição do calendário de Akakor com o da história tradicional. Noutro quadro refiro-me aos nomes prováveis dados pela civilização branca às várias tribos referidas no texto.

As citações da *Crônica de Akakor* impressas como suplemento foram ditas por Tatumca Nara, que as sabia de cor. Segundo ele, a crônica atual foi escrita em madeira, em pele e mais tarde também em pergaminho, e está guardada por sacerdotes no Templo do Sol, a maior herança dos Ugha Mongulala. O bispo Grotti foi o único homem branco a vê-la e trouxe com ele vários excertos. Depois da sua misteriosa morte, os documentos desapareceram. Tatumca Nara pensa que o bispo os escondeu ou que estão guardados nos arquivos do Vaticano.

Verifiquei o mais cuidadosamente possível todas as informações da “Introdução” e do “Apêndice” no que diz respeito à sua veracidade. As citações dos historiadores contemporâneos vêm de fontes materiais espanholas e traduzi-as eu próprio. Só acrescentei as minhas próprias considerações no “Apêndice”, para auxiliar o leitor a compreendê-las melhor. Por esta razão não me baseei nas teorias que dizem respeito a astronautas ou a seres divinos como possíveis antecessores da civilização humana. A ênfase deste livro diz respeito à história e à civilização dos Ugha Mongulala, em contraste com a dos Bárbaros Brancos.

Akakor existiu realmente? Há uma história escrita dos Ugha Mongulala? As minhas próprias dúvidas obrigaram-me a dividir este livro em duas partes. Na *Crônica de Akakor* só incluí os relatos de Tatumca Nara. O “Apêndice” contém o material que fui buscar nas respectivas origens. A minha contribuição não é muita, comparada com a história de um povo misterioso, com os Primitivos Mestres, leis divinas, instalações subterrâneas e muitas outras coisas. Esta é uma história que pode ter tido origem numa lenda, mas que, no entanto, pode ser confirmada. E o leitor deve ele próprio decidir se isto é um relato inteligentemente inventado, baseado em passos de escritos inadequadamente

históricos, ou um pedaço de história verdadeira relatada “com boas palavras e numa escrita clara”.



A bandeira de Akker

O LIVRO DO JAGUAR

*Este é o jaguar
Poderoso é seu salto
E forte as suas patas.
É o senhor das florestas.
Todos os animais são seus súditos.
Não tolera resistência.
Destrói o desobediente
E devora-lhe a carne*

I- I- O REINO DOS DEUSES

600.000 A. C. – 10.481 A. C.

O início da história da humanidade é uma questão contestada. De acordo com a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias para a sua própria honra e para a honra da humanidade. Então ele moldou o homem do pó e deu-lhe o sopro da vida. Mas de acordo com o Popol Vuh, o Livro do Maia, o homem só surgiu na quarta criação divina, depois de três mundos anteriores terem sido destruídos por medonhas catástrofes. A historiografia tradicional coloca o início da história da humanidade em 600.000 a. C., e os primeiros humanos não conheciam ferramentas nem o uso do fogo. Segue-se, cerca de 80.000 a. C., o homem de Neandertal, que avançara extraordinariamente e conhecia o uso do fogo, tendo desenvolvido ritos funerários. A Pré-História, a primitiva história do homem, começa em 50.000 a. C.; de acordo com achados arqueológicos, tem sido dividida em Idade da Pedra, do Bronze e do Ferro. Durante a Idade da Pedra, o homem era caçador e pastor; caçava o mamute, cavalos selvagens e rangíferos. Com a lenta regressão da camada de gelo, gradualmente foi seguindo os animais que se dirigiam para o norte: a agricultura e os animais domésticos eram-lhe ainda desconhecidos. No entanto, as suas pinturas nas paredes dos abrigos são evidência de uma arte surpreendentemente sofisticada, baseada nos ritos de caça mágico-religiosa. Está assente que cerca de 25.000 a. C. as primeiras tribos da Ásia Central atravessaram o estreito de Bering em direção à América.

OS MESTRES ESTRANGEIROS DE SCHWERTA

A Crônica de Akakor, a história escrita do meu povo, começa na hora zero, quando os Deuses nos deixaram. Nessa época, Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, resolveu que tudo quanto acontecesse fosse narrado com boas palavras e numa escrita clara. E assim, *A Crônica de Akakor* é testemunha perante a História do mais antigo povo do mundo, desde o início, a hora zero, quando os Primitivos Mestres nos deixaram, até ao momento atual, quando os Bárbaros Brancos estão a tentar destruir o nosso povo. Explica o testamento dos Antigos Pais – o seu saber e a sua prudência. E descreve a origem do tempo, quando o meu povo era o único do continente e o Grande Rio ainda corria de um e de outro lado, quando o país era ainda plano e suave como o lombo de um cordeiro. Tudo isto está escrito na crônica, a história do meu povo, desde a partida dos Deuses, a hora zero, que corresponde ao ano de 10.481 a. C. de acordo com o calendário dos Bárbaros Brancos.

Esta é a história. Esta é a história dos Servidores Escolhidos. No início era o caos. Os homens viviam como animais, sem razão, sem conhecimento, sem leis, e sem

trabalhar o solo, sem se vestirem, nem sequer cobrindo a sua nudez. Não conheciam nada dos segredos da natureza. Viviam em grupos de dois e três, como o acaso os juntava, em cavernas ou nas fendas das rochas. Caminhavam com os pés e as mãos até a chegada dos Deuses. Eles trouxeram a luz.

Não sabemos quando tudo isto aconteceu. Donde vieram esses seres estranhos é um tênue conhecimento. Um denso mistério envolve a origem dos Primitivos Mestres, que nem sequer o conhecimento dos sacerdotes consegue esclarecer. De acordo com a tradição, a época deve ter sido 3.000 anos antes da hora zero (13.481 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos). De repente, navios brilhantes, dourados, apareceram no céu. Enormes línguas de fogo iluminaram a planície. A terra tremeu e o trovão ecoou sobre as colinas. O homem baixou a cabeça em sinal de veneração, perante as poderosas e estranhas criaturas que vinham tomar posse da Terra.

Estes estranhos indivíduos disseram que a sua pátria se chamava Schwerta, um mundo muito distante, na profundidade do universo, onde viviam os seus antepassados e donde eles tinham vindo com a intenção de espalhar conhecimento pelos outros mundos. Os nossos sacerdotes dizem que era um poderoso império constituído por muitos planetas e com inúmeros grãos de pó na estrada. Também dizem que ambos os mundos, o dos Primitivos Mestres e a própria Terra, se encontravam de seis mil em seis mil anos. Então os Deuses voltam.

Com a chegada dos estranhos visitantes ao nosso mundo começou a Idade do Ouro. Cento e Trinta famílias dos Antigos Pais vieram para a Terra para libertar o homem da escuridão. E os Deuses reconheceram-nos como seus irmãos. Instalaram as tribos errantes; deram-lhes bons quinhões de todos os comestíveis. Trabalharam diligentemente para ensinar ao homem as suas leis, mesmo quando o seu ensino encontrava oposição. Por todo este labor, e por causa de tudo quanto sofreram pela humanidade e por quanto nos trouxeram e nos esclareceram, nós veneramo-los como os iniciadores da nossa luz. E os nossos artistas mais hábeis reproduziram imagens dos Deuses que testemunham através de toda a eternidade a sua verdadeira grandeza e maravilhoso poder. E assim a imagem dos Primitivos Mestres ficou descrita até aos nossos dias.

Aparentemente, esses oriundos de Schwerta não eram diferentes do homem. Tinham uns corpos graciosos e pele branca. O seu rosto nobre era emoldurado por uma cabeleira de um preto azulado. Uma barba espessa cobria-lhes o lábio superior e o queixo. Tal como os homens, os Antigos Pais eram seres vulneráveis, com carne e sangue. Mas o sinal que os distinguiu decisivamente dos homens era terem seis dedos nas mãos e nos pés, característica da sua origem divina.

Quem pode aprender a penetrar os atos dos Deuses? Quem pode aprender a compreender os seus feitos? Seguramente, eram poderosos e incompreensíveis para os vulgares mortais. Conheciam o curso das estrelas e as leis da natureza. Na realidade, eram-lhes familiares as mais altas leis do universo. Cento e trinta famílias dos Antigos Pais vieram para a Terra e trouxeram a luz.

AS TRIBOS ESCOLHIDAS

A memória dos nossos mais antigos antepassados torna-me assombrado e triste. O meu coração pesa-me porque agora estamos sós, abandonados pelos nossos Primitivos Mestres. Devemos-lhe a nossa força e tudo quanto sabemos. Antes de estes estranhos vierem de Schwerta, os homens vagueavam como crianças que perderam o lar, cujos corações não albergavam amor. Juntavam raízes, bulbos e frutos selvagens; viviam em cavernas e buracos cavados no solo; e tinham disputas com os vizinhos por causa das peças caçadas. Depois vieram os Deuses e estabeleceram uma nova ordem no mundo. Ensinaram aos homens a cultivar a terra e a criar animais. Ensinaram-lhes a tecer e distribuíram lares permanentes às famílias e aos clãs. E foi assim que as tribos se desenvolveram.

Este foi o início da luz, da vida e das tribos. Os Deuses juntaram os homens. Deliberaram, consideraram e fizeram reuniões. Depois tomaram decisões. E entre o povo escolheram os criados que deviam viver com eles, servos a quem legaram todo o seu saber.

Com as famílias escolhidas os Deuses fundaram uma nova tribo, a que deram o nome de Ugha Mongulala, que na língua dos Bárbaros Brancos significa “Tribos Escolhidas Aliadas”. Como penhor dos seus eternos acordos, ligaram-se aos servos. Portanto, os Ugha Mongulala parecem-se com os seus divinos antepassados mesmo ainda hoje. São altos; o rosto é caracterizado por maçãs salientes, um nariz bem delineado e olhos em forma de amêndoa. Tanto os homens como as mulheres têm um espesso cabelo preto-azulado. A única diferença eram os cinco dedos dos mortais, tanto nas mãos como nos pés. Os Ugha Mongulala são o único povo de pele branca do continente.

Se bem que os Primitivos Mestres guardassem muitos segredos, a história do meu povo também explica a história dos Deuses. Os estranhos vindos de Schwerta fundaram um poderoso império. Com o seu conhecimento, a sua superior sabedoria e os seus misteriosos utensílios, foi-lhes fácil modificar a Terra de acordo com as suas próprias idéias. Dividiram o país e construíram estradas e canais. Semearam plantas até então desconhecidas pelo homem. Ensinaram aos nossos antepassados que um animal não é só presa de caça, mas que também pode constituir uma posse valiosa e indispensável contra a fome. Pacientemente, partilharam o conhecimento necessário, de modo que o homem pudesse entrar na posse dos segredos da natureza.

Baseados nesta sabedoria, os Ugha Mongulala sobreviveram durante milênios, apesar das horríveis catástrofes e das terríveis guerras. Como os Servos Escolhidos dos Primitivos Mestres, determinaram a história da humanidade durante 12.453 anos, tal como foi escrito na *Crônica de Akakor*:

A linhagem dos Servos Escolhidos não desapareceu. Os chamados Ugha Mongulala sobreviveram. Muitos dos seus filhos podem ter morrido em guerras devastadoras; medonhas catástrofes deram-se nos seus domínios. Mas a força dos Servos Escolhidos permaneceu intacta. Eram os senhores. Eram os descendentes dos Deuses.

O IMPÉRIO DE PEDRA

A Crônica de Akakor, a história escrita do povo dos Ugha Mongulala. Só começa depois da partida dos Primitivos Mestres, no ano zero. Nesta altura, Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, ordenou que todos os acontecimentos fossem registrados com boas palavras e numa escrita clara, e com a devida veneração pelos Primitivos Mestres. Mas a história dos Servos Escolhidos remonta a mais tarde, à Idade do Ouro, quando os Antigos Pais ainda governavam o Império. Desta época muito poucos testemunhos se têm conservado. Os Deuses devem ter estabelecido um poderoso império, onde a todas as tribos foram distribuídas tarefas. Os Ugha Mongulala atingiram o seu mais elevado grau. Era povo de grande sabedoria, o que o tornava superior a todos os outros. No ano zero, os Deuses legaram as suas cidades e templos às Tribos Escolhidas. Duraram doze mil anos.

Poucos Bárbaros Brancos têm visto estes monumentos ou a cidade de Akakor, capital do meu povo. Alguns soldados espanhóis capturados pelos Ugha Mongulala conseguiram fugir servindo-se de passagens subterrâneas. Aventureiros e colonos brancos que descobriram a nossa capital têm sido presos pelo meu povo.

Akakor, capital do domínio, foi construída há catorze mil anos pelos nossos antepassados, guiados pelos Primitivos Mestres. O nome também foi dado por eles: *Aka* significa “fortaleza” e *Kor* significa “dois”. Akakor é a segunda fortaleza. Os nossos sacerdotes também falam na primeira fortaleza, Akanis. Erguia-se num estreito istmo na região que é hoje o México, no local em que os dois oceanos se encontram. Akahim, a terceira fortaleza, só é mencionada na crônica anterior ao ano 7.315. A sua história está intimamente ligada à de Akakor.

A nossa capital ergue-se num vale, nas montanhas, entre dois países: Peru e Brasil. Está protegida em três lados por rochas escarpadas. Para leste, uma planície que desce gradualmente alcança a selva de cipós da grande região da floresta. Toda a cidade é rodeada por uma alta muralha de pedra com treze entradas. Estas são tão estreitas que só dão entrada a uma pessoa de cada vez. A planície a leste é guardada por vigias de pedra onde guerreiros escolhidos estão sempre vigilantes, por causa dos inimigos.

Akakor é traçada em retângulos. Duas ruas principais cruzadas dividem a cidade em quatro partes, correspondendo aos quatro pontos universais dos nossos Deuses. O Grande Templo do Sol e um portal de pedra cortado de um só bloco erguem-se numa vasta praça, ao centro. O templo está voltado a leste, para o sol-nascente, e é decorado com imagens dos nossos Primitivos Mestres. As criaturas divinas usam um bastão encimado pela cabeça de um jaguar. A figura está coroada por um toucado de ornamentos animais. Os trajes são enfeitados com desenhos semelhantes. Uma escrita estranha, que só pode ser interpretada pelos nossos sacerdotes, fala da fundação da cidade. Todas as cidades de pedra que foram construídas pelos nossos Primitivos Mestres têm um portal semelhante.

O mais impressionante edifício de Akakor é o Grande Templo do Sol. As suas paredes exteriores não têm enfeites e são feitas com pedras engenhosamente cortadas. O telhado do Templo é aberto de modo que os raios do sol-nascente podem alcançar um espelho dourado que data da época dos Primitivos Mestres e está montado na frente. Figuras de pedra de tamanho natural erguem-se de ambos os lados da entrada do templo. As paredes interiores estão cobertas de relevos. Numa grande arca de pedra embutida na parede fronteira do templo estão escritas as leis dos nossos Primitivos Mestres.

Contíguas ao Grande Templo do Sol, erguem-se às instalações dos sacerdotes e dos seus criados, o palácio do príncipe e os aposentos dos guerreiros. Estes edifícios têm forma retangular e são feitos de blocos de pedra esculpidos. Os telhados são de uma espessa camada de relva assente em estacas de bambu.

Na época do reino dos nossos Primitivos Mestres, outras vinte e seis cidades de pedra rodeavam Akakor, e são todas mencionadas na crônica. As maiores eram Humbaya e Patite, na região onde hoje se estende a Bolívia, Emim, na parte baixa do Grande Rio, e Cadira, nas montanhas da atual Venezuela. Mas todas elas foram completamente destruídas na primeira Grande Catástrofe, treze anos após a partidas dos Deuses.

Além destas poderosas cidades, os Antigos Pais, também ergueram três complexos sagrados: Salazere, na parte superior do Grande Rio, Tiahuanaco, no Grande Lago e Manoa, no elevado planalto do sul. Estas eram as residências terrenas dos Primitivos Mestres e terreno proibido para os Ugha Mongulala. No centro, elevava-se uma gigantesca pirâmide, e uma vasta escadaria erguia-se até a plataforma, onde os Deuses celebravam cerimônias que hoje nos são desconhecidas. O edifício principal era rodeado por pirâmides menores interligadas por colunas, e mais adiante, em colinas criadas artificialmente, erguiam-se outros edifícios, decorados com placas brilhantes. À luz do sol nascente, contam os sacerdotes, as cidades dos Deuses pareciam estar em chamas. Irradiavam uma luz misteriosa que brilhava nas montanhas cobertas de neve.

Dos recintos do templo sagrado, só vi Salazere com os meus próprios olhos. Fica a uma distância de oito dias de viagem da cidade que os Bárbaros Brancos chamam Manaus, num afluente do Grande Rio. Os seus palácios e templos ficaram completamente cobertos pela selva de cipós. Só o topo da grande pirâmide ainda se ergue acima da floresta, coberto por uma densa mata de arbustos e árvores. Mesmo os iniciados têm dificuldade em chegar ao local onde moravam os Deuses. O território da Tribo que Vive nas Árvores está rodeado por profundos pântanos. Depois do primeiro contato desta tribo com os Bárbaros Brancos, ela retirou-se para as florestas inacessíveis que rodeiam Salazere. Ali, as pessoas vivem nas árvores como macacos, matando quem ouse invadir a sua comunidade. Só consegui alcançar os arredores do templo por esta tribo ser, há milhares de anos, aliada dos Ugha Mongulala, e ainda hoje respeitam os sinais secretos de reconhecimento. Estes sinais estão gravados numa pedra na parte superior da plataforma da pirâmide. Embora possamos copiá-los, perdemos toda a compreensão do seu significado. O cercado do templo também se mantém um mistério para o meu povo. Os edifícios são testemunho de um elevado conhecimento, incompreensível para os humanos. Para os Deuses, as pirâmides eram não só moradias, mas também símbolos de vida e de morte. Eram sinais do Sol, da luz e da Vida. Os Primitivos Mestres ensinaram-nos que há um lugar entre a vida e a morte, entre a vida e o nada, que está sujeito a um tempo diferente. Para eles, a pirâmide era o elo com a segunda vida.

AS MORADIAS SUBTERRÂNEAS

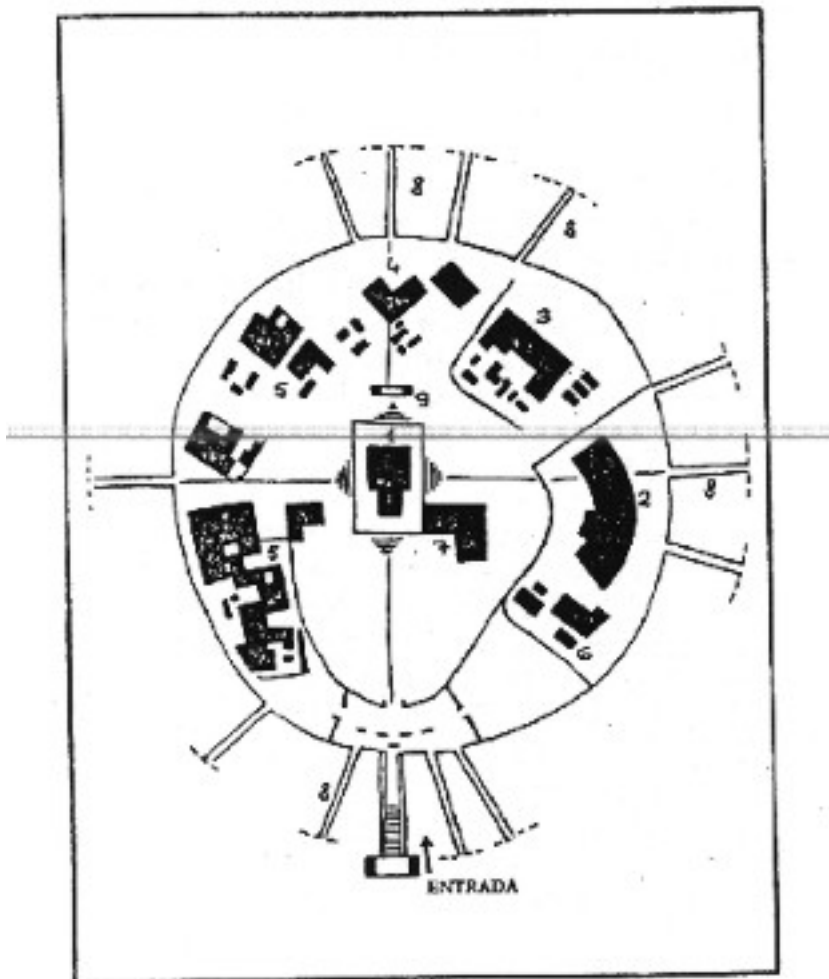
Grande era o conhecimento dos Primitivos Mestres e grande era a sua sabedoria. A sua visão alcançou as colinas, planícies, florestas, mares e vales. Eram seres

milagrosos. Conheciam o futuro. A verdade fora-lhes revelada. Perspicazes, eram capazes de grandes decisões. Ergueram Akanis, Akakor e Akahim. Na verdade, os seus trabalhos eram poderosos, como o eram os métodos que usavam para os criar: a maneira como determinaram os quatro cantos do universo e os seus quatro lados. Os senhores do cosmo, seres do céu e da terra, criaram quatro cantos e quatro lados do universo.

Akakor agora está em ruínas. A grande entrada de pedra está destruída. Cipós crescem no Grande Templo do Sol. Por minha ordem, e de acordo com o Supremo Conselho e os sacerdotes, os guerreiros Ugha Mongulala destruíram a nossa capital há três anos. A cidade teria traído a nossa presença perante os Bárbaros Brancos e, assim, nós abandonamos Akakor. O meu povo fugiu para os abrigos subterrâneos. A última dádiva dos Deuses. Temos treze cidades, profundamente ocultas nas montanhas que se chamam Andes. O seu plano corresponde à constelação de Schwerta, a pátria dos Antigos Pais. A Baixa Akakor fica no centro. A cidade fica assentada numa caverna gigantesca feita pelo homem. As casas, ordenadas em círculo e contornadas por uma muralha decorativa, têm no centro o Grande Templo do Sol. Tal como na parte superior de Akakor, a cidade está dividida por duas ruas em cruz, que correspondem aos quatro cantos e aos quatro lados do universo. Todas as estradas lhes são paralelas. O maior edifício é o Grande Templo do Sol, com torres que sobem além dos edifícios onde estão instalados os sacerdotes e os seus criados, do palácio do príncipe, das instalações dos guerreiros e das mais modestas casas do povo. No interior do templo há doze entradas para os túneis que ligam a Baixa Akakor com outras cidades subterrâneas. Têm paredes inclinadas e um teto liso. Os túneis são suficientemente largos para comportar cinco homens lado a lado. Qualquer das outras cidades fica a grande distância de Akakor.

Doze das cidades – Akakor, Budo, Kish, Boda, Gudi, Tanum, Sanga, Rino, Kos, Amam, Tata e Sikon – são iluminadas artificialmente. A luz altera-se de acordo com o brilho do Sol. Só Mu, a décima terceira e a menor das cidades, tem altas colunas, que atingem a superfície. Um enorme espelho de prata espalha a luz do Sol sobre toda a cidade. Todas as cidades subterrâneas são cruzadas por canais que trazem água das montanhas. Pequenos afluentes fornecem edifícios individuais e casas. As entradas na superfície estão cuidadosamente disfarçadas. Em caso de emergência, os subterrâneos podem ser desligados do mundo exterior por grandes rochas móveis que servem de portões.

Nada sabemos da construção da Baixa Akakor. A sua história perdeu-se na escuridão do mais remoto passado. Mesmo os soldados alemães que viveram com o meu povo não conseguiram esclarecer este mistério. Durante anos mediram os subterrâneos dos Deuses, exploraram o sistema de túneis e procuraram o sistema de respiro, mas sem terem o mínimo êxito. Os nossos Primitivos Mestres construíram as habitações subterrâneas de acordo com os seus próprios planos e leis, que nos são desconhecidos.



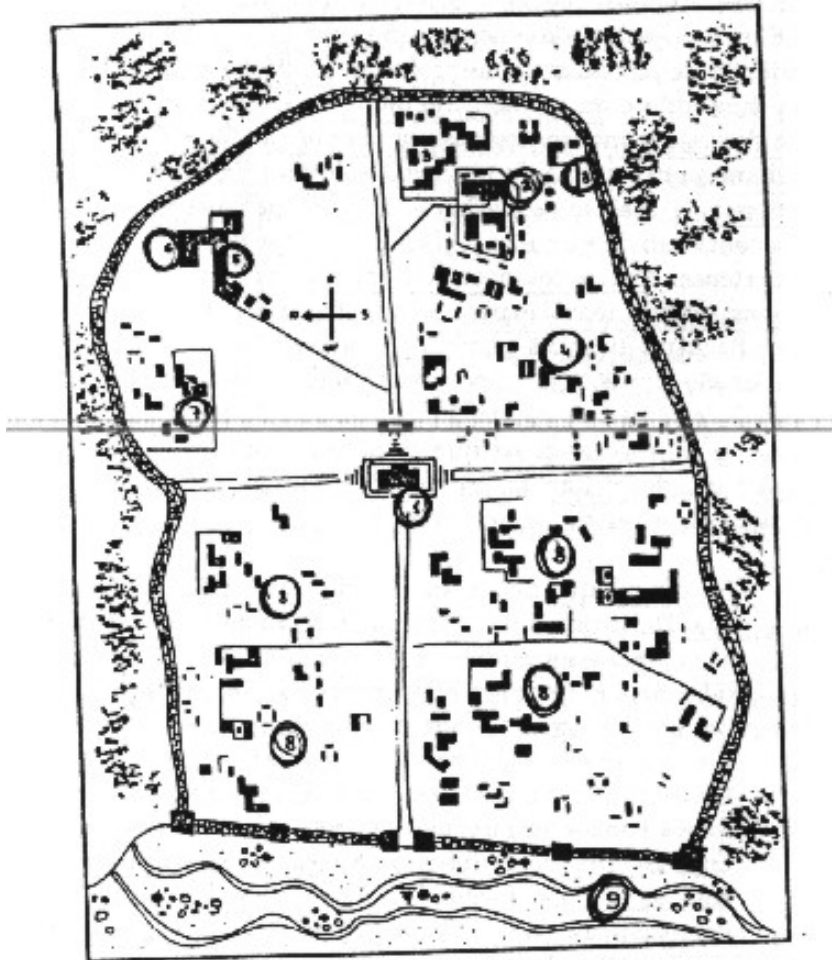
Grande plano da Baixa Akakor. 1 — templo; 2 — palácio; 3 — sacerdotes; 4 — arsenal; 5 — povo; 6 — palácio dos guardas; 7 — sala do trono; 8 — corredores de comunicação; 9 — portão dos Deuses

Daqui governavam o seu vasto império, um império de 362.000.000 de indivíduos, tal como se afirma na *Crônica de Akakor*:

E os Deuses governaram Akakor. Governaram sobre os homens e sobre a Terra. Tinham navios mais rápidos que o vôo das aves, navios que atingiam os pontos a que se destinavam sem velas nem remos, tanto de dia como de noite. Tinham pedras mágicas por onde viam a distância, de modo que podiam ver cidades, rios, colinas, e lagos. Tudo quanto acontecia na Terra e no Céu se refletiam nessas pedras. Mas as habitações subterrâneas eram as mais maravilhosas. E os Deuses deram-nas aos seus Servos Escolhidos como última dádiva. Para os Primitivos Mestres são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.

Durante milhares de anos, as habitações subterrâneas protegeram os Ugha Mongulala dos seus inimigos e suportaram duas catástrofes. Os ataques das tribos

selvagens não tinham êxito contra os seus portões. No interior, os últimos homens da minha raça esperam a vinda dos Bárbaros Brancos, que avançam pelo Grande Rio, num número infinito, tal como formigas. Os nossos sacerdotes profetizaram que em última análise descobrirão Akakor e que nela encontrarão a sua própria imagem. Então o círculo fechar-se-á.



Plano da Akakor Superior. 1 — templo; 2 — palácio do príncipe; 3 — guardas e corpo de oficiais; 4 — soldados; 5 — escola; 6 — sacerdotes; 7 — criados; 8 — cidadãos; 9 — campos

II - A HORA ZERO

10.481 A. C. – 10.468 A. C.

O velho épico hindu Mahabharata conta como os Deuses e os Titãs lutaram para ter o domínio da Terra. De acordo com Platão, o lendário império da Atlântida atingiu o seu ponto mais elevado neste período. O cientista germano-boliviano Posnansky acredita na existência de um enorme império na região da cidade boliviana, agora em ruínas, de Tiahuanaco. Segundo a opinião de alguns historiadores e etnólogos, as principais divisões raciais do *Homo sapiens* da última época glacial desenvolveram-se cerca de 13.000 a. C.: Mongóis na Ásia, Negros na África e Caucasianos na Europa. As principais fixações no continente europeu encontram-se nas regiões costeiras. As descobertas arqueológicas de Altamira e da Amazônia confirmam pela primeira vez a existência de humanos no continente sul-americano.

A PARTIDA DOS PRIMITIVOS MESTRES

A história do meu povo, registrada na *Crônica de Akakor*, aproxima-se do seu fim. Os sacerdotes afirmam que dentro em pouco se passará o tempo; pouco mais temos que alguns meses. Então o destino dos Ugha Mongulala será cumprido. E quando vejo o desespero e a miséria do meu povo não posso deixar de acreditar nestas profecias. Os Bárbaros Brancos estão penetrando cada vez mais no nosso território. Vieram do leste e do oeste como um fogo assoprado por um forte vento e espalharam um manto de escuridão sobre o país, para o poderem dominar. Mas se os Bárbaros Brancos pensassem, chegariam à conclusão de que não podemos apoderar-nos do que não nos pertence. Então compreenderiam que os Deuses nos deram uma grande mansão para a partilharmos e a gozarmos. Mas os Bárbaros Brancos querem ter tudo só para si. Os seus corações são duros, não se comovem, mesmo quando realizam as mais terríveis ações. Assim, nós, os Índios, temos de nos afastar, e ter esperança de que os nossos Primitivos Mestres possam um dia voltar, tal como está escrito, com boas palavras e numa escrita clara:

No dia em que os Deuses abandonaram a Terra chamaram Ina. Deixaram a sua herança ao servo de maior confiança: “Ina, vamo-nos embora para os nossos lares. Ensinamos-te sabedoria e demos-te bons conselhos. Voltamos para junto dos que são iguais a nós. Vamos para casa. O nosso trabalho está feito. Os nossos dias de viver aqui, acabados. Conserva-nos na tua memória e não nos esqueças. Porque somos irmãos do mesmo sangue e temos o mesmo pai. Voltaremos quando estiverdes ameaçados. Mas agora fique com as Tribos Escolhidas. Levem-nas para as moradias subterrâneas, para as proteger da catástrofe que se aproxima”. Estas foram as suas palavras. Isso foi o que eles disseram quando se despediram. E Ina viu como os navios os levavam para o céu, com fogo e trovões. Desapareceram por cima das montanhas de Akakor, e só Ina os viu partir. Mas os Deuses deixaram atrás de si um rastro de sabedoria e bom senso. Eram considerados e venerados como se fossem sagrados. Eram um sinal dos Antigos Pais. E Ina reuniu os mais velhos do seu povo num Conselho e disseram-lhes quais tinham sido as últimas instruções dos Deuses. E ordenou uma nova contagem do tempo para comemorar a partida dos Primitivos Mestres. Esta é a história escrita dos Servos Escolhidos, *A Crônica de Akakor*.

Na hora zero (10.481 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos) os Deuses deixaram a Terra. Deram o sinal de um novo capítulo na história do meu povo. Mas nessa época nem sequer Ina, seu mais leal servo e primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, previa os terríveis acontecimentos que se sucederiam. O Povo Escolhido estava angustiado com a partida dos Primitivos Mestres e atormentado pelo desalento e pela angústia.

Só a imagem dos Deuses ficou nos corações dos Servos Escolhidos. Com olhos ardentes, perscrutavam o céu, mas os navios dourados não voltavam. Os céus mantinham-se vazios – nem a mínima brisa, nem qualquer som. O céu conservava-se desabitado.

A LINGUAGEM DOS DEUSES

Na língua dos Bárbaros Brancos, *Ugha* significa “aliado”, “partidário”; *Mongu* significa “escolhido”, “exaltado”, e *Lala* significa “tribos”. Os Ugha Mongulala são as Tribos Escolhidas Aliadas. Uma nova era iniciou-se para eles depois da partida dos Primitivos Mestres. Os Deuses superiores já não governam o seu império, cujos limites ficavam a muitas luas de distância. Os Ugha Mongulala governavam entre dois oceanos, ao longo do Grande Rio, até as baixas colinas do norte, e mais além, na extensão das planícies do sul. Os 2.000.000 que compreendem as Tribos Escolhidas governaram um império de 362.000.000 de pessoas, desde que os Primitivos Mestres dominaram as outras tribos no decorrer dos séculos. Os Ugha Mongulala governaram vinte e seis cidades, muitas fortificações poderosas e as habitações subterrâneas dos Deuses. Só três complexos de templos – Salazere, Manoa e Tiahuanaco – ficavam de fora da sua jurisdição, por explícitas instruções dos Antigos Pais. Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, tinha a seu cargo enormes tarefas.

Conheço poucos pormenores acerca do período que se seguiu à partida dos Primitivos Mestres. A primeira Grande Catástrofe estende-se como um véu sobre os acontecimentos dos primeiros treze anos da história do meu povo. De acordo com os sacerdotes, Ina governou o maior império que jamais existiu. Este era chefiado pelos Ugha Mongulala, que faziam com que as suas leis fossem obedecidas. Os seus guerreiros protegiam as fronteiras dos ataques das tribos selvagens. 362.000.000 de aliados prestavam-lhes vassalagem, mas depois da primeira Grande Catástrofe revoltaram-se contra as leis dos Ugha Mongulala. Rejeitaram os legados dos Deuses e dentro em pouco esqueciam a sua língua e a sua escrita. Degeneraram.

O quíchua, como os Bárbaros Brancos chamam à nossa língua, consta de simples e boas palavras, que são suficientes para descrever todos os mistérios da natureza. Nem sequer os Incas conhecem a escrita dos Deuses. Há mil e quatrocentos símbolos, que têm diferentes significados, segundo a sua seqüência. Os sinais mais importantes traduzem a vida e a morte, representadas pelo pão e pela água. Todos os inícios da crônica começam e acabam com estes símbolos. Depois da chegada dos soldados alemães, em 1942, de acordo com o calendário dos Bárbaros Brancos, os sacerdotes começaram a registrar os acontecimentos também na escrita das Tribos Aliadas. Língua, serviço da comunidade, veneração pelas pessoas idosas e respeito pelo príncipe são as coisas mais importantes documentadas anteriormente a primeira Grande Catástrofe. São evidência de fato, nos dez

mil anos da sua história, o meu povo ter só uma finalidade: preservar o legado dos Primitivos Mestres.

SINAIS LUMINOSOS NO CÉU

Houve estranhos sinais no céu. A penumbra cobriu a face da Terra. O Sol ainda brilhava, mas havia uma névoa cinzenta, grande e intensa, que começava a esconder a luz do dia. Estranhos sinais viam-se no céu. As estrelas eram como tristes pedras. Uma neblina venenosa cobria as colinas. Um fogo malcheiroso pendurava-se nas árvores. Um Sol vermelho. Um caminho cruzado sobrepunha-se. Negro, vermelho, todos os quatro cantos do mundo estavam vermelhos.

A primeira Grande Catástrofe alterou a vida do meu povo e a face do mundo. Ninguém pode imaginar o que aconteceu naquela época, treze anos depois da partida dos Primitivos Mestres. A catástrofe foi enorme, e a nossa crônica relata-a com terror:

Os Servos Escolhidos ficaram temerosos e aterrorizados. Já não viam o Sol, a Lua ou as estrelas. A confusão e a escuridão reinavam por toda à parte. Estranhas imagens passavam sobre as suas cabeças. Do céu caía resina, e ao entardecer os homens desesperavam em busca de comida. Matavam os seus próprios irmãos. Esqueceram o testamento dos Deuses. Começara a era do sangue.

O que aconteceu nesta época, quando os Deuses nos deixaram? Quem foi o responsável que fez regredir o meu povo ao abatimento durante seis mil anos? Uma vez mais, os nossos sacerdotes podem interpretar os acontecimentos devastadores. Dizem que no período antes da hora zero existiu também outra nação de deuses que eram hostis aos nossos Primitivos Mestres. De acordo com as imagens do Grande Templo do Sol de Akakor, as estranhas criaturas pareciam-se com humanos. Tinham muito cabelo e uma pele avermelhada. Tal como os homens, tinham cinco dedos nas mãos e nos pés. Mas dos ombros saíam-lhes cabeças de serpentes, tigres, falcões e outros animais. Os nossos sacerdotes dizem que estes deuses também governaram um enorme império. Também possuíam o conhecimento que os tornava superiores aos homens e iguais aos Primitivos Mestres. As duas raças de deuses que estão representadas nas imagens do Grande Templo do Sol de Akakor começaram a guerrear-se. Queimaram o mundo com calor solar, e cada um tentou tirar ao outro o seu poderio. Iniciou-se uma tremenda guerra entre os planetas e esta guerra levou o meu povo à perdição. No entanto, pela primeira vez, a providência dos Deuses salvou os Ugha Mongulala. Recordando as últimas palavras dos nossos Primeiros Mestres, que anunciavam a catástrofe, Ina comandou a retirada para as moradias subterrâneas.

Reuniram-se os mais velhos do povo. Obedeceram às ordens de Ina. “Como poderemos nos proteger? Os sinais estão cheios de ameaças”, diziam eles. “Vamos seguir as ordens dos Deuses e albergar-nos nos abrigos subterrâneos. As nossas idéias não serão suficientes para toda uma nação? Nenhum de nós deve faltar”. Foi assim que eles falaram. Foi assim que eles decidiram. E a multidão reuniu-se. Atravessaram

as águas. Desceram as ravinas e cruzaram-nas. Chegaram ao fim, onde as quatro estradas se cruzam, na moradia dos Primitivos Mestres, protegidos no interior das montanhas.

Isto é uma história contada pela *Crônica de Akakor*. E assim se cumpriu a ordem de Ina. Com confiança na promessa dos Primitivos Mestres, o povo de Ugha Mongulala mudou-se para a Baixa Akakor, para se proteger da iminente catástrofe. Aqui ficaram eles até a Terra se aquietar, tal como uma ave se esconde atrás de uma rocha quando a tempestade se aproxima. Os Ugha Mongulala estavam salvos da catástrofe porque haviam confiado nos Antigos Pais.

A PRIMEIRA GRANDE CATÁSTROFE

O ano 13 (10.468 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos) é um ano fatídico na história do meu povo. Depois de se terem refugiado nos subterrâneos, a Terra foi atingida pela maior catástrofe de que há memória. Excedeu mesmo a segunda Grande Catástrofe, seis mil anos mais tarde, quando as águas do Grande Rio inundaram a região. A primeira Grande Catástrofe destruiu o império dos nossos Primitivos Mestres e matou milhares de pessoas.

Isto é o relato de como os homens morreram. O que aconteceu à Terra? Quem a fez tremer? Quem fez dançar as estrelas? Quem fez as águas brotarem das rochas? Numerosos eram os flagelos que atingiam os homens. Estava sujeito a várias calamidades. Estava terrivelmente frio e um vento gelado soprava sobre a Terra. Estava excessivamente quente e a própria respiração das pessoas queimava-as. Homens e animais fugiam em pânico. Desesperados, corriam de um lado para o outro. Tentavam trepar nas árvores, mas as árvores repeliam-nos. Tentavam alcançar as cavernas. Contudo, estas abatim-se e sepultavam-nos. O chão tornava-se teto, e o teto desaparecia nas profundidades. O som e a fúria dos Deuses não se acalmavam. Até os abrigos subterrâneos começaram a tremer.

A primeira referência da forma do continente antes da primeira Grande Catástrofe reporta-se à partida dos Primitivos Mestres. Depois desse tempo, diferia consideravelmente da sua forma atual. Era muito mais fria e a chuva caía regularmente. Os períodos de seca e de chuva eram mais distintos uns dos outros. Ainda não havia grandes florestas. O Grande Rio era menor e desaguava em ambos os oceanos. Os afluentes ligavam-no ao lago gigante, onde os Deuses erigiram o templo de Tiahuanaco, na costa sul.

A primeira Grande Catástrofe remodelou a face da Terra. O curso dos rios foi alterado e a altura das montanhas e a força do Sol modificaram-se. Os continentes ficaram inundados. As águas do grande Lago voltaram ao oceano. O Grande Rio foi cortado por uma nova montanha e agora corre apressadamente para leste. Enormes florestas surgiram nas suas margens. Um calor úmido espalhou-se pelas regiões orientais do império. A oeste, onde se ergueram montanhas gigantescas, as pessoas gelavam no tremendo frio das altitudes. A Grande Catástrofe causara tremendas destruições, tal como fora predito pelos Primitivos Mestres.

E a mesma coisa acontecerá na futura catástrofe, que os nossos sacerdotes calcularam de acordo com a rota das estrelas. Porque a história da humanidade cumpre-se segundo rotas preestabelecidas: tudo se repete, tudo volta num ciclo que dura seis mil anos. Os nossos Primitivos Mestres ensinaram-nos esta lei. Passaram-se seis mil anos desde a última Grande Catástrofe e seis mil anos se passaram desde que os nossos Primitivos Mestres nos deixaram pela segunda vez. Mais uma vez apareceram nos céus sinais ominosos. Os animais fogem em pânico. Surgem guerras. As leis são desrespeitadas. Enquanto os Bárbaros Brancos, por pura arrogância, destroem o elo entre a natureza e o homem, aproxima-se o cumprimento do destinado. Eles sabem-no e esperam com resignação. Porque acreditam no legado dos seus Primitivos Mestres. Com a imagem dos Deuses no coração, seguem-lhes as pegadas. Seguem os que são do mesmo sangue e tem o mesmo pai.

III- A ERA DA ESCURIDÃO

10.468 A. C. – 3.166 A. C.

O cientista germano-boliviano Posnansky calcula que Tiahuanaco foi destruída cerca de 10.000 a. C. Os geólogos referem-se às extraordinárias modificações de clima que podem ter sido causadas pela deslocação do eixo da Terra. A Época Neolítica, que começou por volta de 5.000 a. C., viu importantes inovações culturais, acrescentadas por transformações econômicas de longo alcance: a transição para a agricultura e para os sistemas econômicos produtivos. O homem neolítico cultivava cereais selvagens e criava carneiros, cabras e porcos. Instalaram-se grandes famílias em aldeias e mais tarde em cidades fortificadas. Entre 8.000 e 6.000 a. C., Jericó foi considerada como estágio preliminar das altas civilizações urbanas, embora os egiptólogos suspeitem de uma cultura mais antiga no vale do Nilo. Descobertas arqueológicas em Eridu e Uruk referem-se aos primeiros edifícios sagrados. Encontraram-se as primitivas placas de argila. Palavras e sinais fonéticos substituíram a primitiva escrita pictórica. Em todas as civilizações se observa um considerável cuidado com os mortos. Vários dilúvios e catastróficas erupções vulcânicas, provavelmente cerca de 3.000 a. C., são descritos na Bíblia como o Grande Dilúvio. A América do Sul continua a ser colonizada por vagas de imigrantes vindos da Ásia.

O COLAPSO DO IMPÉRIO

Verdadeiramente, os Bárbaros Brancos são um povo poderoso. Governam o céu e a terra e são ao mesmo tempo ave, verme e cavalo. Pensam que estão vendo a luz, mas, no entanto, vivem na escuridão e no mal. E o pior é que negam o seu próprio Deus e lutam eles próprios serem deuses e para nos fazer acreditar que governam o mundo. Mas os Deuses são ainda maiores e mais poderosos que todos os Bárbaros Brancos juntos. Ainda são eles que decidem quem, entre nós, deve morrer e quando. Tranqüilidade, sol, água e

fogo servem-nos primeiro. Porque os Deuses não permitem que descubram os seus segredos. Os nossos sacerdotes dizem que farão um julgamento que libertará os Bárbaros Brancos do fardo dos seus erros. Cairá uma chuva contínua que, lavando, tirará toda a escuridão dos seus corações. As águas subirão cada vez mais e lavarão a maldade e a ambição do poder e da riqueza. Tal como acontecera já há mil anos, tudo isto foi registrado na crônica com boas palavras e numa escrita clara:

Três luas passaram e três vezes três luas. Então as águas dividiram-se. A Terra acalmou de novo. As correntes seguiram diferentes cursos. Perderam-se por entre as colinas. Altas montanhas se ergueram em direção ao Sol. A Terra modificou-se quando os Servos Escolhidos deixaram as moradias subterrâneas, e grande foi a sua mágoa. Ergueram o rosto para o céu. Os seus olhos procuraram as planícies, os rios e os lagos. A verdade era terrível; a destruição medonha. E Ina reuniu o Conselho dos Velhos. As Tribos Escolhidas juntaram dádivas: jóias, mel das abelhas e incenso. E sacrificaram-nos para fazer com que os Deuses voltassem à Terra. Mas o céu manteve-se vazio. A era do jaguar começara: época de sangue quando tudo foi destruído. Assim foi separado o elo entre os Primitivos Mestres e os seus servos. E principiou uma nova vida.

Os anos de sangue, o período entre o ano 13 e o ano 7315, é a mais escura época na história do meu povo. *A Crônica de Akakor* não se refere a estes acontecimentos. Durante milhares de anos não há registros de qualquer espécie. A transmissão oral também é pobre e entremeada com escuras profecias.

Foi uma época medonha. O selvagem jaguar veio e devorou carne humana. Esmigalhou os ossos dos Servos Escolhidos. Arrancou as cabeças dos seus servos. A escuridão envolveu a Terra.

Depois da primeira Grande Catástrofe, o império ficou numa situação desesperadora. As moradias subterrâneas agüentaram os terríveis desmoronamentos e nenhuma das treze cidades foi destruída, mas muitas das vias que ligavam os limites do império ficaram bloqueadas. A sua misteriosa luz extinguiu-se como uma vela assoprada pelo vento. As vinte e seis cidades foram destruídas por uma tremenda inundação. Os recintos dos templos sagrados de Salazere, Tiahuanaco e Manoa ficaram em ruínas, destruídos pela terrível fúria dos Deuses. As patrulhas enviadas trouxeram a notícia de que muito pouco das Tribos Aliadas haviam sobrevivido à catástrofe. Obrigados pela fome, abandonaram as suas velhas instalações e penetraram no território dos Ugha Mongulala, trazendo atrás de si a morte e a perdição. Desespero, desânimo e miséria espalharam-se por todo o império. Travaram-se renhidos combates nas últimas regiões férteis. O domínio das Tribos Escolhidas chegara ao fim.

Este foi o início do inglório fim do império. Os homens haviam perdido a razão. Andavam nos campos com as mãos pelo chão. Tremiam de medo e terror. Estavam abatidos. Tinham o espírito confuso. Atacavam-se uns aos outros como animais. Matavam o seu vizinho e comiam-lhe a carne. Na verdade, foram épocas horríveis.

O terrível período entre a primeira e a segunda Grande Catástrofe, de 10.468 a.C. a 3.166 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos, trouxe o meu povo até a beira da extinção. Tribos degeneradas que haviam sido aliadas dos Ugha Mongulala antes da primeira Grande Catástrofe fundaram os seus próprios impérios. Derrotaram os exércitos dos Ugha Mongulala e fizeram-nos recuar até as portas de Akakor no nosso ano de 4.130.

As tribos dos Degenerados formaram uma aliança. Disseram: “Como podemos nós tratar com os nossos primitivos chefes? Na verdade, eles ainda são poderosos”. De modo que se reuniram em conselho. “Façamos uma emboscada e matemo-los. Não somos mais numerosos? Não somos mais que suficientes para os vencer?” E todas as tribos se armaram. Juntaram-se em grande número. A massa dos seus guerreiros estendeu-se mais longe do que os olhos podiam alcançar. Queriam tomar Akakor de assalto. Marcharam em formação para matar o príncipe Uma. Mas os Servos Escolhidos tinham-se preparado. Mantiveram-se no cume da montanha. O nome da montanha era Akai. Todas as Tribos Escolhidas se haviam reunido junto de Uma quando os Degenerados se aproximaram. Vinham gritando, com arcos e setas. Cantavam canções de guerra. Berravam e assobiavam metendo os dedos na boca. E assim precipitavam-se contra Akakor.

Neste ponto *A Crônica de Akakor* é imprecisa. Os nossos sacerdotes contam que os Ugha Mongulala perderam a batalha e Uma morreu. Os sobreviventes retiraram para as suas habitações subterrâneas. A derrota na montanha de Akai representa o ponto mais baixo da infelicidade do meu povo. Tal como os Bárbaros Brancos, que negam os Deuses e se consideram para além das leis, os Ugha Mongulala arrastaram-se cada vez mais na humilhação. Confundidos com este incompreensível acontecimento, começaram a adorar árvores e rochas, até mesmo a sacrificar animais e seres humanos. Cometeram então o mais vergonhoso crime dos dez mil anos da história do meu povo.

E eis como aconteceu. Quando Uma foi morto na batalha contra as Tribos Degeneradas, o grande-sacerdote recusou que o seu filho Hanan entrasse nos secretos recintos dos Deuses e sem o respeito devido aos Antigos Pais, começou a governar o povo como considerou melhor. Estávamos no ponto máximo da era do sangue, época em que era chefe o selvagem jaguar.

Porque sofreu o meu povo estes crimes? Porque é que os mais velhos toleraram a má conduta do grande-sacerdote? Só há uma explicação. Depois da partida dos Deuses, só certas pessoas tinham consciência da sabedoria dos Primitivos Mestres. Os sacerdotes já não transmitiam os seus conhecimentos. Ensinavam a história dos Antigos Pais só aos de grande confiança. O seu poder tornava-se maior à medida que desaparecia o seu sagrado legado. Dentro em pouco só eles se sentiam responsáveis pelos acontecimentos da terra e do céu. Durante milhares de anos, os sacerdotes governaram onipotentes os Ugha Mongulala. Isto é o que contam os nossos antepassados. E deve ser verdade, porque só a verdade se mantém através do tempo na memória do homem.

A SEGUNDA GRANDE CATÁSTROFE

Terrível é a história. Terrível é a verdade. Os Servos Escolhidos ainda viviam nas habitações dos Deuses – seis, mil anos. O sagrado legado havia sido esquecido. A sua escrita tornara-se ilegível. Os seus servos tinham traído o combinado com os Deuses. Viviam para além de todas as fronteiras como animais da floresta Andavam com as mãos e os pés no chão. Cometiam-se crimes à luz do dia. E os Deuses sentiam-se com estas atitudes. Os seus corações enchiam-se de tristeza devido à maldade do homem. E disseram: “Castigaremos o povo. Arrancá-lo-emos da terra - homens e gado, vermes e pássaros do céu – porque desprezaram o nosso legado”. E os Deuses começaram a destruir o povo. Enviaram uma poderosa estrela, cuja cauda vermelha cobria todo o céu. E enviaram fogo mais vivo que um milho de sóis. O grande julgamento começou. Durante treze luas caiu chuva. As águas do oceano subiram. Os rios corriam às avessas. O Grande Rio transformou-se num imenso lago. E o povo foi destruído. Todos morreram afogados no terrível dilúvio

Os Ugha Mongulala sobreviveram à segunda Grande Catástrofe da história da humanidade. Protegidos nas habitações subterrâneas dos seus Primitivos Mestres, observando a destruição da Terra com temor. Enquanto os Servos Escolhidos sabiam que estavam inocentes da primeira Grande Catástrofe, agora se acusavam como responsáveis pelo segundo terrível acontecimento. Surgiram lutas e querelas. Rompeu uma guerra civil na Baixa Akakor, que levaria o meu povo à extinção se não tivesse acontecido o que desde há muito era previsto pelos sacerdotes. Quando a necessidade era premente, os Primitivos Mestres voltaram.

E o seu regresso abre um novo capítulo na história dos Ugha Mongulala, o segundo livro da *Crônica de Akakor*. O primeiro livro acaba com os feitos de Madus, um corajoso guerreiro dos Ugha Mongulala, que, mesmo nos momentos mais difíceis, não perdera a fé no legado dos Deuses, tal como se escreve na crônica.

Madus atreveu-se a seguir a estrada que leva à superfície da Terra. Sem recear nem tempestades nem água, ele continua o seu caminho. Olha com tristeza o país devastado. Não via nem pessoas nem plantas – só animais e aves assustadas que voavam sobre o infinito lençol de água, até que cansadas caíam. Isto viu Madus. E ficava ao mesmo tempo triste e irritado. Arrancou tocos de árvores do solo inundado. Juntou madeira flutuante. Construiu uma jangada para auxiliar os animais. Arranjou um casal de cada dois jaguares, duas serpentes, duas antas e dois falcões. E as águas que subiam elevavam mais a jangada para as montanhas, no cume do monte Akai, a montanha de destino das Tribos Escolhidas. Aqui, Madus deixou os animais irem para a terra e os pássaros voarem. E quando, depois de treze luas, as águas baixaram e o sol desfez as nuvens, voltou para Akakor e narrou o fim da terrível era do sangue.

O LIVRO DA ÁGUIA

*Esta é a águia.
Poderosas são as suas asas
E poderosas as suas garras.
Os seus olhos
Olham imperiosamente sobre a Terra.
Está acima do homem.
Não pode ser
Nem vencida nem morta.
Durante treze dias ergue-se no céu,
E durante treze dias
Voa ao encontro do sol-nascente.
É verdadeiramente sublime.*

I – O REGRESSO DOS DEUSES

3.166 A. C. – 2.981 A. C.

O calendário maia começa em 3.113 a. C. e termina em 24 de Dezembro de 2.011 d. C. A historiografia tradicional coloca o início dos acontecimentos históricos cerca de 3.000 a. C. O período que vai até às migrações germânicas (375 d. C .) é antiguidade, começando com o aparecimento de altas civilizações nos oásis do Baixo Nilo e entre o Eufrates e o Tigre, onde o homem se desenvolve na existência histórica. Os pontos altos da história oriental são marcados por grandes impérios que governavam empregando a força agressiva dos monarcas. A vida espiritual limitava-se à religião organizada. O Oriente é o berço da escrita, do serviço civil e de uma tecnologia espantosamente eficiente. Entretanto, o homem da Europa e da Ásia conserva-se no nível neolítico. Sugerem-se datas diferentes para o início das civilizações americanas. O explorador inglês Niven assegura que os primeiros estabelecimentos urbanos dos antepassados astecas foram fundados cerca de 3.500 a. C. Na opinião do arqueólogo peruano Daniel Ruiz, a misteriosa cidade em ruínas de Machu Picchu, nos Andes, foi fundada antes da catástrofe universal que na Bíblia é descrita como o Dilúvio. A historiografia tradicional rejeita ambas as datas.

LHASA, O EXALTADO FILHO DOS DEUSES

A Crônica de Akakor, a história escrita do meu povo desde a hora zero até o ano 12.453, é o nosso maior tesouro. Contém toda a sabedoria dos Ugha Mongulala, escrita na velha língua dos nossos Antigos Pais, Registra o legado dos Primitivos Mestres, que moldaram a vida do meu povo durante mais de dez mil anos. Contém os segredos das Tribos Escolhidas e também corrige a história dos Bárbaros Brancos. Porque *A Crônica de Akakor* descreve o erguer e o declínio de um povo escolhido pelos Deuses até ao fim do mundo, quando, depois de uma terceira catástrofe, for destruído o povo. Assim está escrito, assim foi registrado, com boas palavras e numa escrita clara.

A penumbra ainda envolve a face da Terra. O Sol e a Lua estavam velados. Então as naves apareceram no céu, poderosas e douradas. Grande foi a alegria dos Servos Escolhidos. Os Primitivos Mestres estavam de volta. Desceram à Terra com rostos brilhantes. E o Povo Escolhido trouxe as suas dádivas: penas das grandes aves da floresta, mel das abelhas, incenso e frutos. Os Servos Escolhidos colocaram estas dádivas aos pés dos Deuses e dançaram com o rosto voltado para leste, para o sol nascente. Dançavam com lágrimas de alegria nos olhos, porque os Primitivos Mestres tinham voltado. E os animais regozijavam-se também. Todos, desde o mais humilde, se ergueram nos vales e olharam espantados para os Antigos Pais. Mas não restava muita gente. Os Deuses haviam morto a maioria como castigo da sua maneira de proceder. Poucos estavam ainda vivos para saudar os Primitivos Mestres com todo o respeito.

No ano de 7.315 (3.166 a. C.) os Deuses, que tão ansiosamente tinham sido esperados pelo meu povo, voltaram à Terra. Os Primitivos Mestres das Tribos Escolhidas voltaram a Akakor e retomaram o poder. Mas só alguns navios alcançaram a nossa capital e os Deuses ficaram com os Ugha Mongulala só durante três meses. Depois, novamente abandonaram a terra. Só os irmãos Lhasa e Samon não voltaram para a pátria dos Antigos Pais. Lhasa instalou-se em Akakor; Samon dirigiu-se para leste e fundou o seu próprio império.

Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses, tomou o poder de um império devastado. Dos 362.000.000 que tinham vivido na Era do Ouro, só 20.000.000 sobreviveram à segunda Grande Catástrofe. Povoados e cidades estavam em ruínas. Hordas de tribos degeneradas cruzavam as fronteiras. A guerra alastrava por todo o país. O legado dos Deuses fora esquecido. Lhasa reconstruiu o velho império. Como proteção contra as tribos inimigas que avançavam, mandou construir grandes fortalezas. Por sua ordem, os Ugha Mongulala ergueram altas muralhas ao longo do Grande Rio e fortificaram-nas com largas paliçadas de madeira. Aos guerreiros escolhidos foi dada a tarefa de guardar a nova fronteira e avisar Akakor da aproximação das tribos inimigas. No sul do país chamado Bolívia, Lhasa ergueu as bases de Mano, Samoa e Kin. Eram constituídas por treze edifícios rodeados de muralhas segundo os moldes dos complexos templos dos nossos Antigos Pais. Uma pirâmide com uma escadaria na frente, um telhado inclinado e duas salas abobadadas, uma no interior, outra no exterior, dominavam a área circundante. Lhasa instalou as Tribos Aliadas na vizinhança das três fortalezas. Estava sob o comando do príncipe de Akakor e sujeitas à obediência de guerra.

Por milhares de anos, havia uma nação que confinava com a fronteira oeste do império e com a qual os Ugha Mongulala sempre mantiveram uma especial amizade. Esta nação, os Incas, conheciam a língua e a escrita dos Primitivos Mestres. Os seus sacerdotes também sabiam do legado dos Deuses, No fim da segunda Grande Catástrofe, esta tribo mudou-se para as montanhas do Peru e fundou o seu próprio império. Lhasa, preocupado com a segurança de Akakor, mandou edificar uma fortaleza na fronteira oeste e deu ordens para a edificação de Machu Picchu, uma nova cidade de templos num grande vale dos Andes.

O suor perlava as testa dos carregadores. As montanhas estavam tintas de vermelho com o seu sangue. Assim, chamaram à montanha a “montanha do Sangue”. Mas Lhasa não lhes deu alívio. A nação dos Servos Escolhidos penitenciou-se da traição dos seus antepassados. E assim se passavam os dias. O Sol nascia e punha-se. Vinham as chuvas e o frio. Os lamentos dos Servos Escolhidos ressoavam no ar. Com prantos entoavam cânticos aos seus sofrimentos.

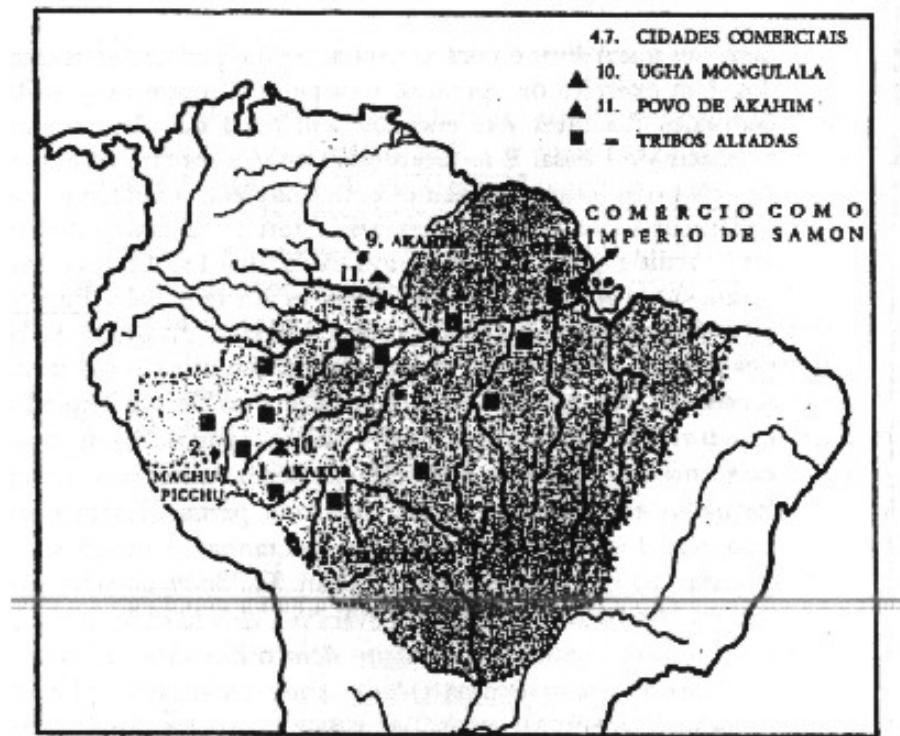
A edificação da cidade sagrada de Machu Picchu é um dos grandes acontecimentos da história do meu povo. Os pormenores da sua construção estão ocultos por muitos segredos eternamente escondidos na alcantilada montanha da Lua, que protege Machu Picchu. De acordo com as histórias dos sacerdotes, os trabalhadores cortavam as pedras das rochas para as casas dos guerreiros e para as habitações dos padres e seus criados. Um exército de operários transportava blocos de granito dos vales distantes das encostas ocidentais dos Andes para o palácio de Lhasa. E os sacerdotes também contam que duas gerações não foram suficientes para completar a cidade e que os lamentos dos Ugha Mongulala se tornavam mais insistentes à medida que o tempo passava. As Tribos Escolhidas começaram a revoltar-se e a amaldiçoar os Antigos Pais. Parecia estar iminente uma revolta contra Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. Então ouviu-se um estrondo no céu e o dia transformou-se em escuridão. O desespero dos Deuses explodiu com o ribombar do trovão e terríveis relâmpagos. E, enquanto caía uma chuva pesada, os chefes dos descontentes eram transformados em pedra – pedras vivas com pernas. Lhasa ordenou que fossem levados para as montanhas e metidos nas paredes das escadas de Machu Picchu. Foi desta maneira que os rebeldes foram castigados. Levaram a cidade santa sobre os seus ombros, presos eternamente dentro das suas pedras.

Machu Picchu é uma cidade santa. Os seus templos são dedicados ao Sol , à Lua, à Terra, ao mar e aos animais. Após quatro gerações terem completado a cidade, Lhasa mudou-se daqui e levou o império a um período de florescimento e prestígio.

Sob o governo de Lhasa o número de guerreiros aumentou. Sentiam-se fortes. Não tinham preocupações nem de país nem de família. Só tinham interesse pelas armas. Protegidos pelos Deuses, verificavam as posições dos inimigos. Saíam com as instruções de Lhasa, porque o Exaltado Filho dos Deuses era realmente um grande príncipe. Não podia nem ser derrotado nem morto. Lhasa era um dos deuses. Durante treze dias subiu ao céu. Durante treze dias caminhou para encontrar o sol-nascente. Durante treze dias tomou a forma de um pássaro e foi realmente um pássaro. Durante treze dias transformou-se em águia. Estava verdadeiramente exaltado. Todos se

curvavam perante o seu aspecto. A sua força alcançou os limites do Céu e as fronteiras da Terra. E as tribos inclinaram-se perante o divino mestre.

Lhasa foi o decisivo inovador do império dos Ugha Mongulala. Durante os trezentos anos do seu governo instituiu as bases de um poderoso império. Depois voltou para junto dos Deuses. Reuniu os mais velhos do seu povo e os sacerdotes e ditaram-lhes leis. Ordenou que o povo vivesse de acordo com legado dos Deuses e que obedecesse às suas ordens. Então Lhasa voltou-se para leste e curvou-se perante o sol-nascente. Antes de os seus raios atingirem a cidade santa subiu à montanha da Lua, que se ergue sobre Machu Picchu, no seu disco voador e para sempre se separou dos humanos. Isto é o que os sacerdotes contam acerca da misteriosa partida do Exaltado Filho dos Deuses. Lhasa, o único príncipe das Tribos Escolhidas que veio das estrelas.



O império de Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses

SAMON E O IMPÉRIO DO LESTE

Lhasa esteve muitas vezes ausente com o seu disco voador. Visitou o seu irmão Samon. Voou para o grande Império do Leste. E levou consigo um estranho barco que podia passar sobre a água e sobre as montanhas.

A Crônica de Akakor não diz muito acerca do império de Samon, o irmão de Lhasa, que desceu à Terra com os Deuses no ano de 7.315. De acordo com a história escrita do meu povo, instalou-se num grande rio para além do oceano do Leste. Escolheu tribos nômades e ensinou-lhes os seus conhecimentos e sabedoria. Sob a sua chefia, cultivaram campos e edificaram poderosas cidades de pedra. Um forte império, que era a imagem de Akakor, desenvolveu-se e foi-se construindo de acordo com o legado dos Deuses, que também determinaram as vidas dos Ugha Mongulala.

Lhasa, o príncipe de Akakor, visitava regularmente o irmão no seu império e ficava como ele nas magníficas cidades da margem do Grande Rio. Para fortalecer o elo entre as duas nações, ordenou a construção de Ofir, uma poderosa cidade fluvial na embocadura do Grande Rio, no ano de 7.425 (3.056 a. C.). Durante quase mil anos, navios do império de Samon deixavam aqui as suas valiosas cargas. Em troca de ouro e prata trouxeram pergaminhos com escritos na língua dos nossos Antigos Pais e trouxeram madeiras raras, os mais belos tecidos e pedras verdes, que o meu povo desconhecia. Dentro em pouco Ofir tornou-se uma das mais ricas cidades do império e alvo das selvagens tribos do Leste. Precipitaram-se contra a cidade em ataques repetidos, assaltaram barcos nos portos e interromperam as comunicações com o interior. Quando o império se desintegrou, mil anos depois da partida de Lhasa, conseguiram conquistar Ofir, depois de uma grande campanha. Saquearam a cidade e incendiaram-na. Os Ugha Mongulala cederam as províncias banhadas pelo oceano a leste e retiraram-se para o interior do país. E foram cortadas as ligações com o império de Samon.

O meu povo recorda o império de Samon e as dádivas a Lhasa – os pergaminhos escritos e as pedras verdes. Os nossos sacerdotes preservam-nos no complexo subterrâneo do templo de Akakor, onde estão guardados o disco voador e a estranha nave, que pode passar sobre as montanhas e água. O disco voador tem a cor brilhante do ouro e é feito de um metal desconhecido. Tem a forma de um cilindro de argila e a altura e a largura de dois homens um sobre o outro. No disco há espaço para duas pessoas. Não tem nem velas nem remos. Mas os nossos sacerdotes dizem que Lhasa podia voar mais depressa com ele do que a águia mais forte e podia atravessar as nuvens tão ligeiro como uma folha levada pelo vento. A estranha nave é também misteriosa. Sete longas pernas transportam um grande vaso chapeado de prata. Três pernas dirigem-se para a frente, três para a retaguarda. Assemelham-se a hastes de bambu e são móveis; terminam em rodas tão grandes como a vitória-régia.

Estes são os últimos vestígios do glorioso império de Lhasa e Samon. Desde então muita água correu sob as pontes. O primitivamente poderoso império, cento e trinta famílias dos Deuses que vieram para a Terra, falhou e os homens vivem sem esperança. Mas os Deuses voltarão, Voltarão para auxiliar os seus irmãos, os Ugha Mongulala, que são do mesmo sangue e provêm do mesmo pai, tal como está escrito na crônica:

Isto é o que Lhasa predisse. E assim acontecerá. Novos elos de sangue desenvolver-se-ão entre os impérios de Lhasa e Samon. A aliança entre os seus povos será renovada e os seus descendentes encontrar-se-ão de novo. Então os Primitivos Mestres voltarão.

AKAHIM, A TERCEIRA FORTALEZA

Conhecemos Akahim, a terceira fortaleza. Desde o tempo de Lhasa. Esta cidade de pedra fica nas montanhas, na fronteira norte entre os países chamados Venezuela e Brasil. Não sabemos quem construiu Akahim e só temos uma idéia vaga de quando a cidade foi erigida. Só é referida na crônica depois do regresso dos Primitivos Mestres, no ano 7.315. Desde então, Akakor e Akahim foram ligadas em íntima amizade.

Eu próprio visitei várias vezes a nação irmã das Tribos Escolhidas. Assemelha-se a Akakor, tendo o seu portal de pedra, o Templo do Sol e os edifícios para os príncipes e os sacerdotes. O caminho para a cidade é marcado por pedra cortada na forma de um dedo estendido. A entrada atual está oculta por uma grande catarata. As águas precipitam-se numa profundidade de trezentos metros. Posso revelar estes segredos porque há quatrocentos anos que Akahim jaz em ruínas. Depois das terríveis guerras contra os Bárbaros Brancos, o povo de Akahim destruiu casas e templos que ficavam à superfície e retirou-se para as moradias subterrâneas. Essas habitações são desenhadas como a constelações dos Deuses e têm comunicação entre si por meio de túneis de forma trapezóide. Presentemente só quatro edifícios são ainda habitados; os nove restantes estão vazios. A primitivamente tão poderosa Akahim alberga hoje somente cinco mil almas.

Akahim e Akakor estão ligadas por um corredor subterrâneo e um enorme mecanismo de espelho. O túnel começa no Grande Templo do Sol de Akakor, continua sob o leito do Grande Rio e termina no coração de Akahim. O mecanismo de espelho vai de Akai, junto dos Andes, até as montanhas de Roraima, tal como lhes chamam os Bárbaros Brancos. Consta de espelhos de prata da altura de um homem montados em grandes andaimes de bronze. Todos os meses os sacerdotes transmitem os acontecimentos mais importantes na secreta linguagem dos sinais. Deste modo, a nação irmã de Akahim soube pela primeira vez da chegada dos Bárbaros Brancos ao país chamado Peru.

A segunda e a terceira fortaleza são os últimos restos do outrora poderoso campo dos nossos Primitivos Mestres. Foram testemunhas de um elevado conhecimento, de uma extraordinária sabedoria e dos segredos dos Deuses, que legaram aos Ugha Mongulala com a finalidade de preservar a herança, tal como está escrito na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Esta é a nossa mais elevada lei. Conservareis o nosso legado. Conservá-lo-eis onde quer que fordes, onde quer que puderdes construir as vossas cabanas, onde quer que encontrardes um novo lar. Não fareis de acordo com a vossa vontade, mas seguireis a vontade dos Deuses. Ouvireis as suas palavras com reverência e gratidão. Porque grande e infinito é o seu saber.

II – O IMPÉRIO DE LHASA

2.982 A. C. – 2.470 A. C.

O cultivo dos vales do Nilo, do Eufrates e do Tigre, iniciaram o desenvolvimento das mais velhas civilizações do Oriente. Cerca de 3.000 a. C., o velho Reino, fundado pelo rei Menes, estabeleceu-se no Egito. Tinha uma administração central e um serviço de estado civil admiravelmente estruturado. O Faraó e a Grande Casa têm absoluto poder para governar como divina reencarnação. A sua mais importante ação oficial é a construção de um gigantesco túmulo de pedra, a pirâmide. As estátuas e os relevos mágicos das câmaras funerárias são evidência tanto do alto nível do material como da cultura espiritual. A bem desenvolvida escrita hieroglífica, aperfeiçoada pelos sacerdotes, descreve a glória do império. Cerca de 2.500 a. C., os Sumérios avançaram na Babilônia. Em 2.350, o rei semita Sargon fundou o primeiro grande império conhecido na História. As únicas datas sobre o desenvolvimento histórico no continente americano são fornecidas pelo historiador espanhol Fernando Montesinos, que situa o início da dinastia dos Reis do Sol incas no terceiro milênio a. C.

A NOVA ORDEM

Durante muito tempo não havia mais que terra e montanhas. Isto foi o que os Deuses nos ensinaram. Esta é a lei da natureza. O meu povo também está sujeito a esta lei. É suficientemente forte para confiar na mais elevada lei do mundo. Mas que sentido tem para nós a vida se não combatermos? Que sentido haverá se os Bárbaros Brancos nos quiserem eliminar? Roubaram-nos as nossas terras e perseguiram homens e animais. O gado selvagem desaparece depressa. Há só alguns jaguares, que ainda há poucos anos eram muito abundantes. Uma vez extintos, teremos de morrer de fome. Seremos obrigados a render-nos aos Bárbaros Brancos. Mas nem sequer isso os satisfará. Querem que vivamos segundo os seus costumes e leis. No entanto, somos homens livres, pertencemos ao Sol e à Luz. Não desejam encher o nosso coração com falsas esperanças. Não queremos ser como os Bárbaros Brancos, que podem ser felizes e alegres mesmo quando os seus irmãos estão infelizes e tristes. Portanto, não temos outra alternativa senão pegar na Seta Dourada, lutar e morrer tal como Lhasa nos ensinou, Lhasa o Exaltado Filho dos Deuses, que veio para fundar um novo império e proteger os Ugha Mongulala da destruição.

Lhasa deixou atrás de si poder e glória. Havia decisões e governo. Filhos nasceram. Muitas coisas aconteceram. E o Povo Escolhido tornou-se mais famoso quando reconstruiu Akakor com cimento e cal. Mas os Servos Escolhidos não trabalhavam. Não construía nem fortalezas nem habitações. Deixavam isso às Tribos Escravas. Não tinham necessidade de pedir, de ordenar ou de usar violência. Todos obedeciam com prazer aos novos senhores. O império expandia-se. O poder dos Servos Escolhidos era grande. As suas leis eram válidas nos quatro cantos do império.

Lhasa restaurou a fama dos Ugha Mongulala. Os limites eram tranquilos e seguros. As tribos inimigas haviam sido derrotadas. As Tribos Aliadas estavam sujeitas ao serviço militar, tal como o Exaltado Filho dos Deuses tinha ordenado. Mas Lhasa não só

restabeleceu o exterior poder do império; também renovou a ordem interior do reino, Lhasa dividiu os Ugha Mongulala em grupos e classes e pela primeira vez se assentou a herança dos Deuses em leis escritas. Durante milhares de anos estes governaram a vida do meu povo. Só se completaram depois da chegada de dois mil soldados alemães, muitos séculos mais tarde.

“Temos de dividir as nossas tarefas”. Assim falou e resolveu Lhasa. E assim se renovaram as fileiras e se distinguiram as classes. O príncipe, o grande-sacerdote e os mais velhos do povo – todos os títulos e dignitários foram de novo designados. Esta foi a origem de todas as categorias e classes. Esta foi a nova ordem do Exaltado Filho dos Deuses, que determinou a vida dos Ugha Mongulala.

De acordo com a lei escrita de Lhasa, o príncipe é o chefe dos Ugha Mongulala. É o mais elevado servo dos Deuses, descendente dos Primitivos Mestres e governador das Tribos Escolhidas. O povo chama-lhe o Exaltado porque o escolheram para administrar o império. Não foi eleito. O ofício de príncipe é hereditário e passa de pai para filho, a quem é atribuído o legado dos Deuses, concedido pelos sacerdotes desde a idade de onze anos em diante. Instruíram-no na história das Tribos Escolhidas e prepararam-no para a sua futura tarefa com exercícios físicos e espirituais.

Depois da morte do príncipe, o seu filho primogênito é chamado perante os mais velhos. Deve provar-lhes que está destinado a ser o mais alto servo dos Primitivos Mestres. Depois de ter passado o exame, o grande-sacerdote manda-o para a secreta região das moradias subterrâneas. Aqui deve ficar durante treze dias e conversar com os Deuses. Se estes pensarem que ele merece herdar o seu legado, os mais velhos oferecer-lhe-ão as novas regras de governo do povo. Se os Deuses o rejeitarem e ele não voltar depois de treze dias das regiões subterrâneas, os sacerdotes determinam, com o auxílio das estrelas, o correto herdeiro. Calculam o nascimento de uma criança do sexo masculino com seis anos de antecedência. O eleito desta época é levado para Akakor e preparado para o seu futuro cargo.

E esta é a maneira como o príncipe governa as Tribos Escolhidas: ele é o supremo chefe e o maior administrador do império. Os guerreiros de Ugha Mongulala estão sob as suas ordens. Os exércitos das Tribos Aliadas devem-lhe obediência. Só ele decide da paz e da guerra. Designa os mais elevados dignatários civis e os chefes militares. As veneráveis leis de Lhasa só podem ser alteradas com a sua aprovação. Por ser legítimo descendente dos Deuses, o príncipe está acima da lei dos homens e destinado a invalidar por três vezes o Conselho dos Velhos.

Três mil dos melhores guerreiros, selecionados nas melhores famílias, estavam sob as ordens diretas do príncipe. Eram os únicos autorizados a entrar nas moradias subterrâneas, onde moravam os Deuses, levando armas. Aos guerreiros regulares não era permitido fazê-lo, sob castigo de exílio. Mas a posição do príncipe não é baseada no seu poder pessoal. Assenta na sua sabedoria, na sua perspicácia, no seu conhecimento, o legado dos Deuses, como está escrito na *Crônica de Akakor*:

Assim falou e resolveu Lhasa. Porque Lhasa era sensato. Conhecia as fraqueza dos humanos. Com as suas leis dominou a sua ambição. Determinou o futuro e o bem-estar das Tribos Escolhidas.

A VIDA DA COMUNIDADE

Os Bárbaros Brancos só pensam no seu próprio bem estar e distinguem estritamente entre o que é meu e teu. Sempre que virdes qualquer coisa do seu mundo – uma peça de fruta, uma árvore, água, um montículo de terra -, há sempre alguém que clama que lhe pertence. Na língua dos Ugha Mongulala *meu* e *teu* são uma palavra apenas e significam a mesma coisa. O meu povo não tem posses nem propriedades pessoais. A terra pertence a todos igualmente. Os servos civis do príncipe distribuem um bocado de terreno fértil a cada família, dependendo o seu tamanho do número dos seus membros. Muitas famílias associam-se no estabelecimento da comunidade, e juntos cultivam e colhem o que semeiam. Um terço da colheita pertence ao príncipe, o segundo terço aos sacerdotes, e o último terço fica para a comunidade.

A maioria dos Ugha Mongulala passa toda a sua vida na aldeia. Gozam da proteção do príncipe, que é ao mesmo tempo seu servo. Fazem o seu trabalho nos campos sob a direção de funcionários. O trabalho começa no fim da estação seca, quando se inicia a preparação das sementeiras. O duro solo dos campos torna-se solto com a cava, e a semente é lançada à terra. O sacerdote da comunidade sacrifica então frutos escolhidos da última colheita no templo da aldeia e pede a bênção dos Deuses. Durante a subsequente estação das chuvas, as mulheres estão ocupadas, tecendo e tingindo tecidos, enquanto os homens passam o tempo caçando. Com um arco e uma longa lança de bambu seguem a pista do jaguar, da anta e do javali. A sua presa é cortada em pedaços: a carne é untada com mel e enterrada fundo no chão, para ficar armazenada. Desta maneira mantém-se fresca até a próxima estação seca. As peles dos animais são curtidas e trabalhadas pelas mulheres, em sandálias e botas. Na época das colheitas, as famílias, com cestos e jarros, saem para os campos para colher os frutos. Cereais e batatas são guardados em grande armazéns e mais tarde levados par Akakor, de acordo com o que está prescrito quanto à divisão dos bens.

Depois do avanço dos Bárbaros Brancos, o fértil solo dos vales dos Andes e as regiões superiores do Grande Rio tornaram-se estéreis. Assim, o meu povo começou a construir plataformas nas encostas e nas colinas, que são irrigados por um denso sistema de canais. Muralhas protetoras, inteligentemente escalonadas, evitam que o solo fértil seja arrastado. Todas as grandes edificações têm enormes cisternas e canais subterrâneos para levar água aos campos. É assim que o meu povo cultiva os alimentos nas planícies e nas montanhas, tal como Lhasa ordenou e da maneira como está escrito na crônica:

Agora falaremos sobre o que aconteceu nos campos onde os Servos Escolhidos se reuniram. Juntaram os frutos da terra. Conjuntamente cultivavam cereais e batatas, mel das abelhas e resina. Porque o produto pertence a todos e o solo também é propriedade de todos. Eis como Lhasa organizou tudo de modo que não houvesse diferenças nem fome. E a terra assegurava abundância. O povo sentia-se feliz com a fartura e a vida. Havia comida mais que suficiente nas ilhas, nas planícies e nas floretas, ao longo dos rios e na imensidão das lianas.

O meu povo fez muitos objetos maravilhosamente trabalhados que serviam para uso cotidiano. As mulheres tecem os melhores tecidos da lã do carneiro da montanha. Utilizam a seiva de vegetais e de árvores desconhecidas dos Bárbaros Brancos para tingir

tecidos e poder transformá-los em simples mas belas texturas. Nas planícies e nas florestas do Grande Rio usamos só tangas seguras por um cinto de lã colorida. Defendemo-nos do frio das montanhas com um casaco feito de lã rústica. Os enfeites são usados unicamente em festas especiais. As mulheres enfeitam o cabelo com fios coloridos, correspondentes às cores respectivas das povoações da comunidade. Os homens pintam-se com as quatro cores da tribo dos Ugha Mongulala: branco, azul, vermelho e amarelo. Só as classes superiores - oficiais, sacerdotes e os membros do Grande Conselho – usam um tufo de penas de cor. Como distinção particular da sua situação social, o príncipe e os mais idosos do povo usam no peito tatuagens.

Como acontece com todos os que vivem junto ao Grande Rio, as necessidades diárias dos Ugha Mongulala são modestas. A sua alimentação básica é constituída de batatas, cereais, e também tubérculos e raízes de várias plantas. As batatas são assadas; a carne, frita ao ar livre ou na entrada da casa. Bebemos água e sumo de cereais fermentados em todas as nossas refeições. Servimo-nos com colheres de pau e de facas de bronze para comer. Não há mesas nem cadeiras nas cabanas de pedra retangulares. Às refeições a família ajoelha-se no chão de argila e de noite dorme sobre os bancos de pedra cortada. Só com os soldados alemães o meu povo aprendeu a utilidade dos colchões cheios de erva. Enfiam-se ganchos de bronze no interior das paredes das casas e, durante a noite, os tecidos de lã ficam pendurados à entrada. A comida é guardada em grandes bilhas de barro, feito com a terra vermelha das montanhas. Com grandes cordas, descem-se até ao interior de vulcões extintos, para poderem secar, e depois decoram-se com belos desenhos, que representam cenas da história dos Ugha Mongulala. Mas não se podem comparar com os objetos dos nossos Primitivos Mestres. Não temos as ferramentas que eles tinham, que, como por magia, suspendiam as pedras mais pesadas, arremessavam raios ou derretiam rochas. Os Deuses não nos divulgaram estes segredos. Nos seus legados só estão refletidas as leis da natureza. Mas a natureza não conhece a passagem do tempo, nem desenvolvimento, nem progresso. O eterno círculo da vida determina todos os seres – plantas, animais e humanos – tal como está escrito na *Crônica de Akakor*:

Tudo existe e passa. Assim falam os Deuses. E assim o ensinaram às Tribos Escolhidas. Todos os homens estão sujeitos às suas leis, porque há uma íntima relação entre o céu em cima e a terra em baixo.

O meu povo submeteu-se à vontade dos Deuses. Isto é óbvio em todos os aspectos da vida e também no seio da família. Cada um dos Ugha Mongulala tem de cumprir os seus deveres para com a comunidade. Inicia a sua própria família com a idade de dezoito anos. Se um jovem gosta de uma rapariga, vive com ela durante três meses em casa dos pais. Durante este período de prova não é autorizada qualquer intimidade. Se ele ainda quiser casar com ela depois dos três meses terem passado, o sacerdote proclama o seu casamento. Como sinal de lealdade mútua, trocam sandálias na presença de todos os membros da comunidade.

De acordo com as leis de Lhasa, cada família só pode ter dois filhos. Depois, o grande-sacerdote dá à mulher um remédio que a torna estéril. Deste modo, o Exaltado Filho dos Deuses, na sua sabedoria, evitou a miséria e a fome. O meu povo não acredita no divórcio. Se o homem e a mulher insistem, podem voltar a viver separadamente, mas sob a pena de serem exilados se tornarem a casar. Para quem conhece só um homem ou uma mulher a vida pode ser verdadeiramente feliz.

“Cometestes um triste feito. Que a desgraça te envolva. Oh!, que os Deuses te tivessem mostrado a luz! Que fizeste? Porque desrespeitaste as leis dos Antigos Pais? És culpado”. Assim o grande-sacerdote falou a Hama. E Hama, que desprezara sua mulher e chamara para junto de si uma rapariga, admitiu o delito. O seu coração foi dominado pela angústia e pelo terror. Chorou lágrimas amargas. Mas o grande-sacerdote não se comoveu. “Nem a morte nem a prisão te estão destinadas. Infringiste a nossa lei mais sagrada. Mandar-te-ei para o exílio. Esta é a nossa decisão”. E Hama, que renegara a mulher, foi expulso. Viveu para além das fronteiras como um corrupto. Ninguém mais cuidou da sua cabana. Ele vagueava pelas montanhas. Comia casca de árvores e líquens, os líquens amargos que crescem nas rochas. Não sabia o que fosse boa comida. E nunca tinha consigo qualquer mulher.

A GLÓRIA DOS DEUSES

Cento e trinta famílias dos Deuses vieram para a Terra e selecionaram as tribos. Fizeram dos Ugha Mongulala seus Servos Escolhidos e depois da sua partida legaram-lhes o seu enorme império. Com a primeira Grande Catástrofe o império dos Deuses desintegrou-se. As Tribos Aliadas abandonavam os seus antigos territórios e viviam de acordo com as suas próprias leis. Então Lhasa restabeleceu o império na sua primitiva glória e poder. Dominou os Degenerados, que se haviam revoltado contra Akakor, e integrou muitas tribos selvagens no novo império em desenvolvimento. Para salvaguardar a unidade obrigou-os a falar a língua dos Ugha Mongulala e a escolher novos nomes. Deu nomes às Tribos Aliadas das províncias e da região de Akakor: Tribo que Vive na Água, Tribo dos Comedores de Serpentes, Tribo dos Vagabundos, Tribo dos Comedores de Refugio, Tribo dos Demônios do Terror, Tribo dos Maus Espíritos. Também atribuiu nomes aos povos que viviam nas florestas das margens do Grande Rio: Tribo dos Corações Negros, Tribo das Grandes Vozes, Tribo onde Cai a Chuva, Tribo que Vive nas Árvores, Tribo dos Matadores de Antas, Tribo das Caras Torcidas e Tribo da Glória Crescente. As tribos selvagens fora do império eram excluídas desta honra.

Quando da chegada dos Bárbaros Brancos, há quinhentos anos, a velha ordem de Lhasa foi destruída. A maioria das Tribos Aliada traiu o ensino dos Antigos Pais e começaram a adorar o sinal-da-cruz. Presentemente, só os Ugha Mongulala vivem de acordo com o legado dos Deuses. As nossas crenças diferem fundamentalmente da falsa fé dos Bárbaros Brancos, que adoram a propriedade, a riqueza e o poder e consideram que não é grande sacrifício conseguir um pouco mais que o seu vizinho. Mas o testamento dos nossos deuses ensina-nos como viver e como morrer. Indica-nos o caminho de uma vida para além da morte. Ensina-nos como o corpo é criado, como morre e como é constantemente transformado em comida. Por esta razão não pode representar a nossa vida real. Os nossos sentidos dependem do nosso corpo e são levados por ele como a chama de uma vela. Quando a vela se extingue, os sentimentos também se extinguem. Portanto, também não podem representar a nossa vida real. Porque tanto o nosso corpo como os nossos sentidos estão sujeitos ao tempo; o seu carácter consiste nas mudanças. E a morte é a mudança total. A nossa herança ensina-nos que a morte destrói qualquer coisa que de fato podemos dispensar. O verdadeiro Eu, cerne dos humanos, da vida, está fora do tempo. É

imortal. Depois da morte do corpo volta para donde veio. Tal como a chama usa a vela, o Eu serve-se do homem para manifestar a vida. Depois da morte, regressa ao nada, ao início do tempo, ao primeiro começo do mundo. O homem faz parte de um grande e incompreensível acontecimento cósmico que decorre vagarosamente e é governado por uma lei eterna. Os nossos Primitivos Mestres conheciam essa lei.

Deste modo, os Deuses ensinaram-nos o segredo da segunda vida. Mostraram-nos que a morte do corpo é insignificante e que só a imortalidade conta, desligada do tempo e da matéria. Nas cerimônias do Grande Templo do Sol agradecemos a luz de um novo dia e sacrificamos mel das abelhas, incenso e frutos escolhidos, como está escrito na crônica:

E agora falaremos do templo que tem o nome de “Grande Templo do Sol”. Chama-se assim em honra dos Deuses. Aqui se reúnem o príncipe e os sacerdotes. O povo queimava incenso. O príncipe queimava as penas azuis da ave da floresta – como sinais para os Deuses. Deste modo, os Servos Escolhidos prestavam homenagem aos seus Antigos Pais, que são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.

Os conhecimentos dos nossos Primitivos Mestres eram vastos. Sabiam qual era o curso do Sol e dividiram o ano. Os nomes que deram aos treze meses foram Unaga, Mena, Lano, Ceros, Mens, Laime, Gisho, Manga, Klemnu, Tin, Meinos, Denama e Ilashi. Duas luas de vinte dias são seguidas por uma lua dupla. Cinco dias extraordinários no fim do ano são dedicados à veneração dos nossos Deuses. Então, celebramos o nosso mais sagrado feriado, o solstício, quando começa a renovação da natureza. Os Ugha Mongulala reúnem-se nas montanhas ao redor de Akakor e saúdam o Ano Novo. O grande-sacerdote inclina-se perante o disco de ouro no Grande Templo do Sol e profetiza o futuro imediato, tal como prescrevem as leis dos Deuses.

O legado dos Antigos Pais rege a vida dos Ugha Mongulala desde que nascem até que morrem. Frequentam escolas de sacerdotes desde os seis até aos dezoito anos de idade. Aí aprendem as leis da comunidade, do bem-estar, da caça aos animais selvagens e do cultivo da terra. As raparigas aprendem a tecer, a cozinhar e a trabalhar no campo. Mas a tarefa mais importante das escolas dos sacerdotes é a revelação e a explicação do legado. O jovem Ugha Mongulala aprende os sinais sagrados dos Deuses e como viver e morrer. Aos dezoito anos, o rapaz tem de fazer uma prova de coragem. Cada jovem tem de lutar contra um animal selvagem do Grande Rio, porque só quem enfrenta a morte pode compreender a vida. Só então se torna digno de ser aceito pela comunidade dos Servos Escolhidos. É autorizado a escolher um nome e a iniciar uma família. Após a sua morte, a família corta-lhe a cabeça e queima o corpo. O sacerdote mostra a cabeça ao sol-nascente, como sinal de que aquele que partiu cumpriu todos os seus deveres para com a comunidade. Depois a cabeça é conservada num dos nichos do Grande Templo do Sol, tal como está narrado na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Assim, os vivos sacrificavam-se pelos mortos. Juntavam-se no Grande Templo do Sol. Os pranteadores ficavam em frente dos olhos dos Deuses. Ofereciam resina e ervas mágicas. E o grande-sacerdote falava: “Agradecemos verdadeiramente aos Deuses. Eles deram-nos duas vidas. Excelente é a sua ordem no céu e na terra.”

III – APOTEOSE E DECLÍNIO DO IMPÉRIO

2.470 A. C. – 1.421 A. C.

No Egito, o Velho Reino terminou cerca de 2.150 a. C. Aproximadamente na mesma altura, a Babilônia foi destruída, devido a invasão das tribos da montanha. O império de Sumer e Akkad estabeleceu-se cerca de 2.000 a. C. A unidade política durante o governo do rei Hammurabi atingiu ainda um mais elevado nível de arte e civilização. O seu código forneceu as bases das subseqüentes leis do Império Romano. Iniciadas cerca de 2.000 a. C., as tribos indo-germânicas começaram a espalhar-se pela Europa. Todas as estruturas de estado do Velho Mundo tiveram uma nova imagem devido aos carros de combate. Enquanto o poderoso Novo Reino egípcio de Thotmés estendia as suas relações internacionais até Creta, a idade do Bronze florescia na Europa e levava ao desenvolvimento das civilizações mais diferenciadas. No Novo Mundo, a documentação dos acontecimentos históricos começa com as nações Chavin, no Peru, cerca de 900 a. C. Até esta data nada se sabia sobre os índios da Amazônia.

O IMPÉRIO NA MAIS ELEVADA FORMA DO SEU PODER

Os territórios do meu povo são vastos. Esta terra, primitivamente, só era habitada pelos Ugha Mongulala e tribos selvagens, entre as quais muitas nações poderosas do Grande Rio. Uma após outra, as tribos são extintas pelos Bárbaros Brancos. Se a comunidade se defendia, os homens eram assassinados e as mulheres e as crianças eram tratadas como animais. Isto está escrito na nossa crônica e não na dos Bárbaros Brancos. Estes contaram a história erradamente. Afirmaram muitas coisas que não são verdadeiras. Só se referiram aos seus feitos heróicos e à estupidez dos “selvagens”. Os Bárbaros Brancos estão mentindo constantemente, enganando-se uns aos outros. Quebrando todas as leis da natureza, acreditam que criarão um mundo novo e melhor. Porém, segundo o legado dos nossos Deuses, a Terra foi criada com o auxílio do Sol. O Mundo, a Terra e o meu povo pertencem-se. Estão inseparavelmente ligados, tal como Lhasa nos ensinou e está escrito na *Crônica de Akakor*:

Os Servos Escolhidos não governaram de mão leve. Não esbanjaram sacrifícios. Eles próprios os comeram e beberam. Alcançaram grande poder e receberam grandes tributos: ouro, prata, mel das abelhas, frutos e carne. Isto eram tributos das tribos escravas. Tudo isto aconteceu antes do príncipe, governador de Akakor.

No oitavo milênio (2.500 a. C.) o império de Akakor atingiu o seu mais alto grau. Dois milhões de guerreiros dominavam as planícies do Grande Rio, as vastas regiões de florestas de Mato Grosso e as férteis planícies das encostas orientais dos Andes. Duzentos e quarenta e três milhões de pessoas viviam de acordo com as leis do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa. Mas, na altura de o império atingir o seu máximo, começou a declinar. Primeiro, apareceram alterações que tornaram a colocar Akakor na defensiva das

tribos selvagens, que agora atingiam os milhares. Dificilmente a terra produzia alimento para tanta gente. Levados pela fome, repetidamente invadiram os territórios do império. E as Tribos Aliadas igualmente se revoltaram contra o domínio dos Ugha Mongulala. Surgiram novas nações, que Akakor teve dificuldade em vencer.

Por ordem do alto comando saíram para a região do Grande Lago, nas montanhas, e também ocuparam os terrenos circunvizinhos. Eram batedores e guerreiros acompanhados pelo mensageiro com a Seta Dourada. Tinham sido enviados para observar os inimigos de Akakor e derrotá-los. Juntos, os guerreiros das Tribos Escolhidas foram para a guerra. As Tribos Aliadas fizeram muitos prisioneiros e rejeitaram o legado dos Deuses. Tinham criado as suas próprias leis. Viviam de acordo com as suas regras. Mas os guerreiros dos Servos Escolhidos eram corajosos. Derrotaram o inimigo e deixaram-no sangrar.

Durante milhares de anos, os exércitos dos Ugha Mongulala tinham sido superiores aos dos guerreiros das tribos rebeldes, porque eram cuidadosamente treinados e iam para o campo de batalha de acordo com planos legados por Lhasa Cem mil guerreiros estavam sob as ordens do comandante-chefe, o Chefe de Cem Mil Homens. Dez mil homens eram chefiados por um capitão ou um Chefe de Dez Mil Homens. Os Chefes de Mil Homens e os Chefes de Cem Homens iam à frente do exército e davam sinal de ataque. Depois de uma batalha vitoriosa, fizeram prisioneiros e dividiram o saque. Se a luta parecia perdida, os Ugha Mongulala retiravam-se a coberto da escuridão e preparavam as suas posições. Só em casos muito raros o príncipe acompanhava o exército. Batedores escolhidos mantinham-no em contato com os guerreiros, de modo a poder dar-lhes assistência, mas com o seu palácio guardado, para qualquer caso de emergência. Quando os Bárbaros Brancos vieram, o meu povo abandonou esta ordem de batalha. Mesmo um enorme exército não poderia resistir às setas invisíveis deste novo inimigo. A época das grandes campanhas havia passado.

Hoje, temos simplesmente um exército de dez mil guerreiros, todos treinados para combate individual. Estão agrupados em partes iguais e sob o comando de cinco dos mais altos comandantes e cinco dos mais altos sacerdotes. Cada guerreiro está equipado com arco e seta, uma comprida lança pontiaguda, uma funda e uma faca de bronze. Tem um escudo de grossas tranças de bambu, que lhe serve de proteção contra as setas do inimigo. O exército é acompanhado por grande número de batedores. Os chefes determinam a duração do ataque, de acordo com as suas informações. A declaração de guerra é decidida pelo príncipe. É ele também que envia o batedor com a Seta Dourada, como sinal de batalha iminente.

A maior campanha antes da chegada dos Godos deu-se cerca de 8.500. De acordo com o que contam os sacerdotes, tribos selvagens dos limites norte do império aliaram-se com a Tribo dos Vagabundos. Assassinando e roubando, avançaram até ao Grande Rio. A Tribo das Grandes Vozes fugiu em pânico. Maid, o legítimo governador das Tribos Escolhidas, declarou então guerra às tribos inimigas.

Como um poderoso exército de toda a parte do império se começasse a organizar, os Ugha Mongulala iniciaram as necessárias preparações militares. Fizeram arcos, setas, fundas e lanças de bambu nos vales e florestas banhados pelo Grande Rio. Tanto de noite como de dia os caçadores partiam para trazer a caça necessária para os guerreiros. As mulheres teciam panos de guerra para os seus homens e cantavam canções

sobre os feitos heróicos dos grandes príncipes. Todo o reino de Maid foi dominado por um grande desejo de combater. Seja como for, é isto que os sacerdotes contam. Finalmente, depois de seis meses, quando um exército de trezentos mil homens estava reunido, Maid, o príncipe, chamou os mais velhos e os sacerdotes. Vestindo a toga brilhante de ouro de Lhasa e com o bastão azul, vermelho e amarelo, com penas pretas, mandou chamar o batedor da Seta Dourada. Quando este chegou, todos os presentes fizeram uma profunda vênua. Maid deu-lhe pão e água, sinais de vida e de morte. Espalhou-se a alegria por entre as tribos dos Servos Escolhidos, gritos de entusiasmo que alcançaram os quatro cantos do mundo e espalharam o medo e o terror entre as tribos inimigas.

Depois começou a grande marcha para a fronteira norte. Durante dois meses, os tambores ressoaram e fizeram tremer a terra. E os sacerdotes contam também que no fim do segundo mês as Tribos Escolhidas encontraram o exército inimigo. Gritando os seus brados de guerra, os guerreiros precipitaram-se uns contra os outros. Os arqueiros lançaram as suas setas e desbarataram a vanguarda do inimigo. Eram seguidos por tropas de lanceiros que tentaram vencer a principal força que resistia. A batalha cedeu na noite seguinte, pois, de acordo com o legado dos Deuses, nenhum guerreiro pode entrar na segunda vida se morrer durante as horas de escuridão. Contudo, na manhã seguinte o combate foi retomado com intensidade dobrada. Os Ugha Mongulala venceram a Tribo dos Vagabundos num poderoso ataque. Os seus chefes renderam-se implorando perdão. Mas Maid não os escutou, e nenhum foi poupado. Tanto a tristeza como a alegria se espalharam ao mesmo tempo por todo o império.

OS POVOS DEGENERADOS

Durante o oitavo e o nono milênio, os Ugha Mongulala empreenderam várias campanhas contra as tribos rebeldes. Maid derrotou a Tribo dos Vagabundos e repeliu o ataque das tribos selvagens da zona baixa do Grande Rio. Nimaia edificou as três fortalezas de Mano, Samoa e Kin, no país chamado Bolívia, e construiu fortes posições defensivas na vizinhança dos recintos do destruído templo de Mano. Outros chefes travaram outras batalhas: Anau combateu contra a Tribo dos Comedores de Serpente e a dos Corações Negros. Ton castigou os Matadores de Antas pela sua desobediência e mandou os batedores até às costas do oceano leste. Kohab, um descendente do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, particularmente heróico, derrotou a Tribo das Caras Torcidas numa sangrenta batalha que durou três dias, na parte superior do rio Negro, e estendeu o seu império até ao país chamado Colômbia. Muda construiu um segundo cinto de defesa em volta de Akakor e armazéns subterrâneos nos vales dos Andes.

Mas foi o príncipe Maid que teve de suportar a guerra mais violenta. Trata-se da luta contra a Tribo que Vive na Água, que fundara o seu próprio império nas montanhas do Peru depois da segunda Grande Catástrofe. No decorrer de oitocentos anos, os seus chefes dominaram numerosos povos selvagens e avançaram até Machu Picchu. A fim de evitar que a tribo atacasse Akakor, o Alto Conselho decidiu submetê-lo. Numa guerra com pesadas baixas, que durou três anos e em que os Ugha Mongulala sofreram muitas derrotas humilhantes, Maid finalmente venceu a Tribo que Vive na Água e fez prisioneiro o seu chefe. O perigo que vinha do oeste parecia ter sido vencido.

Como acabará isto? Cada vez mais, as pessoas fazem as suas próprias leis e esquecem o legado dos Deuses, vivem como animais. Grande é o número dos Servos Escolhidos, mas inúmeros são os Degenerados. Eles devastam os nossos campos e matam os nossos filhos. São imperiosos e muitos são os povos que dominaram.

As tribos rebeldes citadas na crônica pertencem aos Degenerados. Lhasa integrara-os no império de Akakor e ensinaram-lhes o legado dos Deuses. No decorrer dos milênios fugiram à soberania dos Ugha Mongulala e esqueceram o ensino dos Antigos Pais. Viviam como tribos selvagens em cabanas de palha ou casas feitas de canas com feitiço retangular, bastante grandes para toda a comunidade tribal. As suas instalações eram cercadas por uma alta barreira de madeira. Não usavam roupas. Não conheciam o tear. Mas são peritos em trabalhar as penas que usam na cabeça. Os Degenerados cultivam a terra depois de queimarem a floresta. Plantam mandioca, trigo e batatas. Para eles a caça é tão importante como o cultivo da terra. Os seus arcos e setas são semelhantes aos nossos, mas menores e mais leves. Adotam o mesmo veneno que os Ugha Mongulala. Em combate usam a lança com a ponta de pedra afiada.

O meu povo venera o legado dos Deuses, e as Tribos Degeneradas adoram três diferentes divindades: o Sol, a Lua e um deus do Amor. Para eles, o Sol é a mãe de toda a vida da Terra. A Lua é a mãe de todas as plantas e animais. O deus do Amor protege a tribo e é responsável pela fertilidade dos povos. Se uma tribo acredita que é infeliz, o sacerdote mágico afasta os maus espíritos. Os Degenerados também sabem do essencial Eu, que se solta do corpo no momento da morte e inicia uma segunda vida. Acreditam que esta segunda vida se realiza nas moradias subterrâneas dos Primitivos Mestres.

VIRACOCHA, O FILHO DO SOL

Os Bárbaros Brancos acreditam que possuem o mais elevado conhecimento. E, na verdade, fazem muitas coisas que nunca compreenderemos e que, para nós, são mistério. Mas o verdadeiro elevado conhecimento dos humanos há muito que desapareceu. O conhecimento dos Bárbaros Brancos é simplesmente um reaprender e redescobrir dos segredos dos Deuses, que moldaram a vida de todos os povos da Terra. Os Servos Escolhidos têm lealmente preservado o legado dos Deuses, e o seu conhecimento é conseqüente maior. As Tribos Degeneradas dificilmente recordam a época dos seus antepassados e vivem na escuridão. O legado dos Deuses nunca foi revelado aos Bárbaros Brancos ou às tribos selvagens, que, tal como animais, vagueiam pelo país.

Só um povo à parte dos Ugha Mongulala conhece as leis dos Deuses. São os Incas, nação irmã das Tribos Escolhidas. A sua história começa no ano 7.951 (2.530 a. C.). Neste ano, Viracocha, o segundo filho do príncipe Sinkaia, ergueu-se contra o legado dos Deuses. Fugiu para a Tribo que vive na Água e fundou o seu próprio império.

E, homens poderosos em magia, os sacerdotes se juntaram. Sabiam sobre futuras guerras. Tudo lhes era revelado: sabiam se a guerra e a discórdia tinham acabado. Na verdade, o seu conhecimento era poderoso. E desde que previra a traição de Viracocha, o segundo filho de Sinkaia, castigaram-se e jejuaram no Grande Templo

do Sol de Akakor. Só comiam três espécies de fruta e pequenos bolos de trigo. Era na verdade um grande jejum, para vergonha de Viracocha, que não tinha fé. Nenhuma mulher se lhes juntou. Durante muitos dias ficaram sozinhos no templo, perscrutando o futuro, sacrificando incenso e sangue. Era assim que passavam o seu tempo desde a madrugada ao entardecer e ainda as suas noites. Rezavam com corações exaltados, pelo perdão para o descrente filho de Sinkaia.

As orações dos sacerdotes não conseguiram comover o coração do segundo filho de Sinkaia. Embora não fosse autorizado a ocupar o cargo do príncipe, reclamou a soberania sobre o povo dos Ugha Mongulala. Revoltou-se contra o legado dos Deuses e infringiu as leis de Lhasa. Para manter a paz no reino, o Alto Conselho levou Viracocha a julgamento. Na Grande Sala do Trono os mais velhos do povo consideraram-no culpado. O seu julgamento foi a pena maior e mais dura, e foi enviado para o exílio.

Viracocha, o filho do Sol, como mais tarde chamou a si próprio, foi o único descendente de Lhasa que infringiu as leis dos Deuses e teve de pagar o seu crime com o exílio. Esse foi o maior castigo do meu povo até a chegada dos soldados alemães, que insistiram na introdução da pena de morte. Para crimes menores, tal como a violência ou desobediência, os culpados devem justificar-se publicamente. A preguiça é considerada uma fratura das leis da comunidade e é punida com um período de serviço nas mais perigosas fronteiras. A embriaguez é somente um crime se o acusado não cumpriu com os seus deveres por causa dela. O mais hediondo crime é o roubo, visto o meu povo possuir tudo em comum e a propriedade individual não ter significado. Tal como os adúlteros, os assassinos, os rebeldes e os ladrões são também enviados para o exílio.

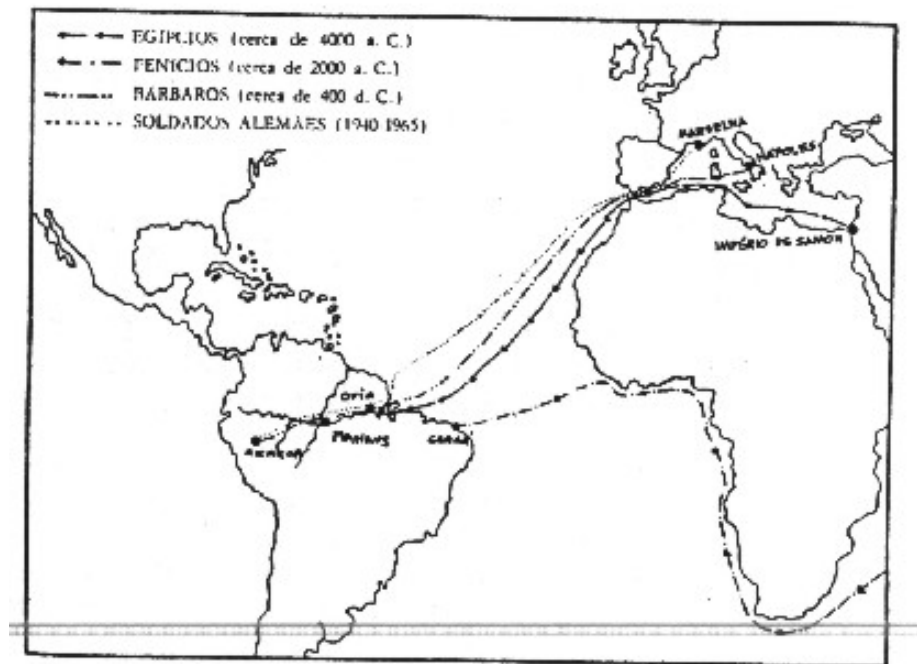
Viracocha, o Degenerado, não só infringiu o legado dos Deuses como também ignorou a decisão do Alto Conselho. Em vez de viver sozinho na montanha, como é prescrito pelas leis do meu povo, fugiu para a Tribo que Vive na Água. Levou a tribo para um vale da montanha, nos Andes, e construiu Cuzco, a cidade dos quatro cantos do mundo, como lhe chamou. Uma nação irmã nascera, o povo dos Incas, os filhos do Sol. O seu império ergueu-se rápido e poderoso. Sob a chefia de Viracocha e dos seus descendentes, conquistaram muitos países e submeteram inúmeras tribos selvagens. Os seus guerreiros conquistaram as costas ocidentais do oceano e avançaram profundamente na selva de cipós do Grande Rio. Juntaram enorme fortuna na capital do império e introduziram novas leis contra o legado dos Deuses. Os Incas até desenvolveram a sua própria escrita. Consta de cordas multicoloridas atadas em nós. Cada nó e cada corda tem um significado definido. Várias cordas atadas representam uma mensagem. Deste modo desenvolveram o seu império, fundado na idolatria e na opressão, e não levou muito tempo a montarem uma campanha de destruição contra os Ugha Mongulala.

Mas estava escrito que os descendentes de Viracocha rejeitariam o legado dos Deuses. Quando o seu poder atingiu o máximo, cumpriu-se o predito pelos nossos sacerdotes. eclodiu uma cruel guerra fratricida que abalou o império nas suas próprias bases. E a destruição foi completada com a chegada dos Bárbaros Brancos.

IV – OS GUERREIROS DO LESTE

1.421 A. C. – 1.400 D. C.

Com o colapso dos grandes impérios, o velho mundo oriental desintegrou-se em pequenos estados. Israel foi fundado cerca de 1.000 a. C. Ao mesmo tempo, despertava na Grécia uma grande civilização e, mais tarde, uma outra florescia em Roma, à beira do Tibre. Presume-se que o nascimento de Jesus tenha sido em Belém em 7 a. C. Depois da divisão do Império Romano, os Ostrogodos, chefiados pelo seu rei, Teodorico, o Grande, fundaram na Itália o seu próprio império. Em 552, na batalha do monte Vesúvio, o general romano Narses derrotou inteiramente Teja, o último rei dos Bárbaros. Nada se sabe acerca dos sobreviventes desta raça. A história dos Vikings fez-se no mesmo período. O ousado povo marinho ocupou a costa oeste da França e da Inglaterra e estabeleceu uma base na Groenlândia. De acordo com informações não confirmadas, até alcançou a costa leste da América do Norte. A Idade Média europeia inicia-se no ano de 900. Nesta época começavam na América as histórias dos Astecas, dos Maias e dos Incas. As tribos dos Astecas e dos Incas, com a sua estrutura de classes, desenvolveram uma pura civilização neolítica exemplificada pelos hieróglifos e pelo calendário maia. No entanto, a mais forte característica dos Incas foi a expansão do seu império, que alcançou o apogeu no princípio do século XV, sob a chefia de Huayana Capac.



Rotas da chegada de estrangeiros

A CHEGADA DOS GUERREIROS ESTRANGEIROS

Os Bárbaros Brancos são cruéis. Incendeiam florestas, e quando estas ardem pode-se ver os animais cercados pelo fogo, que correm tentando escapar às chamas, mas que, no entanto morrem queimados. A mesma coisa acontece-nos a nós. Desde que os Bárbaros Brancos vieram para o nosso país, tem havido uma guerra contínua. Mas os Ugha Mongulala nunca foram os primeiros a apontar a seta. Os Bárbaros Brancos enviaram os primeiros guerreiros, e o segundo, e o terceiro. Só então mandamos o nosso batedor com a Seta Dourada. Mas os nossos sacrifícios foram em vão. Os Bárbaros Brancos penetraram mais ainda no nosso terreno, devastando tudo como um tornado. Dominaram as Tribos Aliadas e obrigaram-nas a seguir os seus costumes, que eram ditados por espíritos mesquinhos. Mas o homem nascera livre nas montanhas, na planície e no Grande Rio, onde o vento sopra liberto e nada escurece a luz do Sol, onde pode viver em liberdade e respirar livremente, mesmo durante as batalhas, e o caos pode vir, tal como está escrito na *Crônica de Akakor*:

A discórdia e a inveja surgiram de toda a parte. E os homens discutiam acerca de suas irmãs e pela sua presa. Os festivais da comunidade degeneraram em ébrias orgias. Os Servos Escolhidos revoltaram-se uns contra os outros e atiraram uns aos outros ossos e crânios dos seus mortos. As Tribos Aliadas abandonaram as tradicionais pousadas e seguiram novos caminhos, onde se instalaram. Contra a vontade do Alto Conselho de Akakor, edificaram numerosas cidades. Cada um dos seus novos chefes comandava o seu próprio exército.

No meio do décimo primeiro milênio, o império dos Ugha Mongulala ultrapassara o seu zênite. O exemplar reino de Lhasa tremeu com a revolta das Tribos Aliadas. Grandes exércitos de tribos selvagens dominaram as fortalezas da fronteira em Mato Grosso e na Bolívia. Em Akakor aumentava a tensão entre o Alto Conselho e os sacerdotes. A falsa fé e a idolatria ameaçavam o legado dos Primitivos Mestres. Só a tripla divisão do poder introduzida por Lhasa evitou o colapso do império. O povo dos Ugha Mongulala beneficiou com a sua ordem e com as suas leis, mas não conseguiu evitar uma lenta desagregação do império, que foi mais tarde acelerada pelos acontecimentos da fronteira ocidental.

Aí os Incas haviam travado ferozes batalhas e subjugado muitas tribos. Conquistaram as estradas de acesso aos estreitos do norte e avançaram pelas encostas orientais dos Andes para destruir a cidade-templo de Tiahuanaco. Pela primeira vez desde o regresso dos Deuses, hordas hostis penetraram até às muralhas de Akakor. Mas então aconteceu o que na nossa crônica é descrito com as seguintes palavras:

Agora falamos dos guerreiros do Leste. E falaremos também da chegada dos Bárbaros. Era assim que se chamavam a eles próprios. E aqui está a sua história.. Já tinham decorrido trezentas e sessenta e quatro gerações desde a partida dos Deuses, desde o começo da luz, da vida e da tribo. Já cento e quatro príncipes tinham sucedido a Lhasa. Os corações dos Servos Escolhidos estavam tristes. O clã de Viracocha seguira para Cuzco. Aí construiu as suas cabanas. Aí erigiu templos aos seus deuses e pregou o ódio e a guerra. Esse era o seu alimento diário desde a madrugada ao entardecer e durante a noite. Então, uma estranha mensagem chegou a Akakor. Guerreiros estrangeiros subiam o Grande Rio – homens valentes, tão fortes como o gato-selvagem e tão corajosos como o jaguar. As mulheres e os filhos acompanhavam-nos. Iam em busca dos seus deuses. E assim os Bárbaros alcançaram o império das Tribos Escolhidas.

A chegada de guerreiros estrangeiros que a si próprios se chamavam Bárbaros é um dos grandes mistérios da história do meu povo. Os Ugha Mongulala tinham provavelmente sido informados, desde o tempo de Lhasa, da existência de um grande império para além do oceano que ficava a leste, e que fora governado por Samon. Mas desde a destruição da cidade de Ofir, no sétimo milênio, a ligação tinha sido cortada. Até a chegada dos Bárbaros, os sacerdotes acreditavam que o império de Samon tinha desaparecido. Os guerreiros estrangeiros vindos do leste trouxeram uma mensagem inteiramente diferente. Havia muitas tribos e nações poderosas para além do oceano oriental. De acordo com a história dos Bárbaros, também provinham de seres divinos. Uma velha família principesca viera dos céus e tinha-lhes ensinado tudo acerca da vida e da morte. Muitos milhares de anos mais tarde, os Bárbaros foram obrigados pela fome e pelas tribos inimigas a vagar em terra alheia. E aqui se cumpriu o seu destino.

Este é o nome do príncipe dos Bárbaros. Eles chamaram-lhe o Caçador Selvagem. Tinha grande sabedoria e muito espírito. Era um profeta de boa vontade e realizara feitos heróicos. Salvou-os da destruição. Porque os valentes guerreiros foram batidos; pareciam condenados à perdição na montanha que vomitava fogo. Concluiu uma aliança com os ousados marinheiros do Norte. E o seu povo continuou em busca dos

Deuses. Os Bárbaros procuravam pelos quatro cantos do mundo, no Extremo Azul do Mundo e no Extremo Vermelho do Mundo. Cruzaram a infinidade dos oceanos. E depois de trinta luas fundaram uma nova pátria, e o país dos Servos Escolhidos.

A ALIANÇA ENTRE DUAS NAÇÕES

A chegada dos Bárbaros no ano de 11.051 (570 d. C.) teve um decisivo significado para os Ugha Mongulala. Akakor conseguiu o apoio de um grupo de experimentados guerreiros, infinitamente superior ao das tribos rebeldes. Durante séculos, o Alto Conselho e os sacerdotes estavam afastados da luta pelo poder. O Povo Escolhido ganhara a sua confiança no legado dos Antigos Pais. Uma vez mais, a profecia dos Deuses provava ser verdadeira. Na hora da direta necessidade eles enviaram auxílio, como está escrito na *Crônica de Akakor*:

Assim, os Bárbaros alcançaram o império das Tribos Escolhidas. E assim se estabeleceram em Akakor. Agora existiam dois clãs, mas um só espírito. Não era nem de discórdia nem de combate. A paz reinava entre eles. Não havia nem violência nem disputa. Os seus corações eram tranqüilos. Não conheciam nem ciúme nem inveja.

A aliança entre os Bárbaros e os Ugha Mongulala foi selada pela troca de dádivas. O Alto Conselho concedeu habitações e terra fértil aos recém-chegados. Os Bárbaros presentearam o meu povo com novas sementes e uma espécie de enxadas puxadas por animais. Ensinarão-lhes outras formas de cultivar o solo e mostraram aos artífices como construir melhores teares. Mas a sua melhor dádiva foi o segredo de produzir um duro metal negro que era desconhecido do meu povo e a que os Bárbaros Brancos chamam ferro. Até a chegada dos Bárbaros nós só tínhamos trabalhado ouro, prata e bronze. O ouro e a prata vinham da região da destruída cidade-templo de Tiahuanaco. Operários escolhidos arrastavam redes nos rios em que se encontravam pedras onde havia ouro e prata. Os sacerdotes conseguiam o bronze em grandes queimadores de carvão voltados para leste. Mas o seu calor não era suficiente para fundir o castanho minério do ferro. Ora os Bárbaros construíram fornalhas de pedra. Buracos abertos a distâncias regulares asseguravam a ventilação e o aumento de calor. Guiados pelos novos aliados, os operários começaram a fazer grandes facas e aguçadas pontas de lança, que eram superiores às das outras tribos. Fizeram peças de vestuário trabalhadas com ferro para os dirigentes e para os Chefes de Dez Mil Homens. Durante mil anos os nossos chefes foram para a guerra com essas armas. Depois vieram os Bárbaros Brancos com as armas de fogo, contra as quais não tínhamos proteção.

A armadura de ferro, as velas negras e as coloridas cabeças de dragão dos navios dos Bárbaros foram guardadas até agora no Grande Templo do Sol. Segundo o desenho dos nossos sacerdotes, os navios podiam transportar sessenta homens e eram movidos por um meio de uma vela de fino tecido que estava ligada a um elevado mastro. Mais de mil guerreiros alcançaram Akakor transportados em quarenta navios. Restabeleceram o desintegrado império e tornaram-no forte e poderoso, tal como está narrado na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Assim, a grandeza e o poder dos Servos Escolhidos aumentou. A fama dos seus filhos e a glória dos seus guerreiros cresceu. Aliados aos guerreiros do ferro, derrotaram os seus inimigos. Construíram um poderoso império. Governaram em muitas terras. O seu poder alcançou os quatro cantos do mundo.

A CAMPANHA DO NORTE

Apesar da sua derrota na montanha que vomita fogo, os Bárbaros continuaram a ser uma nação de guerreiros. Pouco depois da sua chegada começaram a defender os Ugha Mongulala na sua luta contra as tribos rebeldes. Com as novas armas de ferro fizeram recuar a Tribo das Grandes Vozes para a estéril região de lianas na parte baixa do rio Vermelho. Dominaram a Tribo da Glória Crescente e a Tribo onde Cai a Chuva, que tinha cessado de pagar tributo, e destruíram inúmeras tribos selvagens. No princípio do sétimo século, no cálculo dos Bárbaros Brancos, os guerreiros Ugha Mongulala mais uma vez avançaram até ao coração da grande floresta no sul do império e até à parte baixa do Grande Rio. O velho império de Lhasa parecia ressurgir do passado.

Assim principiou a Grande Guerra. Os exércitos dos Servos Escolhidos avançaram. Atacaram a Tribo das Grandes Vozes. Esmagaram a sua arrogância. Os arqueiros e fundeiros subiram as paliçadas. Arrombaram as portas das povoações do inimigo. Mataram mais adversários do que os que se podiam contar, e um grande saque caiu-lhes nas mãos. Eis a lista: flautas de osso e chavelhos de concha, preciosos enfeites de penas dos Grandes Pássaros da Floresta, peles de jaguar e escravos. Capturaram tudo. As Tribos Escolhidas ganharam uma força que não possuíam há milhares de anos.

Segundo *A Crônica de Akakor*, os exércitos aliados dos Ugha Mongulala e os Bárbaros combateram nos quatro cantos do império e obrigaram as Tribos Degeneradas a pôr-se em fuga. Era a época do castigo e da retribuição da sua traição ao legado dos Primitivos Mestres. Só na fronteira oeste de Akakor se puseram à defesa. Fiel à ordem dos Antigos Pais de nunca combater contra os seus próprios irmãos, o Alto Conselho limitou-se a mandar erigir um alto paredão contra os Incas. Durante treze anos, trinta mil aliados trabalharam na larga muralha de pedra, com os seus suportes e defesas. Torres de vigia quadradas, feitas de gigantescos silhares, foram colocadas a seis horas de distância, a passo. Eram armazéns de armas e mantimentos e também casernas. Estradas pavimentadas ligavam as fortalezas com Akakor.

Uma grande campanha para o norte foi o maior feito militar no décimo primeiro milênio. Quando da sua chegada, os Bárbaros tinham-se referido a um povo de pele castanha que usava penas. Viviam para além dos estreitos do Norte e haviam comerciado com os seus antepassados. Desde essa época os sacerdotes começaram a descobrir no céu sinais ominosos e o Alto Conselho receava um iminente ataque de nações desconhecidas. O Conselho decidiu organizar um grande exército e enviá-lo para a fronteira mais setentrional. Deste modo, um milhão de guerreiros Ugha Mongulala e das Tribos Aliadas partiram no ano 11.126 (645 d. C.), tal como está escrito na crônica:

E o príncipe assim falou à assembléia reunida: “Partam para esse país. Nada recebem. Se houver inimigos, combatam-nos, matem-nos. E mantenham-nos informados para vos podermos ajudar”. Estas foram as suas palavras. E a força gigantesca partiu. E todos marcharam: batedores, arqueiros, fundeiros e lanceiros. Passaram para além das colinas. E também ocuparam as praias dos oceanos. E, por ordem do príncipe, continuaram a avançar. Marcharam para o norte e construíram poderosas cidades para mostrar a força das Tribos Escolhidas.

A maior campanha da história das Tribos Escolhidas terminou sem qualquer resultado concreto. Poucas luas depois da partida do exército, as comunicações foram subitamente cortadas. As últimas informações a chegar a Akakor referiam-se a uma tremenda catástrofe. O país para além das fronteiras era agora um mar de chamas. Os guerreiros sobreviventes fugiram para o norte e juntaram-se a um povo estranho. Só mil anos mais tarde, quando os Bárbaros Brancos avançaram no Peru, os receios do Alto Conselho foram confirmados: estranhos guerreiros vieram do norte e destruíram o império Inca. E com a sua chegada o poderoso e tranqüilo império dos Ugha Mongulala e dos Bárbaros desapareceu também.

UM MILÊNIO DE PAZ

O império tranqüilo durou mil anos, desde 11.051 a 12.012 (570 – 1531 d. C.). Neste período, só duas tribos tinham força e prestígio: os Ugha Mongulala, a nação das Tribos Escolhidas e os Incas, os filhos do Sol. Haviam dividido o país entre eles e viviam em paz. Os descendentes de Viracocha, o Degenerado, governaram um enorme império desde Cuzco. Em Akakor, o legítimo sucessor dos nossos Antigos Pais governava de acordo com o legado dos Deuses.

Os Servos Escolhidos conheceram a felicidade. Viveram em paz. Na verdade, o seu império era grande. Ninguém os podia prejudicar. Ninguém os podia derrotar; a sua força crescia constantemente. Tudo começou com a chegada dos Bárbaros. Tanto as maiores como as mais pequenas tribos ficaram transidas de medo; receavam os guerreiros de ferro. Dispunham-se a servir as Tribos Escolhidas e trouxeram muitas dádivas. Mas os sacerdotes voltaram a face para o céu. Deram graças pelos seus fortes aliados. Sacrificaram incenso e mel das abelhas. E rezaram assim aos Deuses: “Dai-nos filhas e filhos. Protegei o nosso povo do mal e do pecado. Protegei-o da lascívia; não os deixei tropeçar quando sobe e quando desce. Defendei-nos os caminhos e as estradas. Que nenhuma infelicidade e nenhum mal aconteçam a esta aliança. Preservai a unidade nos quatro cantos e nos quatro lados da Terra, para que a paz e a felicidade possam governar no império das Tribos Escolhidas”.

E os Deuses prestaram atenção às orações dos sacerdotes e abençoaram a união entre a nação dos Bárbaros e dos Ugha Mongulala. Os guerreiros estrangeiros que haviam cruzado o oceano nos seus navios com dragões de boa vontade se submeteram ao legado dos Deuses. Aprenderam a nossa língua e a nossa escrita, e dentro em pouco fundiram-se na nossa nação. Os seus chefes ocuparam importantes cargos na administração do império.

Os seus generais tornaram-se o terror das tribos inimigas. Os seus sacerdotes chegaram mesmo a renunciar ao seu falso credo, que tinham trazido escrito num grande e pesado livro encadernado em ferro. Este livro, a que os soldados alemães chamavam “Bíblia”, está escrito com sinais ininteligíveis para o meu povo. Contem gravuras da vida dos Bárbaros no seu próprio país e também fala num poderoso Deus, que veio à Terra em sinal-da-cruz para libertar os homens do obscurantismo. Mil anos mais tarde os Bárbaros traçaram a sua origem divina com o mesmo sinal. Em seu nome e em sua honra destruíram o império dos Incas e deram a morte a milhões de pessoas. Mas até a sua chegada, que está descrita na terceira parte da *Crônica de Akakor*, os Ugha Mongulala e os Bárbaros viveram tranqüilamente unidos, de acordo com o legado dos Antigos Pais. Faziam os sacrifícios prescritos, honravam os Deuses e recordavam o muito distante período em que na Terra não havia nem homens nem o Grande Rio, como está escrito na crônica:

Foi há muitos, muitos anos, quando o Sol e a Lua se queriam casar. Mas ninguém podia uní-los. Porque o amor do Sol era feito de fogo e poderia incendiar a Terra. E as lágrimas da Lua eram muitas, tantas que teriam inundado a Terra. Assim, ninguém os uniu e os Sol e a Lua separaram-se. O Sol seguiu um caminho e a Lua seguiu outro. Mas a Lua chorou durante todo o dia e toda a noite. E as lágrimas do seu amor inundaram a Terra e aumentaram o mar. E o mar zangou-se e as suas águas, que cresceram durante seis luas e desceram durante outras seis luas, repeliram as lágrimas. Assim, a Lua deixou-as cair na Terra e com elas criou o Grande Rio.

O LIVRO DA FORMIGA

*Esta é a formiga.
Infatigável no seu trabalho,
Não conhece desfalecimento.
Constrói grandes colinas.
Estabelece poderosas comunidades.
O seu número é incontável.
Destrói tudo.
Arranca a carne dos ossos
Do jaguar abatido.*

I – OS BÁRBAROS BRANCOS NO IMPÉRIO DOS INCAS

1.492 – 1.534

A transição da Idade Média para a Era Moderna foi caracterizada pelas descobertas dos Portugueses e dos Espanhóis. Levaram as nações do Ocidente da Europa através do oceano. Ousados navegadores já haviam descoberto as ilhas do Atlântico na primeira metade do século quinze, e em 1.492 Cristóvão Colombo descobriu a América. Fez quatro viagens ao Novo Mundo e fundou a primeira colônia espanhola no Haiti. Em 1.500, o navegador português Cabral descobriu o Brasil. Em 1.519, Cortez partiu para a conquista do México. O rei asteca Montezuma II capitulou ao fim de três anos de luta e foi assassinado pelos espanhóis. Zelosos missionários cristãos destruíram a velha civilização mexicana. Em 1.531, Pizarro começou a conquista do Peru. O poderoso império dos Incas, que enfraquecera devido a uma guerra civil, foi derrotado depois de três anos de luta contra as tropas espanholas, muito mais bem armadas. O seu rei do Sol, Atualpa, que fora traído e capturado, é estrangulado em 1.533. Apenas alguns restos desta civilização altamente desenvolvida, tal como arquitetura, escrita de nós e objetos de ouro, sobreviveram a esta destruição. A população inca, que os escritores contemporâneos calculam ter atingido dez milhões, foi reduzida para três milhões dentro de poucos anos. O valor dos lingotes de ouro do Peru transportados pelos espanhóis totalizou cerca de cinco mil milhões de dólares em moeda atual.

A CHEGADA DOS BÁRBAROS BRANCOS

Tudo está incluído na *Crônica de Akakor*, narrado com boas palavras e numa escrita clara. Mas eu estou a contá-lo quando o tempo já está no fim. Estou a expor o Livro da Sabedoria e a vida do meu povo de acordo com o legado dos Deuses, para fazer um relato sobre o passado e o futuro. Porque os Ugha Mongulala estão condenados à perdição. Cada vez morrem mais árvores com a raiz apodrecida. Os guerreiros mortos pelas setas invisíveis dos Bárbaros Brancos são cada vez mais numerosos. Um interminável rio de sangue passa através das florestas para o Grande Rio e até as próprias ruínas de Akakor. Desde que os Bárbaros Brancos avançaram no país a depressão dominou o meu povo, tal como está escrito na crônica:

Estranhas notícias chegaram ao Alto Comando acerca de estrangeiros de barbas e de poderosos navios que deslizam silencioso sobre as águas, com mastros que chegam ao céu. Chegaram novas sobre estrangeiros brancos, fortes e poderosos como deuses. Eram como os nossos Antigos Pais. E o Alto conselho ordenou que se acendessem fogueiras de alegria, pensando nos Primitivos Mestres. E ofereceram sacrifícios aos Deuses, que por fim, haviam voltado. E as alegres notícias eram propagadas de homem para homem. As novidades espalharam-se de tribo em tribo; os tambores soavam dia e noite, e toda a nação chorava de alegria. Porque se cumprira a profecia. Os Deuses estavam voltando.

No início do ano 12.013 (1.532 d. C.) tais pensamentos ainda eram considerados sacrílegos. Parecia que a profecia dos Antigos Pais se podia cumprir. Seis mil anos depois da sua última visita à terra, voltavam tal como haviam prometido. Por isso, a alegria do Povo Escolhido era grande. Surgia uma nova era, o regresso aos dias em que os Ugha Mongulala governavam o mundo, a norte, sul, oeste e leste. Quem não partilhavam do júbilo geral eram os sacerdotes. Duvidavam da notícia do regresso dos Deuses, embora a data correspondesse ao que haviam predito. Há doze mil anos os Antigos Pais haviam abandonado a Terra. Seis mil anos tinham passado desde a morte de Lhasa. Mas os sacerdotes, que tudo sabem, que vêem o futuro e para quem nada é oculto, observavam no céu sinais ominosos. Dentro em pouco verificou-se que era um erro cruel a notícia do regresso dos nossos Primitivos Mestres. Os estrangeiros não vinham com boas intenções, para assumir o poder com generosidade e sabedoria. Em vez de felicidade e paz interior, trouxeram lágrimas, carnificina e violência. Numa fúria de ódio e ambição, os estrangeiros destruíram o império da nação nossa irmã, os Incas. Queimaram cidades e aldeias e mataram homens, mulheres e crianças. Os Bárbaros Brancos, como ainda hoje lhes chamamos, desprezaram o legado dos Antigos Pais. Erigiram templos com a cruz e sacrificaram milhões de homens em sua honra. Uma grande estrela aproximou-se da Terra e espalhou uma triste luz sobre as planícies e montanhas. O Sol também mudara, tal como está escrito na Crônica:

“Desgraça sobre nós. Os sinais indicam desastre. O Sol não é brilhante e amarelo, mas vermelho como sangue espesso”. Assim falaram os sacerdotes. “Os estrangeiros não trazem paz. Não confiam no legado dos Antigos Pais. Os seus pensamentos são feitos de sangue. Espalharam sangue sobre todo o império”.

O desastre que os nossos sacerdotes haviam predito incidiu primeiro sobre os Incas. Rompeu uma guerra civil no seu império. Os dois filhos de Huayana Capac lutaram pelo cargo de príncipe. Na sangrenta batalha nos campos em redor de Cuzco, o primogênito Huascar foi derrotado pelo seu irmão mais novo, Atahualpa. O vencedor e o seu exército avançaram para a capital e começaram um reino sangrento de terror. Atahualpa teria destruído os partidários do seu infeliz irmão se os estrangeiros não tivessem desembarcado nas costas do oceano ocidental. Esta chegada evitou a sua última vitória.

Poderosos navios alcançaram a costa. Vinham silenciosamente, cortando a água. E homens com barbas desembarcaram com armas eficazes e estranhos animais, tão rápidos e fortes como o caçador jaguar. E, num dia, poderosos inimigos ergueram-se contra Atahualpa. Ganhou cruéis inimigos, que eram falsos e cheios de ardis.

A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO INCA

Pouco depois da sua chegada ao Peru, os Bárbaros Brancos deixaram conhecer as suas intenções. Impressionados com a riqueza de Cuzco, iniciaram uma cruel guerra de conquista. Primeiro atacaram cidades junto à costa. Ocuparam os terrenos adjacentes e subjugarão as Tribos Aliadas dos Incas. Depois, os Bárbaros Brancos juntaram-se para

uma campanha nas montanhas dos Andes. No local chamado Catamarca, a dez horas a pé de Cuzco, encontraram o exército de Atualpa, o príncipe dos filhos do Sol.

Os guerreiros contam histórias terríveis. Medonhas eram as suas revelações. Atualpa teve de pagar caro a sua arrogância. Caiu vítima de uma cilada dos estrangeiros. Foi traído e capturado. E o segundo filho de Huayana Capac foi preso. Os seus guerreiros foram mortos pelos Bárbaros Brancos. A planície tingiu-se de vermelho com o sangue, que chegava aos tornozelos quando os Incas perderam a batalha. E os guerreiros Barbados avançaram ainda mais. Assassinando e roubando, alcançaram Cuzco. Violaram mulheres. Roubaram o ouro. Até os túmulos foram partidos para serem abertos. A tristeza e o desespero dominaram as montanhas onde outrora Atualpa, o príncipe dos filhos do Sol, havia sido poderoso.

O meu povo soube da verdadeira crueldade dos Bárbaros Brancos por muitos refugiados incas. Os estrangeiros Barbados cometeram piores atrocidades do que as tribos selvagens. Umas simples doze luas tinham passado depois da sua chegada, quando uma profunda escuridão envolveu o império dos filhos do Sol, iluminado só pelas cidades e aldeias em chamas. Pouco depois, os Ugha Mongulala tiveram de reconhecer a terrível verdade: a nação irmã estava condenada a perecer. Os estrangeiros tinham armas especiais que mandavam trovões em chamas. Tinham estranhos animais com pés de prata, que, guiados pelos homens, espalhavam a morte e a perdição nas fileiras dos filhos do Sol. Os guerreiros de Atualpa fugiram em pânico.

Mas os Incas eram uma nação forte. Apesar da superioridade das armas dos estrangeiros, combateram duramente em defesa do seu país. Depois da terrível derrota de Catamarca, os que restavam do exército juntaram-se nas montanhas que cercam Cuzco e nos limites do país chamado Bolívia. A força principal cortou os caminhos da montanha que levavam à costa. Desta maneira evitaram o avanço dos Bárbaros Brancos durante muito tempo. Só quando os estrangeiros queimaram Atualpa vivo, em honra do seu deus, e se cumpriu o que os nossos sacerdotes haviam predito, eles cessaram de resistir. O império inca desmoronava-se numa terrível tempestade de fogo.

Desgraça dos filhos do Sol. Que medonha sorte se abateu sobre eles! Traíram o legado dos Deuses, e agora eles próprios tinham sido traídos. Foram castigados, batidos até sangrarem, pelos Bárbaros Brancos. Porque estes estrangeiros não conheciam piedade. Não poupavam as mulheres, nem sequer as crianças. Comportavam-se como animais selvagens, como formigas, destruindo tudo no seu caminho. A era do sangue começara para os filhos do Sol. Toda uma nação está a expiar os pecados de Viracocha. E os dias maus começaram quando o Sol e a Lua se escureceram com o sangue.

A RETIRADA DOS UGHA MONGULALA

Cinco anos depois da chegada dos Bárbaros Brancos, o império inca assemelhava-se a Akakor depois da sua primeira Grande Catástrofe. A sua capital estava em ruínas. Vilas e aldeias haviam sido queimadas. Os sobreviventes tinham-se retirado para

as altas montanhas ou serviam os Bárbaros Brancos como escravos. O sinal-da-cruz que se identifica com o sinal da morte, podia ver-se em toda parte. Até então os Ugha Mongulala tinham testemunhado a tragédia só à distância. Os Bárbaros Brancos estavam inteiramente ocupados com a pilhagem da riqueza dos Incas. Os guerreiros recebiam a densidade da selva de cipós na encosta leste dos Andes e só os incas em fuga atravessaram a fronteira fortificada que Lhasa havia construído.

No ano 12.034, a guerra também alcançou Akakor. Os espanhóis, como os Bárbaros Brancos se chamavam, souberam da existência da nossa capital por traição. Como sua ânsia de ouro era infinita, equiparam um exército. Após grandes lutas com a Tribo dos Demônios do Terror, avançaram pela parte oriental dos Andes, na região de Machu Picchu. O Alto Conselho tinha de tomar uma decisão da mais alta importância: ou combater os Bárbaros Brancos ou retirar-se para o interior da região de Akakor. O príncipe Umo e os mais velhos do povo decidiram pela retirada, embora os chefes guerreiros aconselhassem o contrário. Ordenaram que as cidades fronteiriças fossem abandonadas e que todos os sinais da capital fossem destruídos. Só pequenas tropas de defesa eram deixadas atrás, nas regiões abandonadas, para observar os movimentos dos guerreiros inimigos e avisar Akakor de qualquer ataque. Esta foi a decisão de Umo. E assim se fez.

Posteriores acontecimentos provaram a perspicácia do príncipe Umo. A sua decisão salvou os Ugha Mongulala de uma guerra que nunca poderiam ter ganho. Mas também condenou os Incas à extinção. O Alto Conselho recusou o apelo de auxílio feito pelos generais incas e preparou-se para um conflito defensivo. Se na verdade tivesse de haver uma guerra, que se travasse onde as altas barreiras pudessem pôr em perigo os Bárbaros Brancos – nos altos vales dos Andes e entre a selva de cipós do Grande Rio. Os guerreiros obedeceram às instruções do Alto Conselho. Retiraram-se das regiões que ofereciam mais perigo. Com o coração angustiado, de má vontade, abandonaram Machu Picchu, a cidade sagrada de Lhasa. Longas filas de carregadores transportaram todos os objetos, como jóias, dádivas para sacrifícios e provisões, para Akakor. Depois os guerreiros arrasaram as casas e os muros e destruíram as estradas que lhes ficavam para trás. Os sacerdotes destruíram templos. Os artesãos bloquearam todas as entradas com pesadas pedras. Tão cuidadosamente cumpriram as ordens dos seus maiores que hoje mesmo os Ugha Mongulala só conseguem encontrar Machu Picchu com auxílio de mapas e de desenhos. Só os subterrâneos da Montanha da Lua ficaram incólumes. Porque ninguém que não entenda os sinais do passado é capaz de revelar o segredo do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa.

E, assim. O grande-sacerdote vedou a entrada da cidade santa. Ocultava o segredo do Exaltado Filho dos Deuses, o criador e formador, o governador dos quatro ventos, nos quatro cantos do mundo e sobre a face do céu. E com estas palavras vedou o segredo: “Devem ficar na sombra da vossa sombra quando os olhos dos Deuses se erguem e a Terra ainda está escurecida pela noite. Então a sombra da sua sombra apontará o caminho. Mostrar-lhes-á a direção do coração do Céu ao coração da Terra”.

Durante muito tempo parecia que os Deuses queriam poupar os Ugha Mongulala à sorte da nação sua irmã, e Akakor foi interdita aos Bárbaros Brancos. Se bem que na sua campanha avançassem na região dos afluentes do rio Vermelho, nunca passaram as florestas nas encostas orientais das montanhas. Os seus guerreiros morreram devido a doenças desconhecidas das Grandes Florestas, caíram feridos pelas setas envenenadas das

Tribos Aliadas. Só um simples grupo alcançou os arredores da capital do meu povo. No monte Akai, a três horas de distância a pé de Akakor, foi travada uma memorável batalha, que foi descrita na crônica para conhecimento da posteridade.

Foi no monte Akai que os guerreiros encontraram os Bárbaros Brancos, com as suas terríveis armas e os guerreiros de ferros dos Servos Escolhidos. Durante muito tempo a batalha manteve-se indecisa. Os exércitos batiam-se valentemente. Então os Servos Escolhidos atreveram-se a atacar. Avançaram para o centro dos seus inimigos. Cegaram-nos com tochas. Dificultaram-lhes os movimentos das pernas estendendo cordas. Bateram-lhes com pedras na cabeça até o sangue lhes saltar pelo nariz e pela boca. E os Bárbaros Brancos fugiram em pânico, deixando atrás de si as suas armas, os seus animais e os seus escravos. Só queriam salvar a vida, e nem isso conseguiram inteiramente. Dificilmente alguns conseguiram fugir e muitos foram trazidos como cativos para Akakor.

Os cativos foram os primeiros Bárbaros Brancos de Akakor. Os Ugha Mongulala olharam-nos com horror e com medo. Só os sacerdotes os consideravam com desprezo. Atiraram a porcaria da terra sobre os falsos crentes como penhor da sua humilhação. Então o Alto Conselho enviou os Bárbaros Brancos como escravos para as minas de ouro e prata. Até ao fim dos seus dias expiaram os seus crimes, tal como está escrito na crônica:

Estas são as notícias. Assim falou o alto-sacerdote aos Bárbaros Brancos: “Quem vos fez nascer para poderdes governar sobre a vida e a morte? Quem sois vós que desprezais o legado dos Deuses? Donde viestes para trazerdes a guerra ao nosso país? Verdadeiramente o que fazeis é mau. Derramastes sangue. Fizestes a caça ao homem. Destruístes as tribos dos filhos do Sol e espalhastes o seu sangue sobre as montanhas”. Estas foram as palavras do grande-sacerdote. Foram terríveis. Mas o coração dos Bárbaros Brancos manteve-se duro e levou-lhes tempo a encarar a sua sorte. Enfrentavam o cativo eterno.

II – A GUERRA NO LESTE

1.534 – 1.691

Seguindo as descobertas dos navegadores espanhóis e portugueses, a civilização começou a expandir-se no Novo Mundo. O poder marítimo da Espanha e de Portugal (a que mais tarde se juntaram a Inglaterra e os Países Baixos) tornou-se rico com a exploração das suas colônias. Enquanto a Espanha saqueava o Peru e o México. Portugal iniciava a conquista da costa leste do Brasil. Em 1.541 – 1.542, Orellana, um companheiro de luta de Pizarro, iniciou a sua histórica viagem através do continente sul-americano. Foi o primeiro a navegar no Amazonas, a que deu este nome devido ao encontro que teve com mulheres guerreiras. Depois do seu regresso ao Novo Mundo, em 1.546, morreu de malária na

embocadura do Amazonas. Nesta época, os Ingleses e os Holandeses começaram a explorar os afluentes do Amazonas. Belém foi fundada em 1.616 pelo português Caldeira Castelo Branco, em nome de Portugal e Espanha, e a exploração da Amazônia pelos portugueses iniciou-se aqui. A figura principal foi Pedro Teixeira, que repetiu a proeza de Orellana em 1.637, mas em direção oposta. Determinou, em nome de Portugal, a futura fronteira oeste do Brasil, na confluência do rio Aguarico com o rio Napo. Pedro Teixeira, que se gabava de ter morto trinta mil selvagens com as suas próprias mãos, morreu em 1.641. De acordo com o que calcula o padre jesuíta Antonio Vieira, os conquistadores portugueses assassinaram dois milhões de índios no período de trinta anos.

A CHEGADA AO LESTE DOS BÁRBAROS BRANCOS

Onde está a Tribo da Glória Crescente? Que foi feito dos Incas, os filhos do Sol? Onde estão a Tribo das Grandes Vozes, a Tribo dos Comedores de Refugio e muitos dos povos primitivos poderosos das Tribos Degeneradas? Digamos que a cobiça e a violência dos Bárbaros Brancos fizeram-nos desaparecer, derreter, como acontece à neve sob o calor do sol. Muito poucos conseguiram fugir para o interior das florestas. Outros esconderam-se no topo das árvores, tal como a Tribo que Vive nas Árvores. Aí não têm quaisquer roupas de proteção nem nada para comer. Ninguém sabe onde estão, e talvez agora já estejam mortos. Outras tribos se renderam aos Bárbaros Brancos, que lhes dirigiram palavras amigas. Mas as boas palavras não são compensação para a miséria de todo um povo. As boas palavras não dão saúde e não evitam que o povo morra. As boas palavras não dão às tribos um novo país onde possam viver em paz, caçar livremente e tratar dos seus campos. Tudo isto vii o meu povo com os próprios olhos. Os nossos batedores trouxeram essas notícias depois de se terem aventurado no território dos Bárbaros Brancos. O meu coração sofre quando penso em todas as falsas promessas que fizeram. Mas, na realidade, não podemos esperar que os rios corram da foz para a nascente, como também não esperamos que os Bárbaros Brancos cumpram a sua palavra. Porque são maus e traidores, como está escrito na crônica:

“Seiva vermelha escorre das árvores, seiva que é como sangue”. Assim falaram os mensageiros das Tribos Aliadas quando vieram para junto dos Servos Escolhidos. “Porque os Bárbaros Brancos também tinham desembarcado no Leste com os seus navios, cujos mastros tocavam o céu. Vieram com as suas armas, cujo ribombar enviava a morte a distância e cujas setas não se conseguiam ver. Assim ocuparam a terra”. Isto foi o que os mensageiros contaram. Esperaram com muita impaciência e pediram a decisão do Alto Conselho. Imploraram a proteção dos Deuses: “Não nos abandoneis”, suplicavam eles. “Daí armas aos nossos homens, para que possam expulsar o inimigo do nosso país, de modo que a luz possa voltar ao império dos Servos Escolhidos”. Assim falaram os mensageiros, os guerreiros que sofriam, os desesperados homens das Tribos Aliadas. E esperavam pelo Sol que ilumina a abóbada do Céu e a face da Terra. Assim eles esperaram e trouxeram para Akakor a notícia da chegada ao Leste dos Bárbaros Brancos.

No início do décimo terceiro milênio, a guerra na fronteira oeste alcançou um temporário período de calma. Os espanhóis estavam cansados das batalhas devastadoras. Renunciaram à conquista das encostas orientais dos Andes e desistiram de atacar Akakor. Uma vasta terra-de-ninguém, só guardada pelos nossos batedores, foi colocada entre o império recentemente estabelecido e o reino dos Ugha Mongulala. Já não havia perigo de que a nossa capital pudesse ser descoberta. Contudo, mal os Bárbaros Brancos haviam parado com o seu avanço no oeste do país, eles começaram a desembarcar no Leste também e ocuparam a região costeira. Subiram o Grande Rio até alcançarem os acampamentos das Tribos Aliadas. A luta começou outra vez: uma nova guerra entre os Bárbaros Brancos e o Povo Escolhido.

Mas os Ugha Mongulala tinham aprendido com a extinção dos Incas. Evitavam encontrar o inimigo em campo aberto. Os seus guerreiros atacavam os Bárbaros Brancos só em emboscadas. Ao mesmo tempo abandonavam todas as cidades e aldeias nesta região. Os nossos inimigos só encontravam nas suas investidas acampamentos desertos. Sofriam de fome e de sede. Nas florestas impenetráveis mantinham-se em círculo. Muitos deles caíram vítimas da arma mais terrível, o veneno, segredo mantido desde os Primitivos Mestres. Com estas novas táticas o meu povo conseguiu por muito tempo manter os Bárbaros Brancos afastados do centro do Império. Aí então aconteceu um fato inesperado. Muitas tribos aliadas renunciaram à sua vassalagem a Akakor. Traíram o legado dos Deuses e começaram a adorar o sinal-da-cruz.

A DESTRUIÇÃO DAS TRIBOS ALIADAS

A Tribo das Caras Torcidas, na região baixa do rio Negro, iniciou a rebelião das Tribos Aliadas nas províncias do Leste do Império. Esta nação fora aliada dos Ugha Mongulala desde os tempos de Lhasa. Depois da chegada dos Bárbaros Brancos, a tribo, que contava oitenta mil cabeças, traiu o legado dos Deuses e declarou guerra a Akakor. Dentro de alguns meses a guerra generalizava-se por todo o Império. Na região afluente do Grande Rio, a Tribo da Glória Crescente revoltou-se. Os seus guerreiros atacaram as cidades do complexo- templo de Salazere, e penetraram profundamente no interior do Império. A Tribo dos Matadores de Antas, que tinha originariamente considerado os Bárbaros Brancos com suspeita, devastou as fortalezas de Mano, Samoa e Kin. Só alguns guerreiros Ugha Mongulala conseguiram fugir à carnificina. Fugiram para as regiões de florestas inacessíveis, na parte baixa do Grande Rio. Com o decorrer dos séculos os seus descendentes juntaram-se às tribos selvagens. Só conservam a pele branca dos Servos Escolhidos como testemunho da sua origem. Perderam o legado dos Deuses.

As mais pesadas perdas deram-se durante os combates nas regiões do Sul do Império. A Tribo dos Vagabundos, que fora aliada de Akakor, abandonou as suas velhas instalações. Assassinando e roubando, seguiram ao longo da parte baixa do Grande Rio até à costa leste do oceano, tal como está escrito na crônica:

Esta é a história da deserção da Tribo dos Vagabundos. Quando ouviram as notícias acerca dos homens com barba, ficaram muito surpreendidos. Porque não ir lá? Porque não ir ver os estrangeiros? E exclamaram: “Com certeza trazem muitas prendas, melhores que a dos Servos Escolhidos”. E partiram. Alcançaram na orla do

oceano os navios dos Bárbaros Brancos. Os estrangeiros Barbados receberam-nos com simpatia; eram espertos. Deram-lhes bonitas roupas e pérolas brilhantes. Ofereceram-nos como penhor de amizade. E os Vagabundos ansiaram tanto por estas dádivas que esqueceram o legado dos Deuses. Submeteram-se aos Bárbaros Brancos. Assim chegou ao fim a sua aliança com os Servos Escolhidos. Lhasa estabelecera-o: era sagrado. Agora perdera o seu valor e só os restos ficavam. Mas o legado dos Deuses é maior. É mais forte que a traição das Tribos Aliadas. A sua essência não se perdeu, não se pode desperdiçar. A imagem dos Primitivos Mestres não se pode extinguir – nem por milhares de anos, nem nunca.

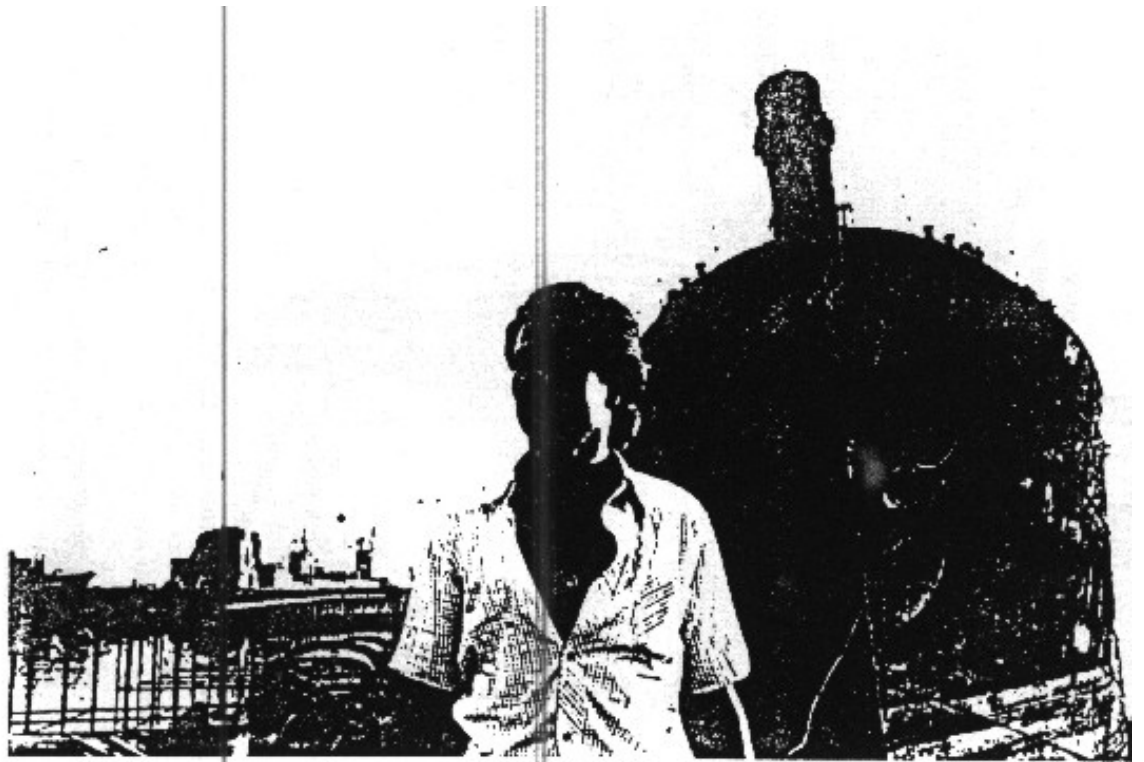
A traição das Tribos Aliadas pôs em perigo a vida dos Ugha Mongulala. Com o fim de perturbar as forças superiores do inimigo, Akakor serviu-se de ardis. Guerreiros escolhidos pintados com as cores das tribos rebeldes atacaram os postos avançados dos Bárbaros Brancos. Mataram os inimigos e deixaram atrás de si sinais dessas tribos. Os Bárbaros Brancos vingaram-se cruelmente do que julgavam ser o ataque dos seus aliados. Dentro em pouco uma grande e confusa guerra eclodia entre os Bárbaros Brancos e as tribos que haviam desertado de Akakor, os povos selvagens e os Ugha Mongulala. A Tribo dos Vagabundos sofreu pesadas perdas. Quase todo o povo foi massacrado. A Tribo dos Matadores de Antas fugiu para as montanhas ao norte do Grande Rio. A Tribo da Glória Crescente só teve a possibilidade de se submeter a Akakor.

Foi terrível a sorte dos rebeldes. O seu rosto, o seu corpo e a sua própria alma ficaram vermelhos de sangue. As suas sombras vagueavam pela terra sem descanso. Sofreram toda espécie de dores. Foram mortos. Nem uma só vida foi poupada. O castigo da sua falsidade foi a morte. Tinham corações falsos, ao mesmo tempo pretos e brancos. E pagaram com a morte a sua traição.

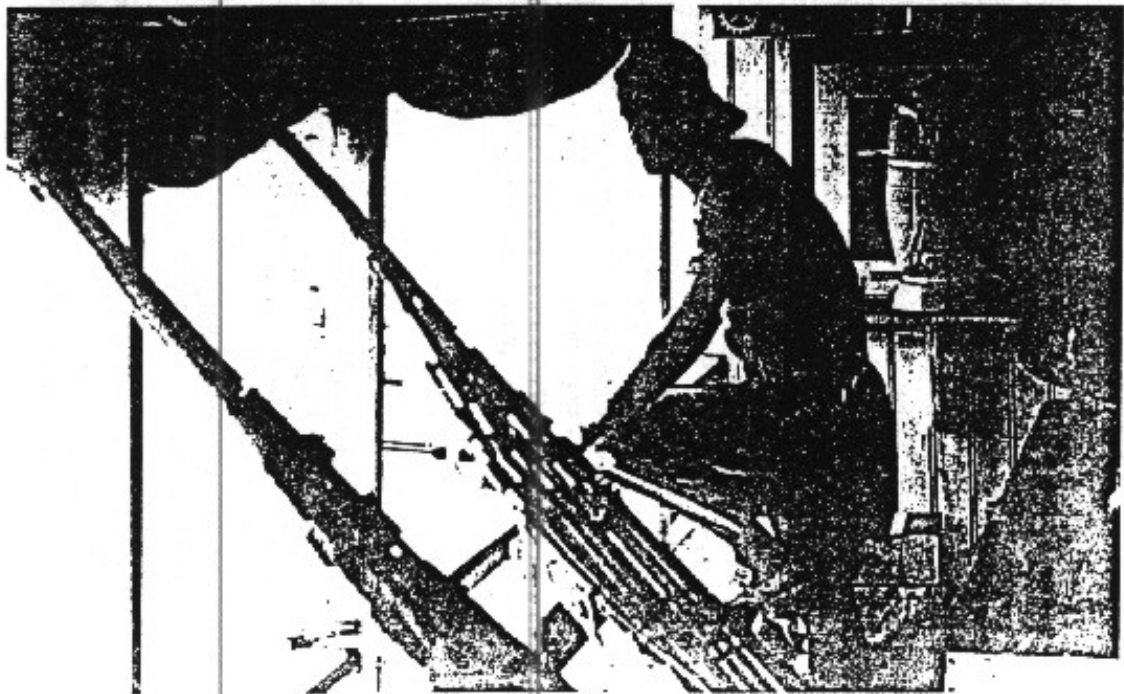


*Tatunca Nara, chefe dos Ugha Mongulala,
durante uma estada em Moçaus*

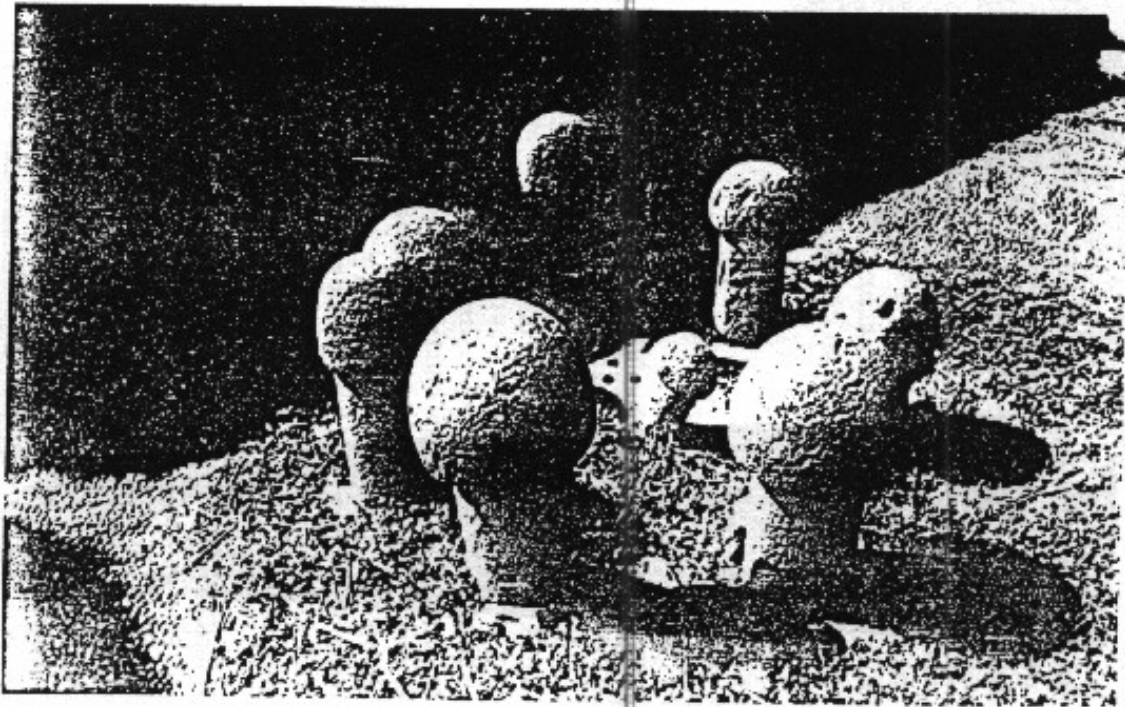
O declínio final do meu povo começou com a deserção das Tribos Aliadas. Como uma horda de formigas, os Bárbaros Brancos avançavam cada vez mais. Se centenas deles eram mortos, surgiam milhares. Construíram cidades e acampamentos e estabeleceram o seu próprio império na parte baixa do Grande Rio. Surgiu uma nova ordem, que excluía os Servos Escolhidos e era contra o legado dos Deuses. Seguiu-se uma época de obscurantismo, na qual só o terrível som das asas dos abutres e o piar dos mochos se podiam ouvir. Mas antes de o obscurantismo alastrar até os limites de Akakor desceram os Akahim na nação irmã dos Ugha Mongulala.



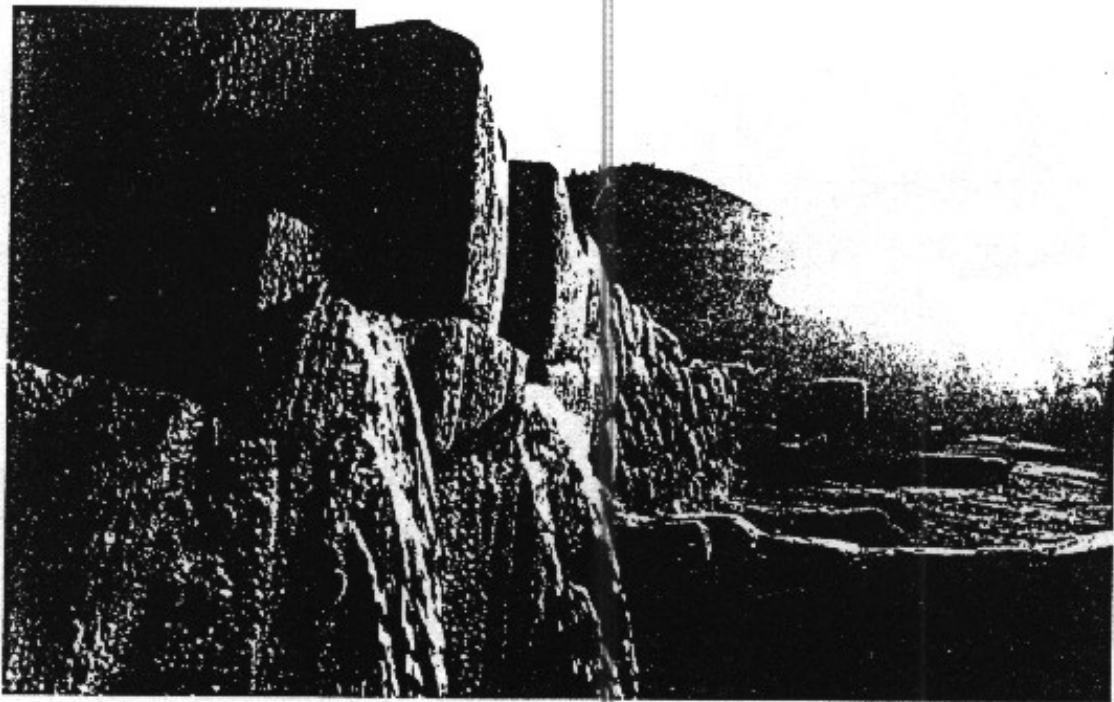
Tatunca Nara com o barco da expedição em Manaus



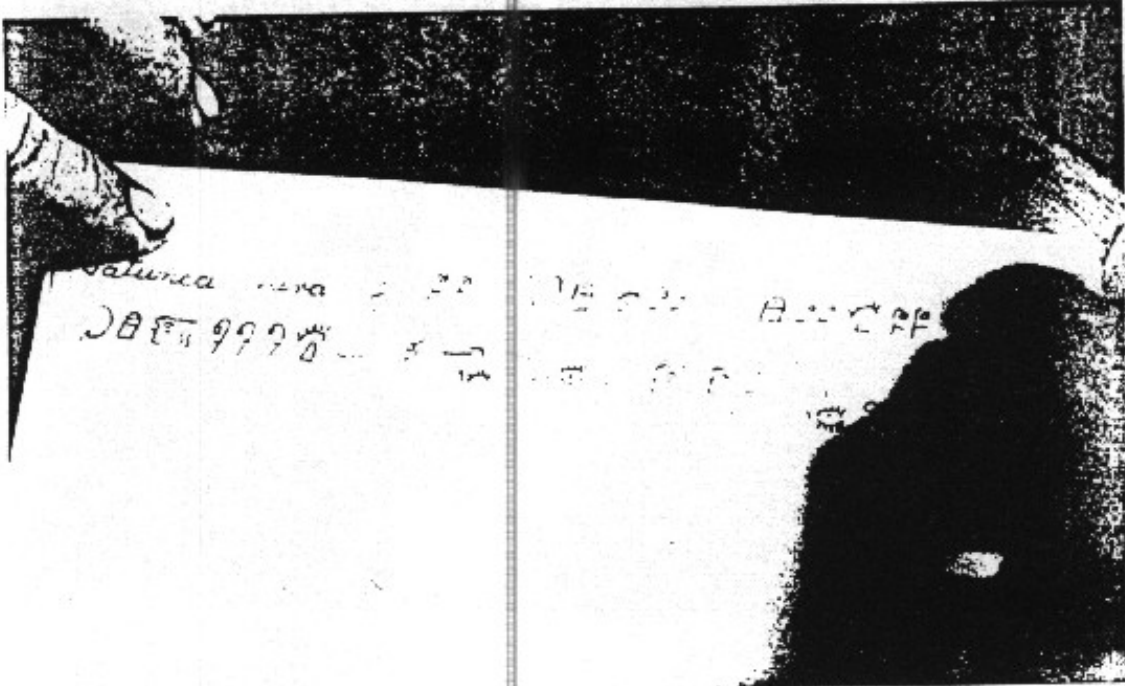
Tatunca Nara com pinçosa de guerra (antes de partir para se juntar a sua tribo)



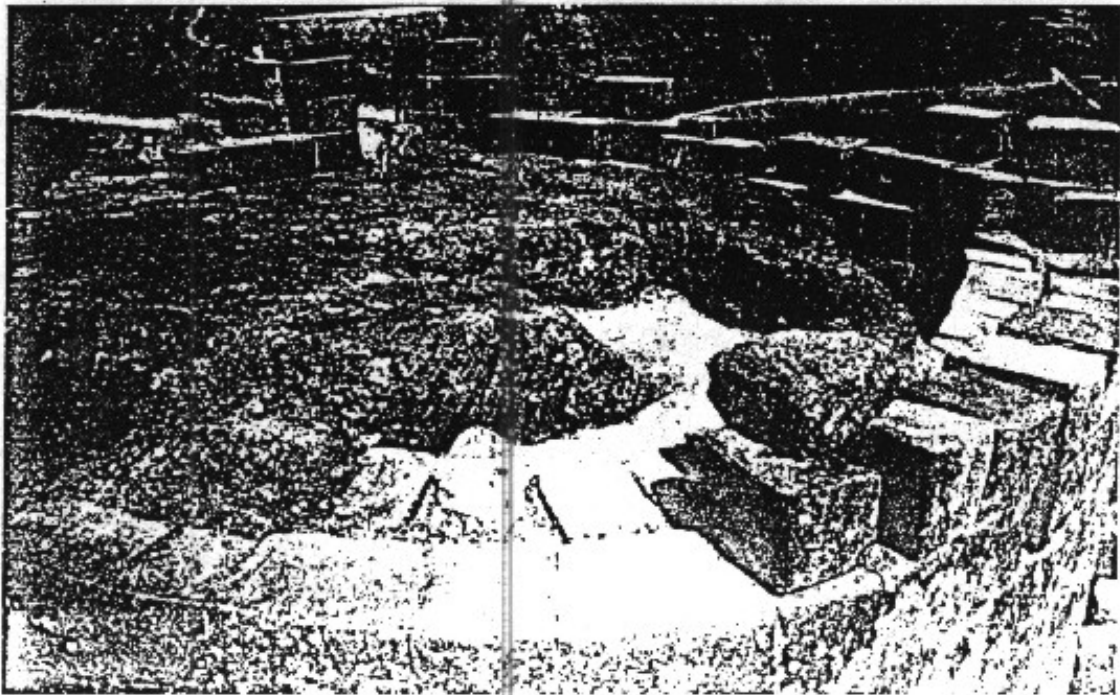
Local vital dos Incas



Sacsayhuaman; a fortaleza inca sobre Cuzco (Peru)



Tatunca Nava escrevendo com os caracteres dos Antigos Pais



Ruínas umas perto de Cuzco

A LUTA DE AKAHIM

Desde a época do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, Akakor e Akahim, a cidade irmã nas montanhas de Parima, tinham sido aliadas. Durante milhares de anos, os Ugha Mongulala e o povo de Akahim haviam trocado presentes. Regularmente havia embaixadas que visitavam os respectivos países. Os seus guerreiros combatiam juntos as tribos inimigas. Só a chegada dos Bárbaros Brancos, no décimo segundo milênio, trouxe certa tensão a estes laços fraternais. Os Akahim recebiam as terríveis armas de ferro e pensaram que os Ugha Mongulala os queriam submeter. Praticamente Akahim quebrou todas as relações. Batedores dos dois impérios encontravam-se raramente, para trocar ofertas, fazer sacrifícios e reafirmar amizade e paz.

O desembarque dos Bárbaros Brancos na foz do Grande Rio deu uma forma decisiva à sorte de Akahim. As Tribos Aliadas traíram o seu império a favor dos guerreiros estrangeiros. Equiparam os seus navios e partiram em busca da misteriosa cidade. Os Akahim enfrentavam o mesmo dilema que os Ugha Mongulala oitenta anos antes, quando o império dos Incas fora vencido: a escolha era a guerra contra os Bárbaros Brancos ou recuar para as montanhas de Parima. A fim de evitar uma guerra sangrenta, o Alto Conselho decidiu pela retirada. Porém, quando cento e trinta dos mais velhos deram ordem de paz, aconteceu uma coisa jamais ouvida: as mulheres resistiram a esta decisão. Derrubaram o Alto Conselho e tomaram elas próprias o Poder. Sob a chefia da corajosa Mena, obrigaram os homens a pegar nos arcos e nas setas e a enfrentar os Bárbaros Brancos.

“Vamos para a guerra”! Assim falaram as mulheres. “Não somos bastante numerosos para expulsar os estrangeiros de barbas? Não somos bastante fortes para os derrotar?” E as mulheres de Akahim ergueram-se. Quebraram as suas tigelas e quebraram as suas panelas. Apagaram o fogo das lareiras e foram para a guerra. Queriam mostrar a sua força aos Bárbaros Brancos. Iam esmigalhar-lhes os ossos e transformar em pó a sua carne.

A guerra dos Akahim contra os Bárbaros Brancos é um dos mais orgulhosos capítulos da história da humanidade. Aliados aos sobreviventes da Tribo dos Vagabundos, travaram grandes batalhas contra o inimigo. As mulheres guerreiras atacaram com grandes canoas os navios inimigos que estavam ancorados. Atiraram setas de fogo contra as suas velas e incendiaram-nos. Para parar o avanço dos inimigos, obstruíram os rios com pedras gigantescas. Tal como os Ugha Mongulala, destruíram o seu próprio país. Deste modo, os Akahim resistiram ao ataque dos Bárbaros Brancos durante sete anos. Durante todo este tempo mataram milhares de guerreiros Barbados e também foram mortos aos milhares. E então a força de Akahim cedeu. As mulheres tinham provado a sua coragem e trazido o seu povo quase para a perdição. Os lamentos da nação irmã eram tão grandes que choros, tristezas e lamentos também se ouviam em Akakor.

A terra estava vermelha, vermelha de verdadeiro sangue. Mas era uma boa morte que a valorosa Akahim encontrara – a melhor. Quebrou a força dos inimigos. Esmagou os seus ossos como faz a mó ao trigo para transformar em farinha. Atirou com os seus ossos para a corrente do rio. E a água levou-os por entre montanhas, tanto as menores como as maiores.

As mulheres de Akahim eram chamadas “Amazonas” na linguagem dos Bárbaros Brancos e mantêm-se valentes guerreiras. Apesar das pesadas perdas, conseguiram ordenar de novo a vida da comunidade no decorrer dos séculos e evitar o avanço dos Bárbaros Brancos no território tribal. Separaram-se das Tribos Aliadas e estabeleceram uma nova ordem na vida da comunidade. Presentemente só dez mil pessoas restam da primitivamente tão poderosa tribo que vivia nos inacessíveis vales das montanhas de Parima. Passam a maior parte da sua vida nas moradias subterrâneas dos Deuses. Só vêm à superfície para tratar dos seus campos e caçar.

A vida dos Akahim diverge completamente da do meu povo. São governados por uma princesa que é descendente da belicosa Mena. É soberana absoluta do seu povo. Escolhe os membros do Alto Conselho, os chefes guerreiros e os oficiais. Todos os altos cargos são reservados às mulheres. Os homens servem como simples soldados ou trabalham nos campos. Mesmo o mais alto sacerdote é uma mulher. Como no meu país, ela preserva o legado dos Deuses. Desde a rebelião das mulheres, Akahim não conhece o casamento. Só durante a gravidez homens e mulheres entram numa união livre. Depois do nascimento da criança, o homem é mais uma vez rejeitado pela mulher. Desde os doze anos as raparigas têm o privilégio da educação nas escolas das sacerdotisas e são treinadas na arte da guerra e na administração do seu domínio. Desta idade em diante os rapazes são obrigados a trabalhar. Não têm quaisquer direitos e vivem como escravos. São expulsos da união tribal à menor falta e são obrigados a abandonar as moradias subterrâneas. Muitos destes infelizes têm fugido para Akakor. Aqui têm casado com mulheres Ugha Mongulala e fundado uma nova família. Porque as mulheres do meu povo estão contentes com a parte que Deus lhes distribuiu: serem leais servas dos homens.

Tona não estava contente com o marido. Era infeliz. O seu coração estava angustiado. E ela foi procurar o sacerdote e pedir-lhe conselho. Necessitava de ajuda. Queria separar-se do marido. Mas o grande-sacerdote ordenou que Tona fosse paciente, Tinha de ficar com o marido até ter escrito as suas dez maiores faltas: só então poderia abandonar. E Tona voltou para casa. Queria registrar as dez maiores faltas do marido. Queria tomar nota do que não gostava nele. Mas quando encontrou o seu primeiro erro achou que este, na verdade, não merecia ser registrado. Quando descobriu a segunda falta pareceu-lhe demasiado insignificante. E assim passaram os dias. Uma lua seguiu-se a outra. E os anos passaram. Tona envelheceu. Não escrevera nem uma só nota das faltas do marido. Era feliz e um exemplo para os filhos e para os filhos dos seus filhos.

III – OS IMPÉRIOS DOS BÁRBAROS BRANCOS

1.691 – 1.920

A história da Europa até a Revolução Francesa foi caracterizada pela rivalidade entre a França e a Casa de Habsburgo e, além-mar, pela luta do domínio colonial. 1.776 foi uma data decisiva na história do continente norte-americano, e em 1.783 a Inglaterra

reorganizou a independência dos Estados Unidos da América. O extermínio dos índios norte-americanos começou ao mesmo tempo. A história das colônias espanholas na América do Sul acabou em 1.824 com a batalha de Ayacucho, quando Antonio José de Sucre, comandante do *Patriota* de Simon Bolívar, derrotou decisivamente os mercenários espanhóis. Numerosas repúblicas independentes se desenvolveram então, estando entre elas o Peru, o Equador, a Bolívia e o Chile. Em 1.822, o Brasil declarou-se independente de Portugal. O mesmo ano viu o início da Cabanagem, o maior movimento revolucionário social na história do Brasil. Os mestiços e os índios chefiados por Angelim foram derrotados pelas forças do Governo central, numa guerra que durou três anos. Dois terços da população amazônica foram destruídos. A valorização da borracha começou cerca de 1.870. Em quarenta anos, cento e cinquenta colonos do Norte colheram oitocentos milhões de quilos de borracha. Depois de sangrentas lutas de fronteira, a Bolívia em 1.903, cedeu ao Brasil a província fronteira do Acre, contra o pagamento de dois milhões de libras esterlinas. Em 1.915 a competição das plantações britânicas na Malásia fez com que os preços da borracha caíssem para metade do seu valor prévio. A exploração econômica da Amazônia foi suspensa temporariamente.

A DESINTEGRAÇÃO DO IMPÉRIO

Os Ugha Mongulala tornaram-se uma pequena nação. Mas somos um povo antigo, o mais velho do mundo. Durante milhares de anos vivemos no Grande Rio e nas montanhas dos Andes. Nunca fomos mais além, nem na guerra nem na paz, e nunca nos aventuramos a ir ao país dos Bárbaros Brancos. Mas os Bárbaros Brancos entraram no nosso país, tomando posse dele. Perseguiram-nos, cometeram atos hediondos e ensinaram-nos muitas coisas horríveis. Antes de atravessarem o oceano, a paz e a unidade reinava entre as Tribos Escolhidas. Mas agora há guerra constante. Os colonos brancos avançaram até à nascente do Grande Rio e roubaram a nossa terra. É o melhor e o último pedaço de terra que temos. Aqui nascemos e aqui crescemos. Os meus antepassados aqui viveram e morreram; nós também desejamos ficar e morrer aqui. O país é nosso. Se os Bárbaros Brancos tentarem rouba-lo lutaremos, tal como fizeram os nossos antepassados e está escrito na crônica:

Os Bárbaros Brancos reuniram-se. Tomaram as suas armas e os animais em que podiam montar. Os seus guerreiros eram numerosos quando subiram o Grande Rio. Mas os Servos Escolhidos sabiam da sua vinda. Não tinham dormido. Havia observado o inimigo enquanto se estavam preparando para a batalha. Então os Bárbaros Brancos partiram. Planejaram um ataque à noite, quando os Servos Escolhidos estivessem adorando os seus deuses. Mas não atingiram a sua finalidade. O sono venceu-os no caminho e os guerreiros das Tribos Escolhidas vieram cortar-lhes as barbas e as sobancelhas. Tiraram-lhes os enfeites de prata dos braços e atiraram-nos para o Grande Rio. Fizeram isto como retribuição e para os humilhar. Deste modo mostraram a sua força.

No início do décimo terceiro milênio (século décimo oitavo), os conquistadores brancos continuaram a sua progressão. Depois dos soldados vieram os mineiros, que

procuravam nos rios as pedras que brilham. Caçadores com armas e com armadilhas juntavam peles de jaguares e de antas. Os padres dos Bárbaros Brancos erguiam templos sob o sinal-da-cruz. Cento e cinquenta anos após a chegada dos primeiros navios à costa leste, o império dos Ugha Mongulala era só constituído pelos territórios da parte superior do Grande Rio, as regiões do rio Vermelho, a parte norte da Bolívia e as encostas orientais dos Andes. As comunicações com Akahim tinham desaparecido. A fronteira fortificada de oeste estava em ruínas. Os únicos sobreviventes das primitivamente poderosas Tribos Aliadas eram os componentes da Tribo dos Matadores das Antas, da Tribo dos Corações Negros, da Tribo dos Maus Espíritos e da Tribo dos Comedores de Refugo. A Tribo dos Demônios do Terror tinha fugido para a profunda vastidão das lianas. Os Vagabundos sobreviventes viviam em Akahim. Os Bárbaros Brancos avançaram inexoravelmente, destruindo o que quer que fosse que lhes opusesse ou que lhes desagradasse. Tal como a formiga dilacera a carne dos ossos do jaguar ferido, assim destruíram o império das Tribos Escolhidas.

Impotentes, os Ugha Mongulala esperavam o ataque dos inimigos. Num desespero sem forças, experimentaram o declínio do seu outrora tão poderoso império. As mulheres ainda usavam as roupas dos seus maridos; caçadores ainda seguiam o rastro do javali e guardavam-no para a estação das chuvas; os guerreiros mantinham-se vigilantes nas poderosas muralhas de Akakor sob a proteção das altas montanhas e dos profundos vales. Mas todas as vidas e ações do Povo Escolhido foram sombreadas por uma profunda tristeza. Os seus rostos eram pálidos, brancos e fatigados como as flores que se abrem nas profundidades da vastidão da liana. Onde estavam os Deuses, que haviam prometido voltar quando irmãos do mesmo sangue e do mesmo pai estivessem em perigo? Que foi feito da justiça das eternas leis, que, de acordo com o legado dos Deuses, também deviam governar os Bárbaros Brancos? O povo não viu saída. Nem sequer os sacerdotes tiveram resposta.

Este foi o começo do declínio. Este foi o inglório fim do império. Assim começou a vitória dos Bárbaros Brancos. Eram como os maus espíritos, e também fortes e poderosos. Cometiam crimes mesmo à luz do dia. E os Servos Escolhidos uniram-se. Pegaram em armas. Queriam enfrentar os Bárbaros Brancos e combater. Queriam acabar com eles nos quatro cantos do Império. Sem receio das poderosas armas, quiseram tirar vingança dos seus crimes. Porque os Servos Escolhidos nunca tinham estado tão cegos pelo poder ou pela riqueza como os Bárbaros Brancos.

A GUERRA NO GRANDE RIO

As tribos selvagens da parte baixa do Grande Rio são indolentes e tranqüilas como a água antes de chegar ao mar. Quando Lhasa expandiu o Império até à embocadura do rio, vieram ao seu encontro trazendo-lhe presentes. Saudaram os seus guerreiros com penhores de amizade. Da melhor vontade se aliaram à mais poderosa nação do mundo. Só desejavam a sua terra, onde pudessem viver em paz e tranqüilidade. Só depois da chegada dos Bárbaros Brancos começaram as tribos selvagens a alterar a sua maneira de viver. Muito embora tivessem antes suportado os Ugha Mongulala, agora serviam os Bárbaros Brancos, que lhes tinham prometido riqueza e poder. Mas os Bárbaros Brancos não sabem nada quanto ao valor das promessas. O seu coração é frio, e a sua maneira de pensar muito

estranha e complicada. Não lutam uns contra os outros pela honra de um homem ou para provar a sua força; fazem guerra só por causa das coisas. As tribos selvagens da parte baixa do Grande Rio também começaram a experimentar isto. As atrocidades que os Bárbaros Brancos cometeram eram tão horríveis que até este povo tranqüilo pegou em armas. Uniram-se e declararam guerra aos seus opressores.

Os batedores trouxeram notícias ao Alto Conselho de Akakor no que dizia respeito a esta revolta, que dentro em pouco degenerou numa luta civil entre os Bárbaros Brancos. Os relatos dos combates eram horríveis. Os Bárbaros Brancos perseguiram os rebeldes sem a mínima piedade. A coberto da escuridão, atacavam cidades e aldeias. Matavam o povo comum com armas que cuspiam fogo. Os chefes foram pendurados pelos calcanhares nas árvores e os seus corações foram cortados. Dentro em pouco a Grande Floresta ressoava com os gritos dos moribundos, Os sobreviventes arrastavam-se pelo país como se fossem sombras e pediam justiça aos Deuses, tal como está escrito na crônica:

Que espécie de povo é este que nem sequer respeita os seus próprios deuses, que mata porque se regozija com o sangue de estrangeiros? São miseráveis. São quebradores de ossos. Bateram nos seus próprios irmãos até ficarem em sangue, sugaram-nos até ficarem secos e espalharam os seus ossos pelos campos. É o que eles são: quebradores de ossos, esmigalhadores de crânios, um povo miserável.

A guerra sem perdão dos Bárbaros Brancos durou três anos. Três vezes o Sol passou de leste para oeste antes que a guerra acabasse. Então a terra no Grande Rio parecia como se tivesse sido toda limpa. Parecia uma vasta extensão de oceano, onde até os grandes navios dos Bárbaros Brancos estão perdidos. As tribos selvagens foram exterminadas. Apenas um terço da população havia sobrevivido. Mas a força dos Bárbaros Brancos também estava exausta.

Durante as décadas seguintes, os Ugha Mongulala tiveram muita necessidade de espaço para respirar. Podiam retirar-se e tornar a arranjar a defesa das restantes regiões. O meu povo tomou outra vez coragem. Sacrificou incenso e mel das abelhas e venerou a memória dos mortos.

As Tribos Escolhidas reuniram-se. Juntaram em frente de espelho dourado para dar graças pela luz, e chorar os mortos. Acenderam resina, queimaram ervas mágicas e incenso. E pela primeira vez na História, os Servos Escolhidos cantaram a canção do Sol negro, com dó e tristeza:

Maldição sobre nós,
O brilho do sol é negro.
A sua luz cobre a Terra de tristeza.
Os seus raios predizem a morte.
Maldição sobre nós.
Os guerreiros não regressaram.
Caíram na batalha do Grande Rio,
Os arqueiros e os batedores,
Os fundeiros e os lanceiros.
Maldição sobre nós,
O brilho do Sol é negro.

A escuridão cobre a Terra.

O AVANÇO DOS SERINGUEIROS

A paz nas fronteiras orientais do Império prevaleceu um curto período. Mal se tinham passado cinquenta anos depois das batalhas travadas na parte baixa do Grande Rio, os Bárbaros Brancos recuperaram-se das suas perdas. Prepararam-se para um novo ataque na Grande Floresta. De Manaus como chamam à sua maior cidade, avançaram numa grande frente para zona superior do Grande Rio, o rio Vermelho e o rio Negro. E de novo eram movidos pela sua insaciável ambição. Os Bárbaros Brancos haviam descoberto o segredo da borracha.

O meu povo conheceu o segredo da árvore da borracha há mil anos. Os nossos sacerdotes usavam a sua seiva para fazer remédios e venenos. Também a usaram para as cores da pintura de guerra e para a construção de casas. Mas o meu povo respeita as leis da natureza. Junta só pequenas quantidades de borracha, tal como os Bárbaros Brancos chamam à seiva das árvores. Evitam tudo que possa prejudicar a vida da flores.

Os Bárbaros Brancos, impiedosamente, devastaram a natureza. Enviaram para a floresta de cipós centenas de milhares de homens, levados pela promessa de uma riqueza rápida estimulada pelas armas dos chefes. Dentro de pouco tempo, o primitivamente fértil país transformou-se num desolado deserto. Este renovado avanço dos Bárbaros Brancos tornou-se mesmo mais perigoso para Akakor do que as suas campanhas cem anos antes. Nesta época contentavam-se com um rápido saque. Agora mantinham-se nas florestas. Instalavam-se e cultivavam o solo. As tribos selvagens tinham de fugir. Os que ficaram eram mortos pelos seringueiros ou ficavam presos como animais em grandes acampamentos. Generalizou-se um grande desânimo. Porque os Bárbaros Brancos não conhecem a luz de Deus, a face da Terra escureceu.

O segundo avanço dos Bárbaros Brancos surpreendeu os Ugha Mongulala, que viviam no planalto do Mato Grosso e na fronteira da Bolívia. Estes eram os mais antigos territórios tribais do meu povo. Aqui tinham vivido os nossos antepassados desde a chegada dos Deuses, há quinze mil anos. Os guerreiros foram obrigados a recuar perante o avanço dos seringueiros e dos colonos. Mesmo a maior força dos Ugha Mongulala não teria sido capaz de deter os Bárbaros Brancos. Vinham em enorme número. Os seus chefes tinham armas fortes e superiores. De modo que o Alto Conselho resolveu estabelecer uma nova fronteira do Império na Grande Catarata, no sopé dos Andes. Aqui, os Ugha Mongulala aceitaram a batalha. Daqui defenderam Akakor, tendo a vantagem da dificuldade do terreno, e resolveram morrer em nome do legado dos Primitivos Mestres.

No decorrer das batalhas, os chefes desenvolveram novas táticas. Às primeiras horas da manhã, quando os Bárbaros Brancos ainda estavam a dormir, os nossos guerreiros entraram nos acampamentos. Dominaram os guardas e levaram as choupanas, que eram construídas sobre postes, até o rio.

Os Bárbaros Branco

Nome do arquivo: A Crônica de Akakor - Karl Brugger
Pasta: C:\Leitura
Modelo: C:\Documents and Settings\Proprietário\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: A Crônica de Akakor
Assunto:
Autor: Rodolfo
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 15/3/2008 15:47
Número de alterações:1
Última gravação: 15/3/2008 15:49
Gravado por: Rodolfo
Tempo total de edição: 2 Minutos
Última impressão: 27/12/2005 07:24
Como a última impressão
Número de páginas: 68
Número de palavras: 26.320 (aprox.)
Número de caracteres: 150.024 (aprox.)